



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE

LEONARDO CEZAR TESSER

**O CONFLITO RUSSO-UCRANIANO E SEUS DESDOBRAMENTOS: UMA  
ANÁLISE A PARTIR DA GEOGRAFIA POLÍTICA**

PRESIDENTE PRUDENTE  
2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE

LEONARDO CEZAR TESSER

**O CONFLITO RUSSO-UCRANIANO E SEUS DESDOBRAMENTOS: UMA  
ANÁLISE A PARTIR DA GEOGRAFIA POLÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Conselho de Curso de Geografia da FCT/UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente, para obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Terezinha Serafim Gomes

PRESIDENTE PRUDENTE

2025

|       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| T338c | <p>Tesser, Leonardo Cezar</p> <p>O conflito russo-ucraniano e seus desdobramentos : Uma análise a partir da geografia política / Leonardo Cezar Tesser. -- Presidente Prudente, 2026</p> <p>98 p. : tabs., mapas</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente</p> <p>Orientadora: Maria Terezinha Serafim Gomes</p> <p>1. Geografia Política. 2. Geopolítica. 3. Conflito russo-ucraniano. I. Título.</p> |
|-------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

# **O CONFLITO RUSSO-UCRANIANO E SEUS DESDOBRAMENTOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA GEOGRAFIA POLÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em  
Geografia, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de  
Mesquita Filho” Campus Presidente Prudente.

*Presidente Prudente, 16 de dezembro de 2025.*

## **BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientadora: Prof. Dra. Maria Terezinha Serafim Gomes (FCT/UNESP)

---

1º Examinador: Prof. Dr. Antônio Marcos Roseira (UFABC)

---

2º Examinador: Doutorando Elvis Simões Pitoco da Silva (FCT/UNESP)

## **AGRADECIMENTOS**

A jornada de elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e minha trajetória no curso de Geografia não teriam sido possíveis sem o apoio inestimável de diversas pessoas e instituições. A elas, manifesto minha profunda gratidão.

Em primeiro lugar, dedico meus mais sinceros agradecimentos à minha mãe, Silmara Cezar, e minha futura esposa, Isadora Bozza Escher. O apoio irrestrito, tanto nos melhores quanto nos momentos de maior desafio da jornada acadêmica, foram a força fundamental para a conclusão deste trabalho. Obrigado!

À Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente, e a todo o seu corpo docente do Departamento de Geografia, por fornecerem o conhecimento, a estrutura e o ambiente acadêmico essenciais para minha formação. Em especial agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Maria Terezinha Serafim Gomes pela paciência e pelas contribuições na condução da pesquisa.

Agradeço também aos membros do Núcleo de Pesquisas e Estudos Regionais (NUPERG) e a todos os colegas da graduação. A troca de conhecimentos e a vivência coletiva foram fundamentais para o amadurecimento das ideias aqui presentes.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação e para a concretização deste projeto.

Consciente de que nenhum conhecimento é produzido isoladamente, expresso o desejo de que este trabalho possa, de alguma forma, contribuir para a pesquisa e auxiliar a trajetória de futuros estudantes, pesquisadores e a sociedade civil.

## EPÍGRAFE

*“a guerra é a mera continuação da política  
por outros meios”  
Carl von Clausewitz*

## RESUMO

O presente trabalho analisa o conflito russo-ucraniano e seus desdobramentos a partir da perspectiva da Geografia Política, buscando compreender as raízes históricas e as motivações geoestratégicas que culminaram na invasão de 2022 e na anexação da Crimeia em 2014. O objetivo principal é investigar o conflito russo-ucraniano e seus desdobramentos a partir da perspectiva de análise da Geografia Política, fundamentada em teorias clássicas e contemporâneas. A metodologia adotada consiste em revisão bibliográfica, fundamentada nas teorias de Halford Mackinder, especificamente o conceito de *Heartland* e a rivalidade entre Potência Terrestre e Marítima; de Wanderley Messias da Costa, sobre a gestão do território e o exercício do poder estatal; e de Yves Lacoste, acerca da geografia como saber estratégico e a disputa de narrativas. O estudo retoma a formação histórica dos povos eslavos e a dissolução da União Soviética para contextualizar a Ucrânia como uma zona de amortecimento (*buffer*) crítica. A análise indica que a ofensiva russa se configura como uma reação defensiva de uma potência continental visando garantir sua segurança periférica diante do cerco militar e econômico promovido pela expansão da OTAN e da União Europeia. Identifica-se, portanto, que o conflito acelera a transição da ordem global para um sistema tripolar, protagonizado por Estados Unidos, Rússia e China, levando Moscou a uma reorientação estratégica para a Ásia e ao fortalecimento da aliança sino-russa como forma de contornar o isolamento ocidental.

**Palavras-chave:** Geografia Política; Conflito Russo-Ucraniano; Geopolítica; Heartland; Ordem Global.

## ABSTRACT

This work analyzes the Russo-Ukrainian conflict and its developments from the perspective of Political Geography, seeking to understand the historical roots and geostrategic motivations that culminated in the 2022 invasion and the annexation of Crimea in 2014. The main objective is to investigate the Russo-Ukrainian conflict and its developments from the perspective of Political Geography analysis, grounded in classical and contemporary theories. The methodology consists of a bibliographic review grounded in the theories of Halford Mackinder, specifically the *Heartland* concept and the rivalry between Land Power and Sea Power; Wanderley Messias da Costa, regarding territory management and the exercise of state power; and Yves Lacoste, concerning geography as strategic knowledge and the dispute of narratives. The study revisits the historical formation of Slavic peoples and the dissolution of the Soviet Union to contextualize Ukraine as a critical buffer zone. The analysis indicates that the Russian offensive constitutes a defensive reaction by a continental power aiming to ensure its peripheral security in the face of military and economic encirclement promoted by the expansion of NATO and the European Union. Therefore, it is observed that the conflict accelerates the transition of the global order toward a tripolar system, led by the United States, Russia, and China, leading Moscow to a strategic reorientation toward Asia and the strengthening of the Sino-Russian alliance as a means to bypass Western isolation.

**Key words:** Political Geography; Russo-Ukrainian Conflict; Geopolitics; Heartland; Global Order.

## **LISTA DE MAPAS**

|                                                     |    |
|-----------------------------------------------------|----|
| Mapa 1: Localização dos países Ucrânia e Rússia     | 15 |
| Mapa 2: Expansão dos países da OTAN entre 1949-2024 | 35 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                       |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1: Ajuda militar fornecida à Ucrânia por países europeus entre janeiro de 2022 e junho de 2025 | 76 |
| Tabela 2: Evolução Anual do PIB da Federação Russa (2000–2024)                                        | 80 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                                                          |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1: Comércio Rússia-China e Rússia-União Europeia, 2014-2023 (em bilhões de US\$) | 68 |
| Gráfico 2: Ajuda internacional à Ucrânia (Jan/2022 - Jan/2023)                           | 70 |
| Gráfico 3: Ataques de drones e mísseis na Ucrânia (1, Jan - 7, Set 2025)                 | 78 |

## LISTA DE FIGURAS E MOSAICOS

|                                                                                              |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Expansão da Moscóvia                                                               | 21 |
| Figura 2: Territórios da “Grande Alemanha”                                                   | 26 |
| Figura 3: Minerais estratégicos no território ucraniano                                      | 40 |
| Figura 4: Identificação da Área Pivô                                                         | 47 |
| Figura 5: Caracterização do <i>Middletier</i>                                                | 52 |
| Figura 6: Presença militar dos EUA ao redor do mundo                                         | 66 |
| Figura 7: Evolução do Controle Militar na Ucrânia (Fev, 2022 - Jun, 2023)                    | 72 |
| Figura 8: Ofensiva na <i>Oblast</i> de Kursk                                                 | 74 |
| Figura 9: Controle avaliado do terreno no Conflito Russo-Ucraniano em 30 de novembro de 2025 | 85 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURA

AA – Acordo de Associação

BBC – British Broadcasting Corporation

BRI – Belt and Road Initiative (Iniciativa Cinturão e Rota)

CEI – Comunidade de Estados Independentes

CMI - Complexo Militar Industrial

DCFTA – *Deep and Comprehensive Free Trade Area* (Acordo de Livre Comércio Abrangente e Aprofundado)

EBRD - Banco Europeu para a Reconstrução e Desenvolvimento

EUA – Estados Unidos da América

FCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia

FMI - Fundo Monetário Internacional

HIMARS – *High Mobility Artillery Rocket System*

ISW – *Institute for the Study of War*

NLAW – *Next Generation Light Anti-tank Weapon*

NUPERG – Núcleo de Pesquisas e Estudos Regionais

OCX - Organização para Cooperação de Xangai

ONG – Organização Não Governamental

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

OUN – Organização dos Nacionalistas Ucrânicos

PAC-3 – *Patriot Advanced Capability-3*

PIB – Produto Interno Bruto

SD – *Sicherheitsdienst* (Serviço de Segurança da SS)

SS – *Schutzstaffel* (Tropa de Proteção)

SWIFT – *Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication*

UE – União Europeia

UFABC – Universidade Federal do ABC

UNESP – Universidade Estadual Paulista

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## **SUMÁRIO**

|    |                                                                                                                                   |    |
|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
|    | <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                                                 | 14 |
| 1. | <b>RAÍZES HISTÓRICO-TERRITORIAIS DO CONFLITO: DA FORMAÇÃO DO ESPAÇO ESLAVO À ORDEM PÓS GUERRA-FRIA</b>                            | 19 |
| 2. | <b>CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA POLÍTICA PARA CONFLITO RUSSO-UCRANIANO: UMA ABORDAGEM ENTRE TEÓRICOS CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS</b> | 44 |
| 3. | <b>DESDOBRAMENTOS GEOPOLÍTICOS: CENÁRIOS PARA A RECONFIGURAÇÃO DO PODER NA EURÁSIA</b>                                            | 63 |
| 4. | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                                                                                       | 90 |
| 5. | <b>REFERÊNCIAS</b>                                                                                                                | 93 |

## INTRODUÇÃO

O conflito russo-ucraniano, a maior guerra armada do século XX e a mais significativa na Europa desde 1940, faz parte de uma série de eventos que, desencadeados, resultaram na invasão do território da Crimeia em 2014 e, posteriormente, na invasão em grande escala no início do ano de 2022.

A data de 24 de fevereiro de 2022 é considerada um marco que mudou drasticamente as relações internacionais do pós-Guerra Fria. No entanto, a guerra propriamente dita começou em 2014, com a invasão russa que resultou na anexação da Crimeia (embora não reconhecida internacionalmente), e prosseguiu com hostilidades intermitentes até a nova invasão de 2022 (Guimarães; Kalout, 2022).

Entretanto, os atores do presente conflito não se resumem à Rússia e à Ucrânia. A atuação dos países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é o pilar central da defesa ucraniana, visto que o conflito é majoritariamente financiado por essas potências. Países como França, Alemanha e Estados Unidos da América estão investindo e fazendo acordos bélicos para assegurar a continuidade do conflito, juntamente com a resistência da Ucrânia enquanto um Estado independente.

Do outro lado, como aliados da Rússia, pode-se notar a presença da China e Coreia do Norte como principais apoiadores do regime de Vladimir Putin. A partir das sanções econômicas implementadas sobre a Rússia, os países asiáticos surgem como alternativa para balancear o comércio de matérias-primas (petróleo e gás derivado do petróleo) e não deixar o país isolado economicamente.

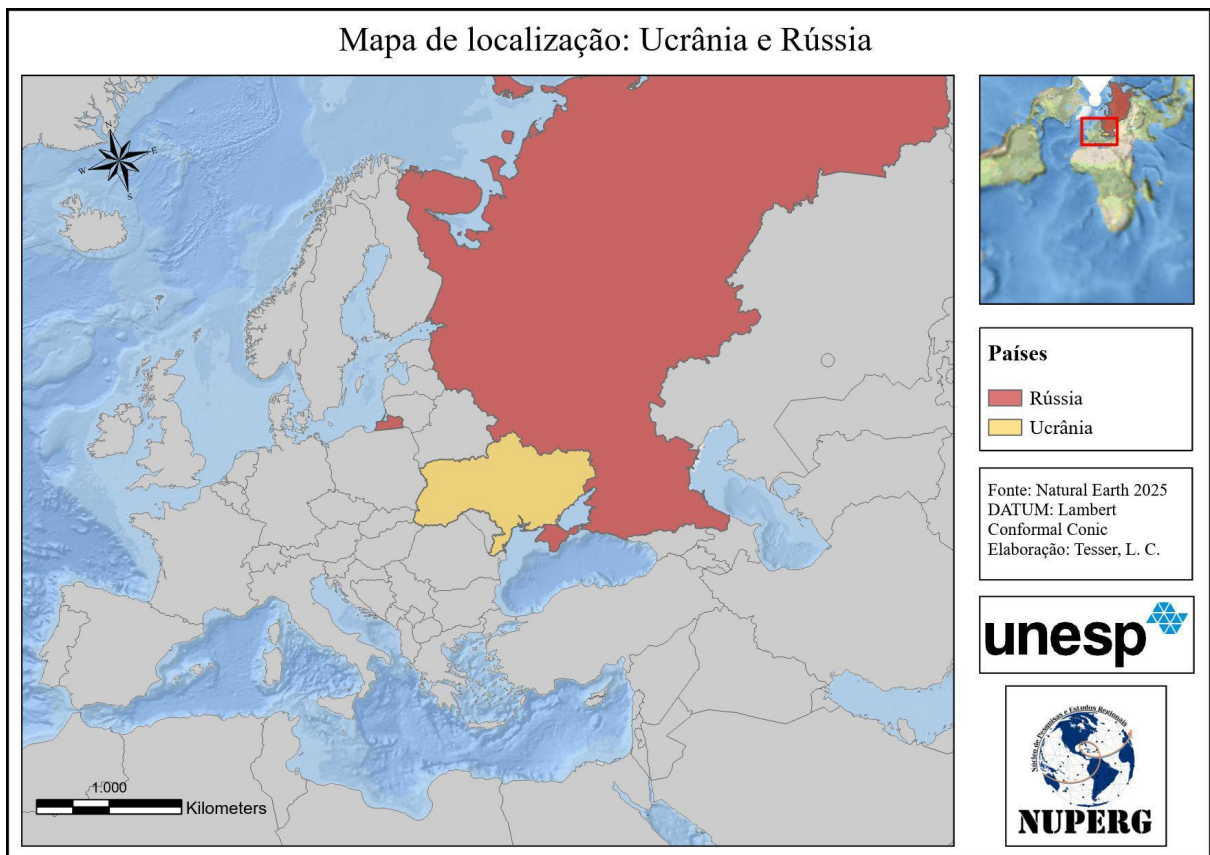
Sendo assim, segundo Costa (1992), “cabe à geografia política a tarefa nada trivial, dentre outras, de examinar e interpretar os modos de exercício do poder estatal na gestão dos negócios territoriais e a própria dimensão territorial das fontes e das manifestações do poder em geral”. No conflito atual, a geografia política ajuda a entender as disputas territoriais presentes entre os dois países palco em conflito, bem como dos interesses dos envolvidos.

A geografia política busca analisar os fatores determinantes para a história dos Estados, além da capacidade que possuem em construir sua unidade nacional interna no que diz respeito à organização política do território e, então, projetá-lo para a área da política externa. Nesse sentido, não existe um “determinismo territorial” que engloba tanto o quadro natural quanto a dimensão absoluta desse território somado com a relação entre as

potencialidades, que seriam a posição do território, seu espaço e sua coesão organizada, mas sim o condicionamento geográfico. Trata-se, portanto, de uma análise política das “regiões do globo, blocos de países, zonas de tensão e fricção, corredores de penetração, domínio ou influência em mares, oceanos e continentes” e perseguir uma representação do movimento das políticas dos Estados e dos blocos de Estados em uma escala global (Costa, 1992, p. 21).

Neste contexto, a análise do conflito russo-ucraniano a partir da ótica da geografia política permite identificar os principais atores, seus interesses e os desdobramentos prováveis consequências tanto do conflito quanto da ordem global.

**Mapa 1.** Localização dos países Ucrânia e Rússia



**Fonte:** Natural Earth, 2025. Editado pelo Autor

O Mapa 01 identifica o recorte territorial deste trabalho, que abrange os países Rússia e Ucrânia, localizados na Eurásia. Para a elaboração dos mapas desta monografia foi utilizado o *Datum Lambert Conformal Conic*, o qual possibilita uma visão mais precisa do território abordado, visto que a projeção padrão Web Mercator produz uma distorção acentuada, principalmente nos polos do globo terrestre.

Com base nas considerações realizadas anteriormente, a problemática central do trabalho é: em que medida a consolidação russa sobre a Crimeia e o Donbass, conforme evidenciado tanto no início do conflito, na Crimeia, quanto na invasão pelo Leste iniciada em 2022, pode ser analisado sob a ótica da geografia política, mais especificamente Mackinder, Lacoste e da Costa? Além disso, de que maneira a atuação da OTAN no suporte à Ucrânia e na imposição de sanções à Rússia tem intensificado o ressurgimento da Rússia no cenário internacional, desafiando a coesão e os objetivos de longo prazo da OTAN na Eurásia, especialmente em relação à disputa pelo controle e influência no que Mackinder definiu como *Heartland*?

Para isso, o presente trabalho busca tentar explicar o conflito russo-ucraniano a partir de uma análise histórica aprofundada nas raízes dos povos eslavos até o fim da URSS e a formação da ordem global que é conhecida atualmente. Em seguida, serão analisadas as contribuições de estudiosos da Geografia e Geografia Política para construir um arcabouço teórico que possa ser aplicado no presente conflito. E, por fim, a partir da análise histórica e geográfica, será feita uma tentativa de entender os possíveis desdobramentos oriundos do conflito e como isso afeta a ordem global estabelecida pós-Guerra Fria.

Assim sendo, os principais teóricos da geografia abordados no presente trabalho serão: Halford Mackinder (1904, 1919), Yves Lacoste (1976) e Wanderley Messias da Costa (1992, 2015). A análise crítica de pensadores anteriores fornece capacidade para uma reflexão mais aprimorada e sistêmica dos passos que corroboram para os desdobramentos em um futuro não muito distante. Entender a relação entre sociedade e território aponta características vitais para uma análise geográfica robusta, juntamente com os atores e interesses do conflito.

O interesse pela temática surge a partir de inquietações, questionamentos e incertezas a respeito dos caminhos que a sociedade está tomando, principalmente no campo da Geografia Política. A compreensão dos processos que resultaram no presente são cruciais para moldar e identificar os passos futuros.

Refletindo sobre estas considerações, são trazidas à luz as seguintes perguntas norteadoras: Quais foram os desdobramentos até o início do atual conflito? Quais os principais atores envolvidos no conflito? Como estes atores lidam com o conflito desde seu início? Os objetivos russos do início da guerra ainda são os mesmos depois de anos de conflito? Como o atual cenário geopolítico está se transformando devido a tensões econômicas entre potências ocidentais e orientais? Quais os desdobramentos pressupostos a partir dessa análise?

A partir dos questionamentos levantados anteriormente, parte-se da hipótese de que a ofensiva russa sobre o território da Ucrânia, especialmente a consolidação de seu controle sobre a Crimeia e a região do Donbass, é uma possível manifestação contemporânea das ideias sugeridas por Mackinder como “*Heartland*”. A Rússia, como uma potência continental, age para garantir o controle de sua periferia estratégica, que cada vez mais é sufocada pelos avanços da OTAN, podendo ser considerada uma Potência Marítima. A guerra, portanto, não é apenas sobre a Ucrânia, mas sim sobre a disputa pelo controle do coração do continente, como a última linha vermelha antes da efetiva entrada na Rússia.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral investigar o conflito russo-ucraniano e seus desdobramentos a partir da perspectiva de análise da Geografia Política, fundamentada em teorias clássicas e contemporâneas. Já os objetivos específicos buscam:

- Entender o contexto histórico e geográfico da região afetada pela guerra russo-ucraniana
- Compreender como as teorias e análises propostas por Mackinder, Costa e Lacoste se enquadram no conflito contemporâneo
- Analisar o conflito russo-ucraniano e seus desdobramentos no cenário geopolítico atual.

Para a realização e desenvolvimento deste estudo, foi realizado o levantamento bibliográfico entre artigos em periódicos, capítulos de livros, dissertações e teses, no acervo da FCT/ UNESP de Presidente Prudente-SP; assim como em indexadores acadêmicos, como o Google Acadêmico, Scielo, Periódicos CAPES, entre outros sites, buscando realizar uma revisão bibliográfica e leituras envolvendo os temas: Geografia Política Clássica; Geopolítica contemporânea; História da Rússia; Conflito Russo-Ucraniano. Para compor a visão mais abrangente possível, também foram adotadas pesquisas em veículos midiáticos Pró-Rússia como: RT (Russia Today), Sputnik News, Pravda, entre outros; Veículos midiáticos Pró-Ucrânia como: *The Kyiv Independent*, Meduza, Novaya Gazeta, entre outros; E, também veículos midiáticos com olhar ocidental como: BBC News, Reuters, *Institute for the Study of War* (ISW), entre outros. Para a elaboração das tabelas e gráficos foram utilizados dados econômicos do *Observer Research Foundation*, STATISTA, Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional.

O presente trabalho de conclusão de curso está estruturado além da introdução, em três capítulos.

O primeiro capítulo apresenta as raízes históricas das civilizações de origem eslava, assim como um retrospecto histórico dos principais períodos da formação social russa e ucraniana até o momento contemporâneo, a fim de entender as dinâmicas territoriais que antecederam o presente conflito.

O segundo capítulo diz respeito à contribuição dos autores da Geografia Política em diferentes escolas, enquadrando e analisando de maneira crítica como essas teorias clássicas e contemporâneas podem ser utilizadas para o entendimento sistêmico do conflito russo-ucraniano.

Por fim, como síntese da análise histórica e geográfica, o último capítulo culmina em uma tentativa de entender as fases do conflito e quais serão os desdobramentos no cenário global das ações que estão na escala de tempo cotidiana, mas, em um breve futuro, se tornarão fonte histórica.

## **1. RAÍZES HISTÓRICO-TERRITORIAIS DO CONFLITO: DA FORMAÇÃO DO ESPAÇO ESLAVO À ORDEM PÓS-GUERRA FRIA**

A história do local onde atualmente são estabelecidos os países da Rússia e Ucrânia possui origem nos povos conhecidos como Eslavos do Leste. Esses povos eram majoritariamente nômades e se estabeleceram nas estepes e florestas, domínios naturais característicos da região da Eurásia. Nesse território diversos povos se sucederam, como os Citas, Sarmancianos, Godos e Hunos, entre outros, até as invasões mongóis no século XIII. Durante meados do século VII, com a queda dos Hunos, os diversos povos eslavos dessa região se separaram, dividindo-se entre Eslavos do leste; Eslavos do oeste e Eslavos do sul, respectivamente originando os povos eslovenos, tchecos e eslovacos; sérvios, croatas, eslovenos e búlgaros; e os russos, maior família eslavônica dos povos indo-europeus. Esses povos estabeleceram cidades em diferentes partes da Eurásia, fortalecendo o comércio nesse território (Charles, 1964).

Uma dessas cidades foi a de Kiev, fundada pelo Rei Oleg e conhecida como ‘A mãe de todas as cidades russas’. Rus de Kiev, ou Rússia de Kiev foi o nome dado a unificação desses povos eslavos por um breve momento, construindo uma identidade nacional mesmo que muito primitiva. Esse centro comercial favoreceu a implantação de um cristianismo ortodoxo, convertendo essa população pagã para as práticas religiosas. Posteriormente, o rei Yaroslav conseguiu transformar esse centro comercial não só em um Estado coerente, mas também uma potência considerável na Europa. Seu reinado foi marcado por grandes relações diplomáticas com outros reinados e também estabelecendo o primeiro código de leis russas. Sendo assim, Charles (1964) aponta que

A era de Kiev trouxe à luz, senão uma consciência nacional russa, pelo menos um senso de unificação, entre as tribos que possuíam uma herança eslava comum a todas. Forjou, dentro de estreitos limites, uma profunda transformação cultural, através da introdução do cristianismo e de uma linguagem literária. Produziu o primeiro florescer da arte russo-bizantina. Apesar de toda a selvageria encontrada em mãos do invasor nômade, e das lutas intestinas de seus próprios princípios, estes séculos foram de frutífero crescimento na vida do povo russo. Em alguns aspectos, a Rússia de Kiev alcançou um nível de civilização apreciavelmente mais alto, do que nestes séculos foi atingido no Oeste (Charles, 1964, p.13).

Com a morte de Yaroslav, a comunidade de Kiev se sucedeu em uma série de fracassos e intrigas por poder, ocasionando a separação e desestatização do principado.

Posteriormente, esses povos que se separaram neste momento dariam origem aos povos russos e ucranianos, cerne central do objeto de estudo deste trabalho. Com o declínio dos principados, os povos migraram para longe de Kiev, iniciando um movimento de interiorização do povo russo, principalmente para o noroeste, nordeste e sudeste, desenvolvendo cidades como Novgorod e posteriormente Moscou (Braudel, 1983).

Posteriormente, se daria a consolidação do império russo propriamente dito, sendo Moscou seu principal centro comercial. Os mongóis, durante mais de três séculos, foram protagonistas de diversas invasões em diversas cidades da Rússia medieval. Essas invasões foram fontes de uma destruição incomensurável, com perda tanto de vidas quanto de propriedades, com pilhagens, incêndios, etc. Isso causou um atraso na sociedade, fazendo com que sua economia se baseasse principalmente na agricultura (Charles, 1964). Esse movimento seria entendido posteriormente como o “martelo asiático” que conduziu a sociedade europeia ao que é visto atualmente (Mackinder, 1904).

Já na época Czarista, após um Estado Russo completamente consolidado, as medidas absolutistas ficaram cada vez mais evidentes, levando à ‘russificação’ de todos os territórios que estavam sob sua zona de influência. Dois momentos dessa época são importantes para a análise, sendo o primeiro de Ivan, o Terrível, com seu reinado de 1533-1547. Seu reinado foi caracterizado por um terror generalizado nos territórios vizinhos a Moscou e, posteriormente, à Moscúvia. Também pode ser considerado “o primeiro governante com título de Czar”, com uma série de influências dos antigos imperadores bizantinos ao reconhecer que sua principal tarefa era “recuperar as terras russas que estavam nas mãos de estrangeiros” (Charles, 1964, p.62).

Nesse sentido, a retórica de Ivan IV pode ser interpretada para além do nacionalismo nascente, como uma manifestação da pulsão geopolítica continental russa. Essa necessidade de expansão e consolidação de uma vasta periferia territorial, justificada pela recuperação de terras tidas como “russas”, é um pilar histórico que fundamenta a segurança do núcleo de poder moscovita. Séculos depois, Halford Mackinder (1904) teoriza essa dinâmica, identificando esse núcleo russo como o pivô da Eurásia (coração continental), cuja segurança depende intrinsecamente do controle de seus territórios adjacentes.

A década de 1550 marcou o início da expansão imperial russa, com as vitórias de Ivan IV sobre os reinos tártaros de Astrakhan e Kazan, os primeiros Estados islâmicos a serem incorporados ao domínio de Moscou. Essa conquista representou uma inversão do ciclo de séculos de incursões islâmicas no território russo e abriu caminho para o fortalecimento do



invasão contra a Confederação da Livônia, uma entidade fraca e fragmentada que governava as terras onde hoje estão a Letônia e a Estônia e rapidamente conseguiu conquistar o território. A Rússia, buscando um acesso ao Mar Báltico, foi forçada a ceder os territórios da Livônia e Estônia para a Polônia-Lituânia e Suécia, respectivamente, resultando em uma guerra infrutífera para o czar Ivan IV, que levou ao esgotamento do país. A proposta de paz foi recusada, resultando na reunião conjunta e, em seguida, no Tratado de Lublin, no ano de 1568, que uniu a Polônia e a Lituânia, dando prosseguimento à guerra (Braudel, 1983).

A União de Lublin foi a consequência mais significativa da Guerra da Livônia para o território ucraniano. No auge do conflito contra Ivan, o Terrível, o Grão-Ducado da Lituânia se encontrava em uma situação sem poderio militar ou financeiro para enfrentar a Rússia sozinho, o Grão-Ducado precisou de uma ajuda mais robusta de seu vizinho, o Reino da Polônia, com o qual já mantinha uma união pessoal de monarcas há quase dois séculos (Braudel, 1983).

A nobreza polonesa, percebendo a fragilidade lituana, impôs condições drásticas para a ajuda militar. As negociações, que ocorreram na cidade de Lublin, foram tensas. O rei polonês Sigismundo II Augusto exigiu uma união mais profunda, que transformaria os dois estados em uma só entidade política. A Lituânia, pressionada pela urgência da guerra, não teve alternativa senão concordar. O resultado foi a República das Duas Nações, uma união que criou uma monarquia eletiva e um parlamento comum para ambos os estados. O mais importante para a história ucraniana foi a transferência de vastos territórios do Grão-Ducado da Lituânia para a Coroa da Polônia. Regiões históricas da Ucrânia, como a Volínia, a Podólia e a região de Kiev, passaram a ser administradas diretamente por Varsóvia. Essa transferência de terras teve consequências culturais e sociais imensas. A elite polonesa, com sua forte identidade católica e seu sistema de servidão, passou a governar diretamente sobre uma população majoritariamente ortodoxa e eslava oriental (Braudel, 1983).

Esse território mais ao sul, conhecido como Pequena Rússia, era onde viviam os cossacos. Sua origem está ligada às estepes da Ucrânia e do sul da Rússia nos séculos XIV e XV. Naquele período, as populações que viviam sob o domínio de grandes potências, como a Polônia, a Lituânia, o Grão-Ducado de Moscou e os tártaros, buscavam escapar da servidão, da opressão e dos impostos. Essas pessoas, que incluíam camponeses, escravos fugidos e aventureiros, migraram para as vastas e desabitadas regiões de fronteira, onde a lei e a autoridade dos impérios não alcançavam. Foi nesse ambiente hostil, mas livre, que se formaram os primeiros grupos de cossacos. Eles se organizaram em comunidades

autogovernadas, com uma forte cultura militar, a fim de se protegerem de ataques de grupos nômades e dos próprios impérios, muito parecidos com os tártaros (Charles, 1964).

Os cossacos exerceram papel fundamental na formação de uma identidade própria da Ucrânia, distinta da Rússia, ainda que, naquele contexto histórico, sua mobilização estivesse mais ligada à resistência contra a dominação polonesa e ao anticatolicismo do que a um projeto nacional ucraniano. O temor de serem reduzidos à condição servil levou-os a reivindicar reconhecimento de nobreza por parte do governo polonês e, diante da negativa, acabaram protagonizando uma revolta armada em 1648, com apoio popular, conquistando Kiev e territórios adjacentes (França, 2014).

No Império Russo, o nacionalismo ucraniano foi visto como uma ameaça, assim como durante a época da URSS. A monarquia czarista executou uma política de "russificação", proibindo o uso da língua ucraniana em publicações e em público. Essa repressão foi justificada pelo Kremlin como uma resposta a uma conspiração de Viena para enfraquecer o império, e a ascensão profissional e artística dos ucranianos no Império Russo dependia da explícita incorporação da cultura russa. Em contraste, na porção do território ucraniano controlada pelo Império Austro-Húngaro (a região da Galícia), a cultura e a língua ucranianas foram permitidas e até estimuladas, em parte para servir de contraponto ao separatismo polonês. Essa tolerância foi crucial para o florescimento do nacionalismo ucraniano na região, o que tornou a Galícia conhecida como o "Piemonte ucraniano". A Ucrânia Ocidental, por sua história de domínio dos Habsburgos, desenvolveu uma ideologia nacionalista que se articulava com uma "europeidade" perdida, da qual a Rússia, vista como "asiática", estava excluída (Makuch, 2025).

A Revolução Russa foi antecedida pela participação da Rússia czarista na Primeira Guerra Mundial na Frente Oriental. Durante esse período, a Alemanha e os demais países participantes da aliança militar chamada de “Potências Centrais” ficaram divididos em uma guerra de duas frentes. Na frente ocidental, os alvos eram franceses e britânicos, enquanto na Frente Oriental a batalha foi contra sérvios e russos (Hobsbawm, 1995).

Os alemães obtiveram sucesso na frente oriental, o que fica nítido pela batalha de Tannenberg em agosto de 1914, onde as potências centrais, com a ajuda dos austríacos, empurraram os russos para fora da Polônia. As forças russas se limitavam a contra-ataques ocasionais, enquanto sua principal estratégia eram ações contra defensivas de retaguarda. Com essa vitória ao Leste, os alemães expulsaram a “Rússia da guerra para a revolução e para fora de seus territórios europeus em 1917-18” (Hobsbawm, 1995, p.36).

Já sob o comando dos socialistas, o Tratado de Brest-Litovsk foi a materialização da saída da guerra dos russos e da cessão dos territórios da Polônia, Finlândia, Bielorrússia, países bálticos, algumas regiões turcas, um distrito da Geórgia e a Ucrânia. Somados, esses territórios constituíam 1/3 da população russa, metade de suas indústrias e 9/10 de suas minas de carvão. Esse tratado levou o governo bolchevique a uma crise interna, onde vários membros do partido se voltaram contra eles. Como desdobramento desse tratado e da crise instaurada, diversos movimentos rebeldes e separatistas aconteceram na Ucrânia, Cáucaso, Geórgia, Azerbaijão, Armênia e Sibéria. Posteriormente, com a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, parte desses territórios mencionados se tornaram Estados independentes, como no caso da Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia. A Ucrânia e Bielorrússia se envolveram na guerra civil russa e foram posteriormente anexadas pela União Soviética. Nesse momento, a capital foi transferida de São Petersburgo para Moscou (Hobsbawm, 1995).

Durante o período entre o fim da Revolução Russa e a formação da URSS, Segrillo (2023) identifica que

[...]Na confusão da guerra civil de três anos que se seguiu à Revolução Russa de 1917, algumas partes do antigo Império Russo buscaram independência. Uma delas, a Ucrânia, território que foi, na época, disputado por vários grupos diferentes (bolcheviques, exércitos brancos, o exército anarquista de Nestor Makhno, o exército alemão e os nacionalistas ucranianos). Em 22 de janeiro de 1918, a República Popular Ucraniana (com capital em Kiev) declarou independência da Rússia bolchevique após o fracasso das negociações para a formação de uma federação entre elas. Ela, com dificuldades, conseguiu existir até aproximadamente dezembro de 1920, sendo derrotada militarmente pelos bolcheviques. Após o final da Guerra Civil, em 30 de dezembro de 1922, os bolcheviques fundaram oficialmente a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), com a Ucrânia sendo uma delas. (Segrillo, 2023, p.308).

A partir disso, nota-se que os ucranianos, diferentemente de outros povos da região, não conseguiram constituir um Estado próprio após o fim da Primeira Guerra Mundial, como no caso da Polônia. Durante o período soviético, as terras historicamente “Ucranianas” só voltaram a fazer parte de seu território após a vitória da Segunda Guerra Mundial, onde Stalin retirou as partes territoriais que estavam sob domínio da Polônia, Romênia e Hungria, transferindo-as para posse da URSS. Já em 1954, Nikita Khrushchev decretou a transferência do território da Crimeia para os ucranianos. Nesse momento, “a República Socialista Soviética da Ucrânia estava, assim, com todos os territórios que, em 1991, com a dissolução

da URSS, a tornaram um país independente, com a denominação oficial de *Ucrânia*” (Segrillo, 2023, p.309).

O período da guerra civil russa foi marcado pela tentativa de diversos grupos em conquistar o poder, mas, no fim, os bolcheviques saíram vitoriosos. Os bolcheviques eram o único governo capaz de manter a Rússia com sua integridade territorial continental e isso gerou o apoio de patriotas russos hostis que, posteriormente, se tornaram o Exército Vermelho. Além disso, os partidos socialistas europeus não eram maioria, pois essas pessoas eram, majoritariamente, trabalhadores que buscavam uma vida mais justa e melhores condições de trabalho. O fascismo e posteriormente, o nazismo eram movimentos marcados pela revolução das massas com caráter nacionalista e pelos “valores tradicionais”. Movimentos desse caráter foram uma resposta à crise migratória do século XX, envoltos no ultranacionalismo (Hobsbawm, 1995).

Avançando na história até a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas após a Revolução Russa de 1917, diversas repúblicas estavam sob o guarda-chuva de Moscou, sendo a Ucrânia uma das principais, muito se deve à sua posição geográfica estratégica de acesso ao mar Negro via Crimeia e também à região do Donbass, caminho territorial para acessar a Crimeia. Não coincidentemente, esses são os principais alvos da invasão na Ucrânia, iniciada em 2014 e continuada em 2022.

É importante ressaltar que, durante o período da Segunda Guerra Mundial, o território ucraniano foi alvo de disputas entre a Alemanha Nazista comandada por Adolf Hitler e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, na época comandada por Josef Stalin. Ambos concebiam projetos de transformação política e econômica centrados nesse território, cuja importância estratégica e produtiva se mostrava crucial para suas ambições ideológicas. Hitler via na Ucrânia a possibilidade de retomar o domínio agrícola perdido após a Primeira Guerra Mundial, considerando-a o caminho para garantir recursos alimentares e espaço vital à Alemanha. Stalin, por sua vez, compreendia o mesmo território como base essencial para a consolidação de um Estado socialista industrializado, devendo sua terra e população rural serem subordinadas às metas do regime soviético. Embora divergissem em suas ideologias, ambos viam na exploração das terras ucranianas o meio para romper com os limites econômicos tradicionais e remodelar a Europa conforme suas próprias visões de poder. O domínio sobre o solo fértil e sobre os trabalhadores ucranianos tornou-se, assim, elemento central de seus projetos políticos. As consequências dessa disputa foram devastadoras: em 1933, a coletivização forçada promovida por Stalin resultou em uma fome artificial que

vitimou milhões de ucranianos; posteriormente, em 1941, Hitler invadiu a região, impondo um regime colonial marcado por massacres e pela aniquilação sistemática de judeus e prisioneiros soviéticos. Durante o período em que ambos estiveram no poder, a Ucrânia foi o epicentro da violência política e das maiores perdas humanas na Europa e no mundo (Snyder, 2012).

Durante esse período de disputas, a fome era utilizada como tática de guerra de ambos os lados. O Holodomor foi o primeiro desses períodos em que o governo soviético, retratado por Snyder (2012) como

In Soviet Ukraine in early 1933, the communist party activists who collected the grain left a deathly quiet behind them. The countryside has its own orchestra of sound, softer and slower than the city, but no less predictable and reassuring for those born to it. Ukraine had gone mute. Peasants had killed their livestock (or lost it to the state), they had killed their chickens, they had killed their cats and their dogs. They had scared the birds away by hunting them. The human beings had fled, too, if they were lucky; more likely they too were dead, or too weak to make noise. Cut off from the attention of the world by a state that controlled the press and the movements of foreign journalists, cut off from official help or sympathy by a party line that equated starvation with sabotage, cut off from the economy by intense poverty and inequitable planning, cut off from the rest of the country by regulations and police cordons, people died alone, families died alone, whole villages died alone. Two decades later, the political philosopher Hannah Arendt would present this famine in Ukraine as the crucial event in the creation of a modern “atomized” society, the alienation of all from all (Snyder, 2012, p.55).

Como desdobramento do Holodomor e de outras medidas da União Soviética (Grande Terror, Kulaks), os nazistas encontraram espaço para disseminação de informações propagandistas de que os comunistas soviéticos eram, na verdade, judeus e estavam por trás de todas as mazelas vivenciadas pelo povo ucraniano. Muitas pessoas na Europa faziam essa associação, pois, de fato, alguns líderes de partidos comunistas eram judeus, mas essa generalização, somada com as dificuldades promovidas pela União Soviética nesse território, resultaram em uma aproximação entre os nacionalistas ucranianos e o regime nazista. Os principais alvos nazistas no território ucraniano foram as cidades de Kremenets, Lutsk e Lviv (Snyder, 2012). A figura 2 ilustra a expansão do regime nazista na Europa.

**Figura 2:** Territórios da “Grande Alemanha”



**Fonte:** Enciclopédia do Holocausto, 2025

Ao contrário dos alemães, que acreditavam equivocadamente ter eliminado as elites intelectuais polonesas em seu território ocupado, o regime soviético efetivamente conseguiu suprimir grande parte dessas camadas sociais em sua zona de influência. Enquanto no Governo Geral a resistência polonesa se fortalecia, na União Soviética as redes oposicionistas eram rapidamente desmanteladas, com ativistas sendo presos, deportados ou executados. Nesse contexto, emergiu também um novo foco de contestação ao domínio soviético: os ucranianos. A antiga Polônia abrigava cerca de cinco milhões de ucranianos, que, após a anexação, passaram a viver sob o regime soviético, nem sempre de forma satisfatória. Os nacionalistas ucranianos — com experiência prévia em atividades clandestinas durante o período entreguerras — organizaram-se politicamente, redirecionando suas ações diante da nova configuração territorial e política. As políticas de coletivização e repressão impostas por Moscou geraram crescente insatisfação entre os camponeses ucranianos, muitos dos quais haviam inicialmente recebido positivamente o domínio soviético devido à promessa de redistribuição de terras. A Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN), fortalecida por esse descontentamento, passou a atacar estruturas do poder soviético. Parte de seus dirigentes mantinha antigos vínculos com os serviços de inteligência alemães e com o *Sicherheitsdienst* (SD), ligado à SS de Reinhard Heydrich, colaborando com Berlim em operações de espionagem. Em resposta, Stalin ordenou uma nova onda de deportações nas regiões

recém-anexadas do leste da Polônia, direcionada especialmente contra ucranianos. Enquanto as três primeiras deportações haviam atingido majoritariamente poloneses e judeus, as operações de maio e junho de 1941 removeram dezenas de milhares de pessoas — sobretudo ucranianos e poloneses — para assentamentos especiais no interior da União Soviética (Snyder, 2012).

Após a derrota alemã para o Exército Vermelho, que teve como principal acontecimento a operação de codinome “Operação Barbarossa”, os territórios ucranianos que estavam sob ocupação nazista foram reunificados para domínio da União Soviética. A partir disso, a URSS promoveu uma versão histórica dos acontecimentos celebrando essa reunificação e ignorando o sofrimento e a fome oriundos do regime socialista. Entretanto, algumas sociedades que estavam sob domínio nazista continuavam a associar o antisemitismo ao sentimento repulsivo perante a União Soviética. E, como quem conta a história é geralmente o vencedor do conflito, após a guerra o regime soviético reprimiu a memória do genocídio judeu na Ucrânia e consolidou a narrativa de que os “cidadãos soviéticos pacíficos” foram os verdadeiramente afetados. A partir disso, Snyder (2012) caracteriza o período como uma tentativa do poder soviético de eliminar o nacionalismo ucraniano, associando-o ao nazismo.

Nikita Khrushchev, politburo member and general secretary of the party in Ukraine, went even further. He was in charge of the struggle to defeat Ukrainian nationalists in what had been southeastern Poland, a place that before the war had been densely settled with Jews and Poles. The Germans had killed the Jews, and the Soviets had deported the Poles. Khrushchev wanted Ukrainians to thank the Soviet Union for the “unification” of their country at the expense of Poland and for the “cleansing” of Polish (Snyder, 2012, p. 401).

Sendo assim, nota-se que o território ucraniano sempre foi adjetivado como uma espécie de fronteira. A própria etimologia do nome “Ucrânia” como “território da fronteira” (*Krajina*) é, em si, uma poderosa representação geopolítica. Na abordagem de Lacoste, os nomes e as representações do espaço não são neutros; eles refletem e reforçam uma visão de mundo imposta pelos centros de poder. Ser a “fronteira” historicamente relegou a Ucrânia à condição de periferia e zona de passagem (um *buffer*) entre a Rússia e a Europa, um discurso geográfico que o Kremlin contemporâneo busca reativar para justificar sua esfera de influência e negar a soberania plena do país.

O período pós-segunda Guerra Mundial foi crucial para o desenvolvimento da União Soviética, pois, ao invés de trazer empecilhos para seu desenvolvimento

[...] na verdade trouxe soluções, pelo menos por décadas. Os impressionantes problemas sociais e econômicos do capitalismo na Era da Catástrofe aparentemente sumiram. A economia do mundo ocidental entrou em sua Era de Ouro; a democracia política ocidental, apoiada por uma extraordinária melhora na vida material, ficou estável; banuiu-se a guerra para o Terceiro Mundo. Por outro lado, até mesmo a revolução pareceu ter encontrado seu caminho para a frente. Os velhos impérios coloniais desapareceram ou logo estariam destinados a desaparecer. Um consórcio de Estados comunistas, organizado em torno da União Soviética, agora transformada em superpotência, parecia disposto a competir na corrida pelo crescimento econômico com o Ocidente. Isso se revelou uma ilusão, mas, só na década de 1960 essa ilusão começou a desvanecer-se. Como podemos ver agora, mesmo o cenário internacional se estabilizou, embora não parecesse. Ao contrário da Grande Guerra, os ex-inimigos — Alemanha e Japão — se reintegraram na economia mundial (ocidental), e os novos inimigos — os EUA e a URSS — jamais foram realmente às vias de fato (Hobsbawm, 1995, p.59).

A Guerra Fria foi o momento posterior, caracterizada pela bipolaridade no cenário geopolítico internacional dividido entre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e Estados Unidos da América. A Conferência de Yalta e a Conferência de Potsdam foram cruciais para a discussão de como a Europa agiria em decorrência da derrota do Eixo. Foi a partir daí que a URSS começou sua atuação como uma superpotência. Os EUA saíram da guerra enriquecidos, consolidando-se como “senhores econômicos do mundo”. Suas taxas de crescimento ficaram na casa dos 10% ao ano, mais rápido que nunca antes ou após esse período. Os principais benefícios para eles foram tanto sua posição geográfica distante dos palcos centrais situados na Europa quanto uma capacidade de ser o principal arsenal de seus aliados com medidas para organizar o continente europeu economicamente em ruínas após duas Guerras Mundiais (Hobsbawm, 1995).

Por outro lado, apesar do seu status de potência vitoriosa, a União Soviética saiu da guerra em condições internas calamitosas. Em termos de mudança institucional, a URSS (ao lado dos EUA) foi o único país beligerante a não ter alterações sociais e institucionais significativas, iniciando e encerrando o conflito sob o comando de Josef Stalin. No entanto, o custo humano e material da guerra impôs enormes tensões ao sistema, deixando o país em ruínas e exaurido. O sistema de industrialização sob ordem, desenvolvido na década de 1930, embora grosseiro e ineficiente, havia funcionado de maneira impressionante para transformar a URSS em uma grande economia industrial capaz de suportar e vencer a guerra. A respeito

da sua capacidade e intenções imediatas no cenário internacional, Hobsbawm (1995) afirma que

Em qualquer avaliação racional, a URSS não apresentava perigo imediato para quem estivesse fora do alcance das forças de ocupação do Exército Vermelho. Saíra da guerra em ruínas, exaurida e exausta, com a economia de tempo de paz em frangalhos, com o governo desconfiado de uma população que, em grande parte fora da Grande Rússia, mostrara uma nítida e compreensível falta de compromisso com o regime. Em sua própria periferia ocidental, continuou tendo problemas, durante anos, com as guerrilhas na Ucrânia e em outras regiões. [...] Sua postura básica após a guerra não era agressiva, mas defensiva (Hobsbawm, 1995, p.230).

Esse período foi conduzido por uma política de medo baseada na “destruição mútua inevitável” (*mutually assured destruction*) que impedia que uma das duas potências desse o primeiro passo para o desencadeamento efetivo do conflito nuclear. No fim, nenhum conflito efetivamente nuclear aconteceu, mas todos os dias na escala cotidiana permaneceu como uma realidade iminente. A questão territorial se resolveu a partir de cúpulas entre Roosevelt, Stalin e Churchill nos anos de 1943 a 1945, onde a indefinição a respeito do domínio da Alemanha e Áustria foi solucionada. Sendo, respectivamente, a divisão do país em detrimento das ocupações (ocidental e oriental) e a retirada dos ex-beligerantes da Áustria, comprometendo-se com a neutralidade. O principal atrito territorial entre as duas potências foi na Ásia, alvo este durante toda a Guerra Fria, onde efetivamente ocorreu um conflito armado. Com isso, o domínio soviético no globo estava definido por onde o Exército Vermelho tinha conquistado terras, enquanto os EUA assumiram o controle ideológico do resto do ocidente (Hobsbawm, 1995).

A Doutrina Truman, associada à política de contenção formulada por George Kennan em 1946, consolidou a postura dos Estados Unidos contra o avanço do comunismo. Para Kennan, a Rússia — fosse czarista ou bolchevique — representava uma sociedade autocrática e atrasada, cuja segurança se baseava na eliminação de potências rivais e que só compreendia a lógica da força. Nessa perspectiva, o comunismo acentuava ainda mais o potencial de ameaça russa, pois era denominado como “a mais brutal das grandes potências”. Assim, a proposta de Kennan indicava que os EUA deveriam adotar uma estratégia firme de contenção frente à expansão soviética. O ódio ao comunismo soviético enquanto ameaça externa era utilizado para angariar votos e promover a manutenção do poder, enquanto na URSS esse medo não existia (Hobsbawm, 1995).

O Plano Marshall, lançado em junho de 1947 e formalmente conhecido como Programa de Recuperação Europeia, surgiu em um momento de profunda tensão geopolítica e econômica no imediato pós-guerra. A iniciativa americana, que assumiu a forma de verbas em vez de empréstimos, foi motivada pela percepção em Washington de que o fortalecimento da economia europeia (e, posteriormente, da japonesa) era a prioridade mais urgente. Essa urgência era alimentada pelo medo americano de uma desintegração social ou revolução social nas partes da Eurásia não controladas pelos soviéticos, especialmente após a má colheita de 1946 e o rigoroso inverno subsequente. O plano tinha um propósito duplo: acelerar a transformação e modernização econômica na Europa e, geopoliticamente, atuar como o complemento lógico da aliança militar antissoviética que seria formalizada em 1949, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Hobsbawm (1995) acrescenta que

[...] os governos membros da OTAN, embora longe de satisfeitos com a política dos EUA, estavam dispostos a aceitar a supremacia americana como o preço da proteção contra o poderio militar de um sistema político antipático enquanto este continuasse existindo. Tinham tão pouca disposição a confiar na URSS quanto Washington. Em suma, “contenção” era a política de todos; destruição do comunismo, não (Hobsbawm, 1995, p. 234).

Esse período, marcado por certa intransigência de ambos os lados, foi produto da divisão entre o bloco capitalista e socialista das zonas de influência. As políticas de contenção e a criação e expansão da OTAN mostram, em um primeiro momento, a intenção de proteção, mas, ao analisar o panorama atual, foram políticas expansionistas e que causaram um sufocamento tanto na União Soviética quanto na Rússia atual. O palco dos conflitos deixou de ser a Europa e passou a ser nos países de “terceiro mundo”. Esses países passaram por algumas ondas revolucionárias durante o século XX, mas, durante a década de 1970, as revoltas foram mais acentuadas. O caráter revolucionário era mais favorável à zona de influência de Moscou do que propriamente americana, possibilitando aos soviéticos se recuperarem brevemente (Hobsbawm, 1995).

Entretanto, essas décadas subsequentes foram caracterizadas pelo governo estagnado de Brejnev, adjetivado como “uma combinação de incompetência e corrupção”. E, na verdade, tornou-se cada vez mais evidente que a própria URSS operava basicamente por um sistema de patronato, nepotismo e suborno. A crise do petróleo de 1973 quadruplicou o valor das jazidas de petróleo recém-descobertas em território soviético, gerando no regime uma autossatisfação injustificada que, posteriormente, levaria a URSS ao colapso quando o governo soviético

continuava inflando os gastos militares ano após ano em cerca de 5%. Contudo, a sociedade intelectual soviética já percebia uma mudança se aproximando, efetivamente implementada com o regime de Gorbachev (Hobsbawm, 1995).

Foi durante o período da Guerra Fria que surgiu a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), fundada no dia 4 de abril de 1949, um importante conjunto de atores que possui grande influência atualmente, cujo principal objetivo seria conter as ameaças soviéticas na Europa Ocidental. Desde então, o número de países membros da aliança vem aumentando constantemente, sendo os fundadores: Bélgica, Canadá, Dinamarca, EUA, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Países Baixos, Portugal e Reino Unido. O vácuo de poder no continente europeu em decorrência da expansão soviética promoveu espaço para a fundação de uma aliança ocidental baseada na assistência mútua e com o objetivo de garantir a liberdade e a segurança dos países que fazem parte, seja por meios políticos ou militares. Isso fez com que a segurança europeia estivesse (e ainda está) associada aos EUA. Cãnedo (2006) identifica que

A OTAN foi fundada nas bases de um tratado entre Estados membros, o que significa dizer que seus membros se comprometem a se defender mutuamente no caso de uma eventual agressão militar contra qualquer um deles. Ou seja, um ataque armado contra uma ou várias das partes constituintes, seja na Europa ou na América do Norte, será considerado um ataque à aliança como um todo. [...] Na época de sua assinatura, o Tratado tinha como propósito imediato a defesa de seus membros contra uma ameaça potencial resultante da crescente influência política e capacidade militar da URSS (Cãnedo, 2006, p. 3-4).

Apesar de considerar a OTAN uma ameaça à sua esfera de influência, a União Soviética buscou paradoxalmente um acordo de segurança europeu entre 1952 e 1954. Nesse período, a URSS apresentou propostas ao Ocidente, incluindo seu próprio ingresso na aliança e a unificação da Alemanha como um país neutro. No entanto, as iniciativas foram rejeitadas, com a questão alemã sendo o principal impasse. Como contraponto às recusas, rearmamento alemão e ingresso da Alemanha Ocidental na OTAN, os soviéticos e os países de sua esfera de influência firmaram, em 1955, um acordo multilateral de cooperação, amizade e assistência mútua conhecido como Pacto de Varsóvia. Além disso, segundo Munhoz (2020), a formação do Pacto de Varsóvia não foi motivada pela existência da OTAN em si, mas especificamente pela decisão de rearmar a Alemanha Ocidental e integrá-la à aliança atlântica. Essa interpretação é reforçada tanto pelo hiato de seis anos entre os dois eventos quanto pelas

tentativas soviéticas prévias de buscar um caminho alternativo para a segurança europeia, que se distanciava da lógica de blocos militares opostos.

Os países membros do Pacto de Varsóvia eram: URSS, Albânia, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Polônia, Romênia e Alemanha Oriental. Sua principal oposição em relação à OTAN era seu grande poderio militar, tendo a União Soviética como maior potência da aliança tanto no setor econômico quanto bélico, contribuindo com grande parte dos recursos humanos e materiais. Também forneceram apoio em conflitos globais, demonstrando sua capacidade militar, como por exemplo a Guerra do Vietnã, apoiando o Vietnã do Norte (Fernandes, 2023).

Retomando o período final da Guerra Fria, Gorbachev, o último líder soviético, promoveu diversas mudanças para retomar o crescimento econômico do país que vinha decaindo nas últimas décadas. Para ele, a corrida armamentista era o fator que privava o Estado soviético de alcançar esse desenvolvimento. Promoveu também uma série de mudanças nas lideranças do partido, substituindo personagens centrais na elaboração da política externa, como o Ministério de Relações Exteriores, o Soviete Supremo, entre outros. Assim sendo, Gorbachev precisava mudar a política externa, pois, para ele

[...] era necessário gastar menos com a máquina de guerra decorrente da Guerra Fria, com o intuito de poupar recursos e destiná-los à promoção das reformas. Mais do que isso, Gorbachev acreditava que era necessário conquistar a confiança de governos e banqueiros internacionais para conseguir os recursos que ele precisava para a concretização dos seus ambiciosos planos. Ao mesmo tempo, precisava iniciar as reformas internas para mostrar ao povo soviético e ao mundo que as suas intenções eram reais e não mero discurso ideológico (Munhoz, 2020, p. 237).

A primeira mudança econômica apresentada por Gorbachev foi denominada de Perestroika, uma mudança radical da economia baseada em dois objetivos. O primeiro era redirecionar a economia doméstica para o mercado consumidor, juntamente com o investimento para o atendimento da área social, focando na habitação e no abastecimento. Ou seja, uma mudança no sistema enraizado pelas diferentes áreas de produção da URSS. Durante o período transitório, os resultados eram bem distantes de promissores visto que existia uma resistência inercial em diferentes segmentos da sociedade. Outra mudança característica de seu governo foi a Glasnost, que visava a redução do poder político de Gorbachev com incentivo à abertura econômica, política, transparência e o estímulo à crítica do sistema pelos cidadãos soviéticos. Com isso, Munhoz (2020) argumenta que

A combinação dessas duas linhas de atuação de forma simultânea criava dificuldades quase intransponíveis para o governo. Por vezes, a economia não funcionava de modo conveniente e daí resultava a falta de produtos, porque eles não haviam sido produzidos em quantidades adequadas, estavam a ser desviados ou açambarcados. Como resultado dessa desorganização da economia, da emergência de práticas ilícitas por agentes do Estado e cidadãos, ou por equívocos cometidos pelos novos gestores, os preços disparavam e a inflação ganhava corpo. Logo, a população, que, a princípio, havia depositado grandes esperanças nas transformações propostas por Gorbachev, tendia a criticar o governo e a aderir à oposição liberal ou às forças que pretendiam o retorno ao passado recente. Nessa conjuntura, a partir de 1989 começava a haver uma grande erosão na base de sustentação de Gorbachev (Munhoz, 2020, p.240-241).

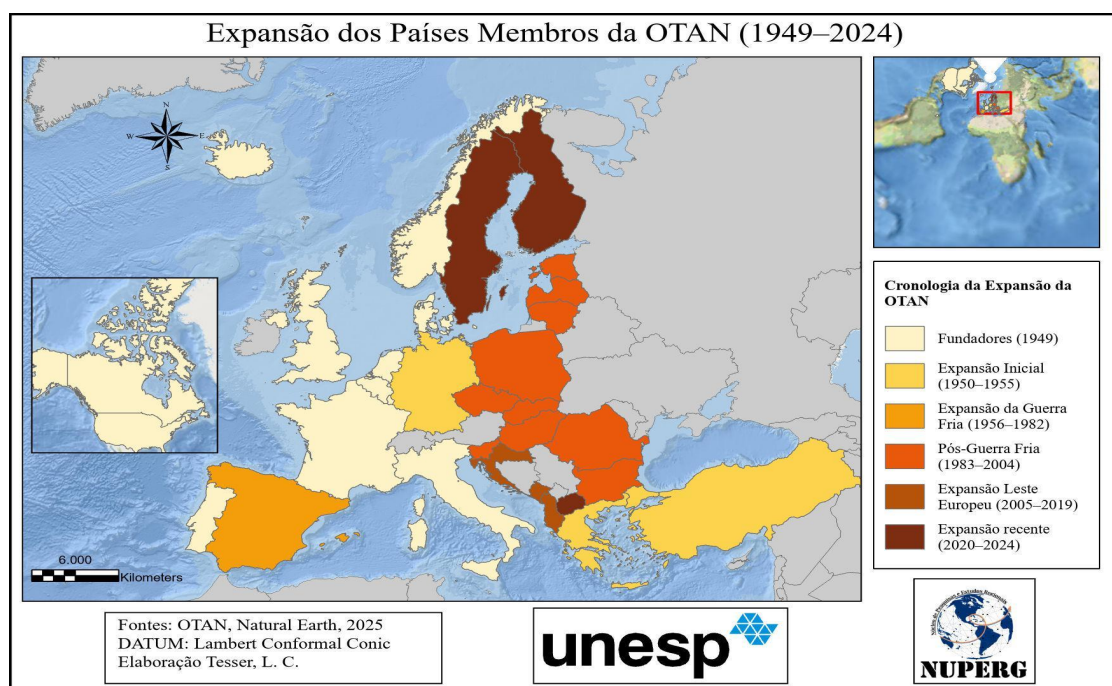
Ambas as reformas em conjunto decretaram o fim da Guerra Fria e, consequentemente, o fim da União Soviética, pois levaram a desorganização completa do sistema econômico que estava vigente a mais de meio século, principalmente com os aumentos de preços e inflação acentuada, somada com as pressões sociais pela mudança de regime incentivadas pela Glasnost. Como desdobramento da crise instaurada por Gorbachev, no ano de 1991 foi eleito o primeiro presidente da República da Rússia por meio do voto popular, Boris Yeltsin. Sua campanha foi caracterizada por apoio aos movimentos nacionalistas e separatistas das repúblicas que estavam sob a zona de influência russa e também pela aproximação ao capitalismo. A partir do caos que se encontrava a URSS, ocorre o surgimento de “uma nova Rússia”, onde seu foco central era o nacionalismo fomentado por Yeltsin. Nessa situação, buscava-se rever as fronteiras, relações econômicas e militares entre as já antigas partes da URSS. Entre agosto e setembro de 1991, praticamente todas as ex-repúblicas soviéticas proclamaram sua independência, como por exemplo a Ucrânia e Bielorrússia. Nesse contexto, foi realizada na cidade de Minsk uma cúpula entre as repúblicas eslavas (Rússia, Ucrânia e Bielorrússia) que resultou na criação da Comunidade de Estados Independentes, com o convite de abranger todas as repúblicas que estavam sob comando soviético. O principal impacto demográfico do fim da União Soviética para a Rússia foi significativamente mais drástico que a perda territorial. Embora o território controlado por Moscou tenha diminuído em aproximadamente um quarto (de 22,4 para 17 milhões de km<sup>2</sup>), a população russa encolheu quase pela metade, caindo dos 290 milhões de habitantes da antiga URSS para cerca de 150 milhões (Munhoz, 2020, p. 243-245).

Ao analisar o cenário do fim da URSS a partir do distanciamento histórico, Munhoz (2020) afirma que

[...] A independência das antigas repúblicas simplesmente destruiu o sistema de proteção construído ao longo dos períodos imperial e soviético. Dessa forma, a Rússia teve as suas fronteiras expostas em meio a um contexto internacional bastante conturbado. No Ocidente, apesar do final da Guerra Fria, os EUA e os seus principais associados decidiram não apenas manter a Otan, quando a rival que havia justificado a sua criação não mais existia, como trataram de expandi-la. Mais do que isso, incorporaram à aliança militar do Ocidente grande parte dos países que compunham a área de influência soviética na Europa Oriental e ex-repúblicas soviéticas (Munhoz, 2020 p. 245).

Com o fim do cenário característico da Guerra Fria, os motivos que haviam caracterizado a formação da OTAN não existiam mais, visto que sua principal intenção era fazer frente às ameaças soviéticas na Europa Ocidental. Entretanto, ao contrário de pôr fim à aliança, colocou-se a organização a serviço da crescente expansão do modelo capitalista estadunidense para as regiões que estavam sob domínio soviético (Munhoz, 2020).

**Mapa 2:** Expansão dos países da OTAN entre 1949-2024



**Fonte:** Otan, Natural Earth, 2025. Organizado pelo autor

O mapa 2 mostra a expansão dos países membros da OTAN, onde nota-se que países que faziam parte do Pacto de Varsóvia, como Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia e a Alemanha Oriental (a partir da reunificação em 1990), foram seduzidos pelos vencedores da

Guerra Fria a ingressar na aliança, seguindo os princípios do capitalismo e causando um estrangulamento na zona de influência do novo Estado russo.

Durante a onda de emancipações que sucedeu o fim da Guerra Fria, a principal perda da Rússia foi o território ucraniano. A Ucrânia era o lugar onde a democracia e a independência iam na contramão da concepção russa de seus interesses nacionais. Enquanto a definição russa de seu status de grande potência incluía o controle da Ucrânia, a noção russa de sua segurança nacional era incompatível com a democracia e a independência da Ucrânia. Embora a Rússia não parecesse se opor à democracia em si, ela se sentiu ameaçada à medida que novas democracias buscavam juntar-se à Europa ao ingressar na OTAN e na União Europeia. Enquanto Yeltsin assumiu o controle do Exército Vermelho, os líderes ucranianos declararam seu controle sobre tudo aquilo que estava em seu território (forças e materiais) a partir do referendo para sua independência formal. D'anieri (2019) identifica que

On December 1, Ukraine held its referendum on independence and its presidential election. All six presidential candidates supported independence. Kravchuk, the acting president, former speaker of the Verkhovna Rada, and former ideology chief the Communist Party of Ukraine, won easily, with 61.6 percent of the vote to 23.3 percent for Rukh leader Vyacheslav Chornovil, with the remainder split among the other candidates or “against all.” The referendum asked simply: “Do you support the Declaration of Independence of Ukraine?” the text of which was appended. The result was overwhelming: 92.3 percent voted in favor of independence. In every single region of Ukraine, including Crimea and the city of Sevastopol, a majority supported independence. However, in Crimea and Sevastopol, the majorities were much smaller than elsewhere: 54.2 and 57.1 percent, respectively. In both Donetsk and Luhansk Oblasts, 83.9 percent voted for independence (D'anieri, 2019, p. 72-73).

Mesmo Boris Yeltsin, que era muito mais orientado para a democracia e para o Ocidente do que outros líderes russos, buscava o controle central sobre as repúblicas, especialmente a Ucrânia. E mesmo Kravchuk, que foi eleito presidente da Ucrânia concorrendo contra um nacionalista e teve seu maior apoio no leste da Ucrânia e na Crimeia, recusou-se veementemente a comprometer a soberania da Ucrânia. Os impasses territoriais entre Rússia e Ucrânia iniciam-se a partir da Crimeia, pois para muitos russos, a Crimeia é vista como parte da Rússia, sem a qual a Rússia está incompleta. Essa crença está enraizada na fundação da Rússia em Kiev medieval, na longa história sob o Império Russo e na União Soviética, e no papel de Sevastopol como uma importante base militar na época da Guerra

Fria. Em maio de 1992, o parlamento russo aprovou uma resolução rejeitando a legalidade da transferência da Crimeia para a Ucrânia em 1954 (D'anieri, 2019).

A partir desse momento, a soberania ucraniana não estava mais em negociação. A primeira eleição presidencial na era pós-soviética ocorreu no ano de 1993, com a vitória de Leonid Kutchma, um candidato que teve como principais características de governo o reforço dos laços com a Rússia e diversos escândalos de corrupção, auxiliando na influência de oligarcas ucranianos. Ele adotou uma política "multivetorial", buscando o equilíbrio entre o Ocidente e a Rússia. Posteriormente, em 1999, conseguiu sua reeleição aumentando o autoritarismo no país e comandou o país até 2004, ano marcado por protestos conhecidos como Revolução Laranja (D'anieri, 2019).

Do outro lado da fronteira, no último dia de dezembro de 1999, Boris Yeltsin renunciou de seu cargo, instalando Vladimir Putin como presidente interino, colocando-o em posição para ganhar o cargo permanente alguns meses depois. No final de dezembro de 1999, antes de se tornar presidente interino, Putin articulou a necessidade de a Rússia ser uma grande potência e de ter um estado forte internamente. Ele afirmou que a Rússia tem sido e continuará sendo um grande país. Ele também observou que a Rússia não se tornaria em breve uma "segunda edição, digamos, dos EUA ou da Inglaterra", pois o estado e suas estruturas sempre desempenharam um papel crucial na vida do país. A consolidação do poder de Putin foi muito mais bem-sucedida do que as tentativas semelhantes de Leonid Kuchma na Ucrânia. Putin podia resistir à pressão das empresas e fazê-las servir aos seus interesses ou aos interesses do estado, sob seu governo, a Rússia buscou ativamente a reintegração do espaço pós-soviético (D'anieri, 2019).

Conforme D'anieri (2019), a eleição presidencial de 2004 foi vista como fundamental para o futuro da Ucrânia. O candidato apoiado pelo *Establishment* e por Kuchma era Viktor Yanukovych, que concorria contra Viktor Yushchenko, o herói da oposição pró-Ocidente. Com isso, a Rússia de Putin interveio fortemente com o envio de consultores e alocando recursos do governo e da mídia para apoiar a campanha de Yanukovych. A estratégia russa baseava-se na suposição de que, se a escolha fosse enquadrada como Ocidente versus Rússia, os eleitores escolheriam a Rússia, e que as táticas usadas na Rússia (fraude, controle da mídia) funcionariam na Ucrânia. Embora Yanukovych tenha sido anunciado como vencedor, pesquisas de boca de urna indicaram a vitória de Yushchenko, e falsificações no voto foram reveladas. Protestos em massa ocuparam o Maidan Nezalezhnosti. A crise foi resolvida por meio de um "pacto" que combinou a realização de um novo segundo turno da eleição com

mudanças constitucionais para reduzir o poder presidencial. Yushchenko venceu o segundo turno repetido em 26 de dezembro, com 52% dos votos. Esses fatos são conhecidos como Revolução Laranja onde

[...] Prior to the Orange Revolution, Russia and the West assumed that their underlying interests coincided, and that they could work through any problems. After the Orange Revolution, they increasingly saw each other as adversaries, and saw Ukraine as a critical area of disagreement. Similarly, it became clear that despite the 1997 Friendship Treaty, Russia and Ukraine continued to disagree fundamentally on Ukraine's independence. As leaders in both Russia and the West saw the power of protest to disrupt Russia's plans, democratization became almost inseparable from geopolitics. By the end of the Orange Revolution in January 2005, it looked as though Ukraine had made a decisive turn westward. Adrian Karatnycky wrote at the time that it "set a major new landmark in the postcommunist history of eastern Europe, a seismic shift Westward in the geopolitics of the region." Inside Ukraine, however, the "revolution" was more about continuity than change (D'anieri, 2019, p. 259).

Sendo assim, a Revolução Laranja aumentou dramaticamente a desconfiança e a hostilidade mútua entre a Rússia e o Ocidente, que passaram a ver um ao outro como adversários sobre a Ucrânia. O evento inspirou a União Europeia, que estava inicialmente hesitante, a se envolver mais, levando à promessa de uma "perspectiva europeia clara" para a Ucrânia. Essa promessa levaria eventualmente ao Acordo de Associação (AA), que desencadearia a crise de 2013. Por outro lado, a revolução foi vista por Moscou como uma subversão orquestrada pelo Ocidente, representando uma grande derrota para a Rússia, causando um sentimento de vulnerabilidade para Putin. Esses protestos foram caracterizados por Putin como uma "nova forma de guerra" destinada a derrubar seus líderes por meio de protestos em vez de invasão militar. Atualmente, esse é o conceito de Guerra Híbrida, amplamente adotado tanto pelo lado Ocidental quanto pelo lado russo. Em 2008, durante uma cúpula em Bucareste, a OTAN afirmou que a Ucrânia e a Geórgia se tornariam membros da OTAN. Esta declaração foi vista por Putin como uma ameaça intolerável, desdobrando-se na invasão russa no território da Geórgia meses depois. Essa invasão foi uma clara demonstração de poder e da determinação russa no ato de resistir à expansão ocidental em sua vizinhança. Por outro lado, o conflito reforçou a percepção ocidental de que a Rússia era uma ameaça real (D'anieri, 2019).

Como desdobramento da Revolução Laranja, no ano de 2010, a eleição de Viktor Yanukovych marcou um pivô inicial em direção à Rússia, pois buscou concentrar o poder,

ameaçando o pluralismo político da Ucrânia. Durante seu governo, o arrendamento da base de Sebastopol até 2042 foi o sinal mais claro do retorno ucraniano para a esfera de influência russa. Nesse período, a UE e a Rússia engajaram-se em uma competição de soma zero pela Ucrânia. A UE avançou com o Acordo de Associação (AA), que incluía um Acordo de Livre Comércio Abrangente e Aprofundado (DCFTA). A Rússia, por sua vez, priorizou a criação de sua União Aduaneira Eurasiana. Economicamente, os modelos indicavam que o acordo com a UE seria mais benéfico para a Ucrânia. A Rússia via o acordo com a UE como uma ameaça de perda permanente da Ucrânia, aumentando a pressão sobre Kiev com restrições comerciais conhecidas como Guerra Aduaneira de 2013, juntamente com ameaças explícitas por parte de Sergei Glazyev (Ex-Ministro das Relações Econômicas Exteriores da Rússia) de intervenções em regiões pró-Rússia caso o AA fosse assinado. Como desdobramento, em novembro de 2013, o governo ucraniano suspendeu a preparação para a assinatura do acordo, resultando no Euromaidan (D'anieri, 2019).

Os protestos iniciais contra a suspensão do AA não possuíam caráter violento, mas, a partir da repressão policial por meio das forças especiais Berkut, resultaram em protestos radicalizados, orquestrados por líderes de extrema direita nacionalistas, adotando pautas anticorrupção e garantia de eleições justas. Os protestos iniciaram em novembro de 2013, principalmente nos *Oblasts* da parte ocidental, nas cidades pró-russas a violência policial foi ainda mais acentuada. Em fevereiro ocorreu um aumento nas tensões e na violência policial a partir da morte de ativistas e de policiais, resultando na deserção de Yanukovych em 22 de fevereiro de 2014, instaurando um governo provisório comandado por Turchynov, sucedido pelas eleições por Petro Poroshenko. É importante mencionar que essas manifestações não eram necessariamente pró-Occidente, mas sim um mecanismo do povo ucraniano para buscar maior soberania e afastamento em relação à Rússia (D'anieri, 2019).

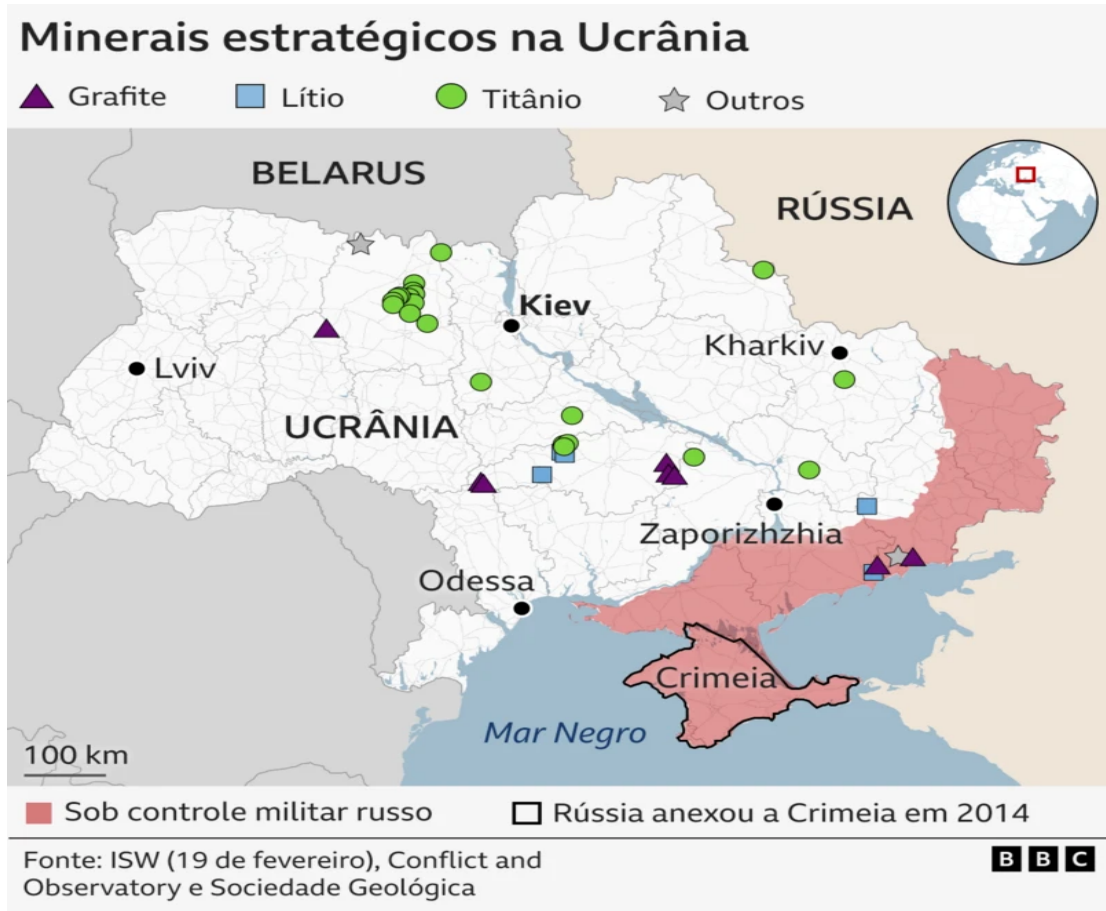
Putin viu a queda de Yanukovych como uma ótima oportunidade de causar ainda mais desestabilização no território, tomando a decisão de iniciar uma operação militar com maior foco na Crimeia. Na noite de 27 de fevereiro de 2014, soldados russos não identificados invadiram edifícios governamentais na Crimeia e, no dia seguinte, foram invadidos aeroportos e portos navais bloqueados pelo exército russo. Nesse momento, também foi colocado no comando da república da Crimeia um governador pró-russo que imediatamente solicitou intervenção armada russa no território. Posteriormente, foi realizado um plebiscito a respeito da anexação ao território russo, resultando no decreto de março que reconhece o território da Crimeia como parte da Rússia. A principal vitória com essa conquista territorial foi a base

naval de Sebastopol, muito importante para os interesses russos em águas quentes. Segundo D'anieri(2019),

While there were no international observers and few journalists on hand to document the conditions of the referendum, the turnout and vote figures that were released officially, 83 percent turnout with 95.5 percent in favor of annexation by Russia, were almost certainly false. Yevgeny Bobrov of the Russian President's Council on the Development of Civil Society and Human Rights wrote that the numbers were likely much lower: "In the opinion of practically all of the interviewed specialists and citizens: The overwhelming majority of the residents of Sevastopol voted in the referendum for joining Russia (with a turnout of 50–80%), and in Crimea [outside Sevastopol], according to various data 50–60% of voters for joining Russia, with an overall turnout of 30–50%. Given the widespread view that most Crimeans supported annexation to Russia, it is not clear why Russia did not sponsor a more orderly referendum and allow international observers and journalists to witness it. Subsequent polling by international firms indicated that most Crimeans said that they agreed with the outcome of the referendum. However, polling conducted by the Kyiv International Institute of Sociology, shortly before the fall of Yanukovych and seizure of Crimea, put support for joining Russia much lower: 41 percent in Crimea, 33 percent in Donetsk, 24 percent in Luhansk and Odessa Oblasts, and 13 percent nationwide. One interpretation is that after annexation people hesitated to say they opposed it. Another is that the ouster of Yanukovych increased Crimeans' support for annexation to Russia (D'anieri, 2019, p. 442).

Esse movimento político aumentou a popularidade de Putin, resultando no apoio ao separatismo nas regiões de Donetsk, Kharkiv e Luhansk, conhecidas como "Repúblicas Populares". Como resposta, o governo ucraniano declarou uma operação anti-terrorista na porção leste do território, entretanto com o envio de unidades regulares do exército russo em agosto de 2014 (Batalha de Ilovaisk) foi garantida a sobrevivência dos regimes separatistas, forçando a Ucrânia a aceitar um cessar-fogo desfavorável. Os acordos de Minsk-1 (setembro de 2014) e Minsk-2 (fevereiro de 2015) buscaram estabilizar a linha de contato, mas refletem contradições: ao passo que a Ucrânia defendia sua soberania e controle fronteiriço, a Rússia exigia autonomia regional e influência para as repúblicas separatistas. Apesar de o Minsk-2 ter levado a uma nova diminuição nos combates, os acordos de cessar-fogo se tornaram rotineiramente violados. Esse aumento nas tensões fez com que os líderes europeus e forças da OTAN enviassem mais tropas para os países próximos, com medo de um escalonamento ainda maior do conflito. Entretanto, a Guerra no Donbass não tinha necessariamente acabado até a intervenção em grande escala de 2022 (D'anieri, 2019).

**Figura 3:** Minerais estratégicos no território ucraniano



**Fonte:** BBC News (2025)

Na década de 2010, também ocorreu, em cenário global, um aumento do interesse nos minerais de terras raras. Estes são um conjunto de elementos cruciais para diversos setores de tecnologia de fronteira, como por exemplo o setor militar e tecnológico computacional, como a criação de superímãs, mísseis de alta precisão, lasers de alta potência, etc. Esses elementos químicos estão contidos em baixas concentrações dentro de outros minerais geologicamente mais complexos, o que torna sua extração altamente complexa. A Ucrânia abriga as maiores reservas de titânio da Europa, juntamente com depósitos de grafite e lítio. Na região Leste, como mostrado na figura 3, é onde encontram-se algumas reservas de grafite, lítio e outros minerais estratégicos. Algumas dessas reservas já estão sob domínio russo atualmente e demonstram interesses minerais no território ucraniano. Esses recursos estratégicos explicam também grande parte do interesse dos atores sob esse território, identificando um caráter de segurança energética e mineral, além das convicções ideológicas diferentes entre o Ocidente e a Rússia.

O atual presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, eleito em 2019, possuía um governo caracterizado pelo populismo somado à narrativa de forte combate à corrupção e, sob seu governo, aconteceram as maiores escaladas do conflito. Durante seu governo, ocorreu uma forte aproximação com a UE. Em 2020, a Ucrânia foi reconhecida como um “país parceiro” da OTAN e, com isso, estava no horizonte o futuro ingresso do país na aliança, visto que no ano de 2021 foi realizado um exercício militar em conjunto no Mar Negro. A partir disso, Putin iniciou o envio de militares para os territórios fronteiriços, iniciando uma pressão que se desdobrou na invasão de 2022. Nota-se que a Guerra no Donbass nunca possuiu um cessar-fogo completamente respeitado, visto que a atuação de guerrilhas e milícias de ambas as partes acontecia nesse território.

Como resultado das tentativas de aproximação entre OTAN e Ucrânia feitas por Zelensky, em fevereiro de 2022 inicia-se a “operação militar especial” por parte do exército russo em território ucraniano, agora adotando *Hard Power* em uma incursão militar de grande escala para conquistar seus objetivos militares. Ibañez e Silva (2023), após pouco mais de 1 ano de conflito, identificam algumas fases iniciais da incursão. A primeira fase foi caracterizada pela investida russa para uma rápida tentativa de tomada em Kiev a partir de diversas frentes de batalha, talvez a principal delas sendo o Massacre de Bucha juntamente com a tomada de Mariupol, Kherson e Zaporizhzhia. Não obtendo o sucesso esperado, a segunda fase é caracterizada pelo recuo dos soldados russos da capital e um foco maior na região do Donbass. Após isso, a denominada terceira fase é marcada por uma contraofensiva ucraniana com a retomada de alguns territórios como Kharkiv, além do aumento no número de reservistas. Essas fases iniciais, as posteriores e seus desdobramentos serão melhor identificados e compreendidos no capítulo 3.

A partir da contextualização histórica do território em que o conflito acontece, nota-se a participação de diferentes atores em diferentes escalas que participam do conflito russo-ucraniano. Visto a partir do Oeste, o principal é a Rússia, movida por seus interesses territoriais separatistas nas regiões afetadas invadidas, cujos objetivos principais identificados por Diniz (2020) são: assegurar o controle político sobre Luhansk e Donetsk para garantir um acesso terrestre seguro à Crimeia; enfraquecer drasticamente as forças ucranianas, eliminando sua capacidade de retomar os territórios; impedir a reconstituição das forças ucranianas para prolongar o conflito com o mínimo de custos; em reconhecimento formal da Ucrânia, sancionado internacionalmente, da anexação da Crimeia e da independência de Luhansk e Donetsk. A Ucrânia, o outro principal ator, possui como objetivos: sobreviver como unidade

política minimamente autônoma, ainda que com sacrifício de alguma parte de seu território; repelir as forças russas sem concessões territoriais, sem o reconhecimento internacional da anexação da Crimeia e independência das repúblicas do Donbass.

Ainda na escala regional, existe a atuação de entidades regionais apoiadas pela Rússia no território ucraniano, como na República Popular de Donetsk e Luhansk, com o objetivo de manter hostilidades intermitentes desde 2015. O Grupo Wagner, enquanto ainda existia integralmente, foi crucial para a conquista de territórios por parte dos russos. Por outro lado, a Ucrânia também conta com grupos paramilitares aliados e, algumas vezes, integrados às forças armadas, como o Batalhão Azov, grupo este altamente associado a ideologias fascistas e neonazistas.

Quando o conflito é abordado pela visão macro, com uma escala de atuação global, nota-se a presença de novos atores. A OTAN e seus países-membros fornecem armas modernas e apoio militar à Ucrânia, especialmente os EUA, Reino Unido e Alemanha. A União Europeia é um ator político e econômico influente que também aumentou o apoio militar à Ucrânia. Do lado russo, é mantida a "aliança sem limites" com a China desde fevereiro de 2022, que se opõe antagonicamente ao expansionismo da OTAN a partir de compartilhamento de informações críticas e desenvolvimento militar conjunto. A atuação desses agentes é feita majoritariamente pela imposição de sanções à Rússia, com uma tentativa de isolar economicamente o país, mas, ao obter contato com a China, esse problema é parcialmente resolvido.

## **2. CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA POLÍTICA PARA O CONFLITO RUSSO-UCRANIANO: UMA ABORDAGEM ENTRE TEÓRICOS CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS**

A análise do desenvolvimento histórico, apresentada no capítulo anterior, demonstrou que o atual conflito russo-ucraniano não se configura como um evento isolado, mas sim como o estopim de um processo de longa duração cujas raízes identificam diferentes momentos da formação territorial e identitária do Leste Europeu. Nota-se que o conflito opera em múltiplas escalas, envolvendo uma sobreposição de rivalidades de poder pelo controle de espaços estratégicos como a Crimeia e o Donbass, assim como a reconfiguração das zonas de influência, exemplificada pelo avanço da OTAN.

Assim sendo, para a interpretação dos fatos históricos e para a compreensão de seus desdobramentos, torna-se necessário fundamentar o arcabouço teórico-metodológico para nortear a análise a partir da geografia política. Nesse sentido, Costa (1992) caracteriza o discurso geográfico-político centralizado na relação entre poder e território e como o Estado exerce esse poder em determinado território. Portanto,

[...] cabe à geografia política a tarefa nada trivial, dentre outras, de examinar e interpretar os modos de exercício de poder estatal na gestão dos negócios territoriais e a própria dimensão territorial das fontes e das manifestações de poder no geral.[...] parte do setor identifica como geografia política o conjunto de estudos sistemáticos mais afetos à geografia e restritos às relações entre o espaço e o Estado, questões relacionadas à posição, situação, características das fronteiras, etc., enquanto a geopolítica caberia à formulação das teorias e projetos de ação voltados às relações de poder entre os Estados (Costa, 1992, p.15-16).

A questão territorial emerge, portanto, como foco central, não em um sentido determinístico onde a sociedade meramente se adapta às especificidades geográficas, mas em uma perspectiva dialética onde a ação humana e o espaço se interconstroem. A Geografia Política, nesse sentido, examina como as fronteiras — entendidas como construções políticas que podem ou não se utilizar de fatores físicos — são estabelecidas e como essa gestão territorial local se projeta na escala geopolítica global. Paralelamente, cada Estado possui uma trajetória histórica construída na busca pela consolidação de sua "unidade nacional interna", sendo a organização política de um território frequentemente definido em oposição a ameaças externas, reais ou percebidas. Dessa forma, cada região do globo é compreendida como um

produto dinâmico de relações de poder que se manifestam tanto na escala nacional quanto na internacional. A tarefa da análise da geografia política é, então, utilizar os aparatos teóricos para apreender os fatos da relação entre espaço e poder não como elementos estáticos, mas como processos históricos e contínuos (Costa, 1992).

A unidade nacional ucraniana, a partir da perspectiva russa, não é independente, remontando às origens eslavas desses povos. Isso faz com que a guerra seja justificada historicamente, enquanto a soberania ucraniana recentemente reivindicada torna-se frágil, pois é fortemente incentivada pelos líderes ocidentais que, por sua vez, não possuem interesses apenas ideológicos, mas sim de segurança nacional (minerais, energéticos, alimentares, etc).

Todas as sociedades definem formas particulares de se relacionar com o seu espaço de vivência e produção. Esse processo demonstra que a organização para a vida comunitária, o trabalho e a produção estabelecem, invariavelmente, uma relação de poder e uma determinada forma de operar sob o espaço, que se materializa no território. Dessa forma, as relações sociais de um grupo são expressas e consolidadas a partir de elementos como a língua, a cultura e, sobretudo, o território em comum. As guerras, nessa perspectiva, não podem ser pensadas exclusivamente como expansionismo de poder, mas também como uma forma de afirmação da identidade territorializada a partir da confrontação com o "estranho" ou o "outro". A sociedade que delimita um espaço de vivência e de produção define um espaço político com uma projeção territorializada de suas relações econômicas, sociais e políticas. É dessa construção interna que emerge o processo cultural e social gerido pela política que, ao se projetar externamente, se torna a política externa, representando os interesses dessa unidade nacional no cenário internacional (Costa, 1992).

No que diz respeito ao conflito russo-ucraniano, o território da Ucrânia historicamente se enquadra nessa análise. As políticas de russificação do império czarista que visavam suprimir a língua e a cultura ucraniana, com o padrão sendo repetido no período soviético com, por exemplo, o Holodomor, demonstram uma gestão territorial punitiva para com a Ucrânia. A mesma lógica manifesta-se durante a repressão ao nacionalismo ucraniano pós-segunda Guerra, associando-o ao nazismo para adotar uma estratégia para justificar as medidas tomadas. A “origem em comum” dos povos russos e ucranianos é utilizada como forma de poder pois, sob a perspectiva de Putin, justifica sua esfera de influência, mas ao mesmo tempo se mostra uma fonte de instabilidade, pois a própria existência de uma Ucrânia soberana e independente desafia a narrativa de uma sociedade única. Nota-se então que o território ucraniano nunca foi, aos olhos de Moscou, um "outro" externo, mas sim um

território-chave em sua própria "gestão interna", tornando qualquer tentativa de soberania ucraniana ou de alinhamento externo uma ameaça direta à projeção de poder russa.

As “fontes de poder” de um Estado, segundo Costa (1992), englobam os recursos naturais, a economia e a logística e são elementos cruciais que determinam a capacidade de um Estado se projetar no cenário internacional, além da gerência de seu próprio território. Isso permite identificar as motivações materiais do conflito que transcendem a questão identitária. No cenário ucraniano, são diversas questões estratégicas, como o poder agrícola, historicamente conhecido como o “celeiro da Europa”, e a presença dos minerais de terras raras, fundamentais para o desenvolvimento tecnológico, como já citado no capítulo 1. Esses materiais são fundamentais para a transição energética, principalmente para a criação de baterias de veículos elétricos, além do alto valor no setor bélico. Essa situação ilustra a corrida armamentista e militarização dos mares e oceanos, como os mares Negro e Báltico (Vitte; Moraes, 2022).

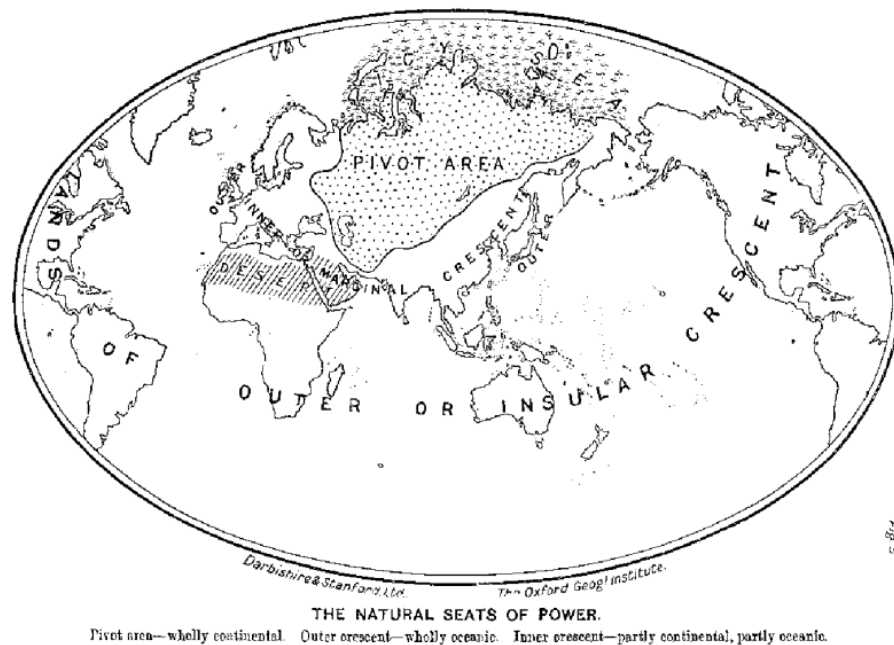
É na região do Cáucaso que ocorre a maior concentração de diversos recursos minerais energéticos e metálicos da Eurásia como petróleo e gás natural, cobre, carvão, além de minerais como tungstênio, molibdênio, alumínio, níquel, entre outros. Isso explica a disputa entre as potências com relação aos países desse recorte geográfico, fortalecendo o cerco à Rússia (Vitte; Moraes, 2022).

Ainda sob a perspectiva de Costa (1992), o Estado projeta seu poder também para a "área da política externa", processo que, conseqüentemente, leva à formação de "blocos de Estados". O período pós-segunda Guerra Mundial é caracterizado pela consolidação dessa dinâmica, com a formação de alianças militares e blocos de cooperação econômica entre as grandes potências. Isso abrange tanto blocos de defesa mútua, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e seu contraponto passado, o Pacto de Varsóvia, quanto blocos de integração econômica, como a Comunidade Europeia (atual União Europeia). A análise desses blocos é, portanto, crucial para a compreensão das tensões internacionais, pois existem regiões no globo que materializam essas zonas de fricção, como é o caso da Ucrânia. O território ucraniano tornou-se o palco da disputa contemporânea entre o bloco ocidental (UE e OTAN) e a projeção de poder russo, que escalou para o uso de *Hard Power* para manter sua zona de influência.

Para o entendimento da disputa entre os blocos retratados, Halford John Mackinder em sua obra *The Geographical Pivot of History* (1904) caracteriza o palco geopolítico situado na Eurásia a partir de uma escala macro, adotando a perspectiva de um sistema global

interconectado. Segundo o autor, a geografia influencia e condiciona a história e suas decisões estratégicas, pois cabe à sociedade humana a tomada de iniciativa que é colocada à prova pelas vantagens ou limitações que a natureza impõe ao seu potencial. Sua obra foi uma ruptura no pensamento da geografia política, pois deixava de considerar a Europa Ocidental como o centro do mundo, colocando em evidência a grande massa terrestre situada na Eurásia, denominada por ele como a “Área Pivô” (Figura 4).

**Figura 4:** Identificação da Área Pivô



**Fonte:** Mackinder (1904)

O cerne de sua teoria inicial está justamente na “Área Pivô”, uma vasta região no centro da Eurásia, mais que o dobro da Europa, conceito posteriormente redefinido por *Heartland*. Mackinder (1904) identifica esta vasta região da Eurásia como o motor histórico que moldou a própria civilização europeia. Ele argumenta que a formação social da Europa é o resultado de ondas sucessivas de "povos cavaleiros" asiáticos. Estes, emergindo das estepes através da "ampla intermitência entre as montanhas Urais e o mar Cáspio", usaram a mobilidade superior dos espaços abertos para pressionar e invadir o Leste Europeu. Como o próprio autor descreve:

[...] Durante mil anos uma série de povos cavaleiros que emergiu da Ásia através da ampla intermitência entre as montanhas Urais e o mar Cáspio cavalgou através dos espaços abertos da Rússia meridional e, na Hungria, eles desferiram o golpe crítico no próprio coração da península europeia, moldando assim a história dos grandes povos ao seu redor que se viam na necessidade de fazer-lhes frente: os russos, os alemães, os franceses, os italianos e os gregos bizantinos. Que tenham estimulado uma reação saudável e poderosa, no lugar de aplastar a oposição mediante generalizado despotismo, deveu-se ao fato de que a mobilidade de seu poder estava condicionada pelas estepes e necessariamente cessava nas florestas e nas montanhas circundantes (Mackinder, 1904, p.92).

Nota-se então que a mobilidade do poder terrestre foi o fator dinâmico dessa parte da história. Entretanto, essa mobilidade estava geograficamente condicionada pelas estepes e limitada pelas barreiras físicas das florestas e das montanhas da Europa Ocidental. A pressão constante forçou os povos europeus a se organizarem em estados-nação como uma reação para se defenderem do poder terrestre dominante na Área Pivô. A principal característica geográfico-política dessa área não é necessariamente seu tamanho, mas sim a inacessibilidade estratégica às embarcações, definida como Poder Marítimo. Nenhum curso d'água navegável no local oferece acesso direto ao oceano aberto: seus rios desaguardam em lagos salgados internos, como o Volga no Mar Cáspio, ou têm suas fozes congeladas no Oceano Ártico. A única exceção é o rio Don, que deságua no mar de Azov, permitindo acesso direto ao oceano atlântico por meio do mar Mediterrâneo. Esta configuração hidrográfica tornava o *Heartland* uma fortaleza natural, imune à projeção de poder naval que dominava a Era Colombina (Mackinder, 1904).

No que diz respeito aos recursos hídricos, existem diversos conflitos diplomáticos, políticos e científicos entre as repúblicas que vieram a se tornar independentes a partir do colapso da URSS, pois a maioria dos rios é transfronteiriço e possui águas bastante poluídas principalmente devido a atividades industriais petroquímicas, mineração e intenso uso para irrigação agrícola. O mar Cáspio e Aral também sofrem dessa problemática, pois o primeiro possui uma área superior a 370.000 km<sup>2</sup>, com sua costa sendo compartilhada entre Azerbaijão, Cazaquistão, Turcomenistão e Irã. Na parte Ocidental da Rússia, a maior parte dos rios que nascem em suas fronteiras estão situados em países que atualmente fazem parte da OTAN e da União Europeia, como os rios Neman, Dvina Ocidental e Neva, desaguardando no mar Báltico e nascendo em países como Estônia e Letônia. Os dois únicos rios que estão integralmente no

território oriental são o Don e seu afluente Donets, desaguando no mar de Azov (Vitte; Moraes, 2022).

A partir do colapso da URSS, os problemas hídricos que eram resolvidos internamente se tornaram transfronteiriços, o que dificulta a construção de políticas voltadas ao seu manejo e ao compartilhamento de seus recursos, principalmente devido a problemas políticos. A bacia do Dnieper, nascendo na Rússia e dividindo o território ucraniano, desaguando no mar Negro, especificamente na península da Crimeia, foi utilizado como limite fronteiriço no século XVIII entre o império russo e o austro-húngaro. Dessa forma, “o rio Dnieper seria a única via fluvial com capacidade de interligar o vasto território da federação russa ao Oceano Atlântico” (Vitte; Moraes, 2022, p.26).

Ao redor da Área Pivô está descrita por Mackinder a Área Marginal, ou Crescente Marginal. Essa região é marcada pelo semicírculo composto pela Europa Ocidental, Oriente Médio, Sul da Ásia e Leste Asiático, facilmente acessível ao Poder Marítimo. Então, a Potência Marítima (historicamente formada pelo Reino Unido e posteriormente pelos EUA) opera a partir do Crescente Interno. O Poder Marítimo baseia-se na navegação do oceano único e contínuo que envolve as terras divididas e insulares. A mobilidade sobre o oceano é considerada a rival natural da mobilidade sobre o cavalo e o camelo no coração do continente (posteriormente retratada pelas ferrovias). Seu poder passou pelo Estágio Fluvial, nos rios oceânicos, sendo sucedido pelo estágio talassocrático com as navegações no Mar Mediterrâneo, seguida pela navegação costeira. Então, segundo essa análise, a história mundial é fruto da colisão entre a Potência Terrestre (pressionando para fora da Área Pivô) e a Potência Marítima (pressionando para dentro a partir do crescente interno) (Mackinder, 1904).

Entretanto, a partir dos anos 1500, inicia-se a época colombina, o período em que o poder marítimo europeu alterou a dinâmica entre as potências através do descobrimento do Cabo da Boa Esperança. Esse caminho foi disruptivo, pois possibilitou o flanqueamento da Potência Terrestre, onde a potência que era pressionada pela massa continental conseguiu projetar-se ao redor não só de toda a Eurásia, mas também para outras áreas como a América do Sul. Esse momento é marcado pela expansão europeia contra a resistência quase insignificante dos países dominados. Foi nessa época também que o mapa-múndi foi completado, fazendo com que o globo terrestre se tornasse um “sistema fechado”. Para o autor,

O vasto efeito político que isso produziu foi inverter as relações entre Europa e Ásia, porque na Idade Média a Europa estava encerrada entre um deserto intransponível ao sul, um oceano desconhecido a oeste, vastidões geladas ou cobertas de florestas ao norte e a nordeste, e ao leste e a sudeste era constantemente ameaçada pela mobilidade muito superior dos homens montados em cavalos e camelos. Agora a Europa surgia para o mundo, multiplicando mais de trinta vezes a superfície marinha e as terras costeiras a que ela tinha acesso, e envolvendo com sua influência o poder terrestre eurasiático que até então havia lhe ameaçado a própria existência (Mackinder, 1904, p.96).

Ao mesmo tempo que as potências marítimas europeias tinham como alvo o expansionismo insular, o Estado russo Czarista estava expandindo-se por terra, utilizando dos Cossacos para expandir seu poder ao Sul e ao Leste, colonizando grande parte das estepes a partir dos tártaros. Com isso, a Rússia ocupou o vácuo político deixado pelos nômades asiáticos na Área Pivô, assumindo o papel da nova Potência Terrestre e continuando a dicotomia de pressão entre as potências (Mackinder, 1904).

A época Colombina deu lugar à idade pós-Colombina a partir de 1900, onde qualquer alteração das forças sociais que ocorresse nesse sistema político fechado e de escopo mundial seria sentida por todos os atores do sistema. Sua visão pragmática, ou também retratada como realismo geográfico, é vista ao analisar o globo de maneira sistemática como resultado da soma entre a análise política do equilíbrio de poder e o cenário internacional, representado pelos elementos empíricos a partir do estudo geográfico. Nessa época, acontece a reversão parcial das perdas do poder terrestre a partir do advento tecnológico das ferrovias. Essa nova forma de locomoção poderia mover recursos e tropas para todos os locais da Área Pivô, com maior facilidade e eficácia do que com cavalos. Da perspectiva econômica, seria mais eficiente e menos custoso fazer a travessia a partir das ferrovias do que as travessias marítimas (Mackinder, 1904).

No ano de 1919, Mackinder publica sua obra *Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction*, cujo principal objetivo seria desenvolver as teorias abordadas no artigo anterior, mas com o foco na criação de uma paz estável após o conflito devastador da Primeira Guerra Mundial, baseando-se no equilíbrio de poder. Nesse contexto, o autor identifica que as grandes guerras são o resultado do crescimento desigual das nações, pois a geografia não oferece igualdade de oportunidade devido ao agrupamento de terras, mares, fertilidade e vias naturais que favorecem o crescimento de impérios. Surge também o conceito de “*World Island*”, ou a Ilha Mundo, um supercontinente que une a Europa, Ásia e África como uma grande massa de terra conectada, sendo o maior bloco continental do

planeta, o centro do Poder Terrestre. Dessa forma, a Área Pivô se modifica para o conceito de “*Heartland*”. Do ponto de vista geográfico,

The northern edge of Asia is the inaccessible coast, beset with ice except for a narrow water lane which opens here and there along the shore in the brief summer owing to the melting of the local ice formed in the winter between the grounded floes and the land. It so happens that three of the largest rivers in the world, the Lena, Yenisei, and Obi, stream northward through Siberia to this coast, and are therefore detached for practical purposes from the general system of the ocean and river navigations? South of Siberia are other regions at least as large, drained into salt lakes having no outlet to the ocean; such are the basins of the Volga and Ural Rivers flowing to the Caspian Sea, and of the Oxus and Jaxartes to the Sea of Aral. Geographers usually describe these inward basins as "Continental." Taken together, the regions of Arctic and Continental drainage measure nearly a half of Asia and a quarter of Europe, and form a great continuous patch in the north and center of the continent. That whole patch, extending right across from the icy, flat shore of Siberia to the torrid, steep coasts of Baluchistan and Persia, has been inaccessible to navigation from the ocean. The opening of it by railways for it was practically roadless beforehand---and by aeroplane routes in the near future, constitutes a revolution in the relations of men to the larger geographical realities of the world. Let us call this great region the Heartland of the Continent (Mackinder, 1919, p.52).

Seu maior receio era de uma Potência Terrestre dominar todos os recursos naturais da Eurásia, concebendo uma capacidade comercial potencializada pelas estepes e, posteriormente, dominar o globo. As barbáries da guerra identificaram uma tendência das democracias de ignorar a realidade geográfica, pois tendem a focar nos princípios éticos e sociais, deixando de lado as estratégias de poder e recursos de longo prazo, a menos que precisem se defender. Além disso, é introduzido o conceito de “*Going Concern*”, uma formalização do organismo social esboçado em seu primeiro artigo ou a realidade econômica de uma sociedade moderna. Seria a forma de uma sociedade operar continuamente e eficientemente (*modus operandi*). A verdadeira força de uma sociedade está no poder da sociedade se articular e se organizar de forma produtiva, potencializada pela característica geográfica do *Heartland*. Para que nenhuma potência conseguisse pleno domínio da área denominada de *Heartland* a realidade estratégica exigia a criação de um plano de Estados fortes e independentes entre a Alemanha e Rússia (grandes potências terrestres da época) por meio de um “*Middletier*”, ou seja, uma zona de amortecimento para manter as potências separadas sem a formação de um grande bloco, caracterizado por ele como uma necessidade vital para a segurança global. Nota-se que, para o autor, o território ucraniano faz parte integralmente da Rússia e não é visto como um Estado independente (Mackinder, 1919).

**Figura 5:** Caracterização do *Middletier*



FIG. 31.—The middle tier of states between Germany and Russia. Many boundary questions have still to be determined.

**Fonte:** Mackinder (1919)

A grande relevância das teorias e conceitos de Mackinder, especialmente com os avanços propostos por sua tese de 1919, foi empiricamente visível no cenário pós-Segunda Guerra Mundial. A dicotomia entre a Potência Terrestre e a Potência Marítima tornou-se um pilar central na definição de uma ordem bipolar. A União Soviética controlava não somente o *Heartland*, mas também a maior parte da Europa Oriental, o “portão estratégico”. Em oposição clara estava o Poder Marítimo, liderado essencialmente pelos EUA, que saíram muito fortalecidos do conflito a partir do financiamento da reconstrução da Europa, aliando-se aos países da Europa Ocidental. Sua teoria de “conter” a expansão da potência continental tornou-se a política oficial da Potência Marítima. No período em questão, a Europa Oriental

não estava sendo transformada em estados livres, mas sim colocada sob controle militar e político da União Soviética.

Como demonstrado anteriormente (Capítulo 1), essa estratégia que visava conter a Potência Terrestre foi formalmente articulada por George Kennan em 1946 e adotada como a “Política de Contenção” pela Doutrina Truman em 1947. O conceito da Contenção para Kennan foi formulado no “Longo Telegrama” (1946) e sugeria uma contenção política e econômica de longo prazo, pois ele acreditava que a União Soviética era um sistema internamente fraco do ponto de vista ideológico e que caso fosse contido de maneira política, o sistema colapsaria por suas próprias contradições internas. Essa pressão econômica deveria ser utilizada sobre as nações industrializadas na Europa Ocidental e na Ásia, auxiliando na reconstrução do pós-guerra e, concomitantemente, fortalecendo as instituições democráticas que as sustentavam (Pennacchi, 2007).

Entretanto, a Doutrina Truman utilizou o conceito de Kennan e o transformou em uma estratégia militarista, global e intervencionista. A necessidade de conter a URSS em pontos estratégicos vitais levou à criação da OTAN e também à intervenção na Coreia, adotando a política de defender o mundo livre em todas as partes do globo, postura criticada posteriormente por Kennan (Pennacchi, 2007). Então, a estratégia central do poder marítimo, materializado pela OTAN, era conter a partir das forças militares a Potência Terrestre a partir da corrida armamentista e da política de destruição mútua. A linha de contenção geopolítica tornou-se uma fronteira física e ideológica conhecida como “Cortina de Ferro”, dando materialidade ao conceito de “*Middletier*” de Mackinder, pois separava o *Heartland* (controlado pela URSS) do Crescente interno (controlado pela OTAN), criando um “empate” definindo os desdobramentos da Guerra Fria.

Esse “empate” é rompido a partir do colapso da União Soviética em 1991, com a dissolução do pacto de Varsóvia, a Potência Terrestre recua e, pela primeira vez na história moderna, um verdadeiro “*Middletier*” de Estados independentes e soberanos emerge entre a Rússia e a Europa Ocidental. Dessa forma, a Ucrânia, por sua proximidade em diversas esferas com a Rússia, além de sua importância estratégica por conta de seu tamanho geográfico, sua posição geográfica de situação entre a Europa Ocidental, a Rússia e a Ásia Central e o acesso ao Mar Negro, torna-se o principal Estado-tampão nessa nova configuração territorial pós-Guerra Fria. Entretanto, a “política de contenção” da Potência Marítima não se dissolve como a de seu adversário terrestre, ela se transforma. A OTAN inicia um processo contínuo de expansão para o Leste, absorvendo metodicamente os países que anteriormente

compunham o *Middletier* (como a Polônia, Hungria e Países Bálticos). Isso fez com que a postura da Potência Marítima se alterasse, deixando de conter a Potência Terrestre e avançando sobre a zona de amortecimento, aproximando-se cada vez mais da “linha vermelha”.

O processo de expansão e alargamento da Potência Marítima, que materializa a hipótese desse trabalho sobre o sufocamento da potência continental, atinge seu ponto de inflexão máximo ao tentar aproximar-se da Ucrânia. Mackinder (1919) identifica o território ucraniano indiretamente, principalmente nas suas estepes, como o “portão” central da Europa Oriental. A disputa pelo alinhamento desse Estado, evidenciado na Revolução Laranja de 2004, não era, na ótica da Potência Terrestre, uma simples competição por influência. A verdadeira disputa era sobre qual “*Going Concern*” (organismo social) seria o protagonista na reestruturação da Ucrânia. Essa disputa também vai contra o *Middletier*, pois este só cumpre sua função de equilíbrio se for uma zona de amortecimento neutra.

O momento mais decisivo da aproximação da Potência Marítima com a Ucrânia foi durante a cúpula da OTAN em Bucareste no ano de 2008, como identificado no capítulo 1, ao declarar que a Ucrânia e a Geórgia se tornariam membros, sinalizando a sua intenção de transformar o *Middletier* de uma zona de amortecimento para uma plataforma de projeção de poder contra o *Heartland*. Nesse momento, a primeira linha vermelha foi cruzada e, como reação da Potência Terrestre, ocorreu a invasão russa na Geórgia em 2008, ato que o Ocidente enxergou como uma agressão, mas, que segundo a lógica de Mackinder, foi a defesa de sua periferia estratégica contra a quebra do equilíbrio de poder.

Dessa forma, a possível entrada da Ucrânia para a OTAN não apenas representava uma proximidade maior dos mísseis e armamentos da OTAN para com a Potência Terrestre, mas também a inviabilização de usar o rio Dnieper para a navegação e transporte de mercadorias para o oceano Atlântico. O avanço da UE sobre os países do Cáucaso também demonstra uma estratégia de estrangulamento da Rússia, resultando na aproximação do poder marítimo, impedindo o acesso desses recursos também para a China (Vitte; Moraes, 2022, p. 29).

Posteriormente, a crise do Euromaidan (2013-2014) e a subsequente anexação da Crimeia representam uma inflexão nas relações entre as potências. Da mesma forma que a invasão da Geórgia foi a reação da Potência Terrestre para manter a integridade de sua periferia terrestre, a ação na Ucrânia foi uma resposta ao colapso de seu controle político

sobre o território a partir da fuga de Yanukovych, ameaçando sua principal fraqueza geográfica: o acesso a águas quentes.

Com a iminente absorção da Ucrânia pelo *Going Concern* ocidental, a Potência Terrestre viu-se forçada a escolher entre a perda total para o ocidente ou garantir o controle físico da Crimeia. Como o *Heartland* é definido como uma fortaleza terrestre com sua principal fraqueza a hidrografia, a base naval de Sebastopol é fundamental para mitigar essa fraqueza, permitindo a manutenção do poder no Mar Negro e o acesso ao Mar Mediterrâneo pelo Estreito de Bósforo. A absorção da Ucrânia (e, portanto, da Crimeia) pela Potência Marítima não significava apenas o aprisionamento da Potência Terrestre, mas, de forma mais agressiva, a possibilidade de a Potência Marítima estabelecer uma posição de flanqueamento naval dentro da zona de acesso primária do *Heartland*. Tendo perdido a batalha pelo controle político do "portão", a anexação da Crimeia em 2014 foi uma ação militar preventiva para garantir que esta importante peça naval estratégica não fosse entregue ao seu rival geopolítico.

A partir da anexação da Crimeia, a Potência Terrestre assegurou seu ativo estratégico mais vital contra a Potência Marítima. Entretanto, o acesso ao mar estava logisticamente isolado. Nesse contexto, emerge a Guerra no Donbass (2014-2022) como a solução lógica para mitigar a vulnerabilidade, servindo como uma dupla função estratégica. As Repúblicas Populares na região do Donbass serviam como uma zona de amortecimento terrestre visando o impedimento do *Going Concern* ocidental consolidar seu poder político em uma fronteira direta com a Rússia. Além disso, pode-se dizer que a Guerra no Donbass foi uma tentativa de estabelecer um acesso terrestre seguro que conectaria a península naval isolada ao *Heartland*.

Os acordos de Minsk podem ser interpretados como a tentativa de a Potência Terrestre formalizar diplomaticamente a guerra apenas nas regiões separatistas, visando alcançar seus objetivos estratégicos sem o custo de uma ocupação total, o que foi rapidamente impossibilitado pelas recorrentes violações do cessar-fogo. Nessa ótica, a invasão em grande escala de 2022 representa o fracasso dessa estratégia, pois diante da falha dos acordos de Minsk e da contínua aproximação da Ucrânia com a OTAN, a Potência Terrestre concluiu que era impossível, a longo prazo, possuir a Crimeia (chave) enquanto a Potência Marítima controlava a Ucrânia (portão). A invasão foi a escalada final para resolver essa contradição pela força, subjugando parte do território Leste da Ucrânia para a conquista de seus objetivos estratégicos por vias militares.

Atualmente, o sistema internacional é muito diferente daquele observado por Mackinder, pois a Alemanha e o Japão não representam ameaças reais ao sistema

internacional. Os EUA assumem o papel de defesa desses países por meio de alianças firmadas após a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, acontece o surgimento da China que, a partir do poder econômico e da inovação tecnológica avançada farão que a organização do *Heartland* seja facilitada. Dessa forma, a China está em uma posição favorável nessa organização, dado que o ocidente tenta isolar economicamente a Rússia. Segundo Kassab (2024),

[...] ao se apoiarem mutuamente, a Rússia e a China aumentariam o seu poder relativo frente aos Estados Unidos e à Europa. Além disso, ao se opor a qualquer expansão da OTAN, a Rússia manteria o controle sobre a Europa Oriental, garantindo sua esfera de influência necessária para organizar o Heartland. [...] Esse estreitamento de relações, então, resultou em projetos da BRI que fortaleceram a grande estratégia da China, especialmente no que tange à segurança energética, através do desenvolvimento de oleodutos e gasodutos, minas de carvão, ferrovias, rodovias, zonas de livre comércio e tecnologias de blockchain que facilitaram a interconectividade entre os dois países (Kassab, 2024, p. 19).

O “organizador” do *Heartland*, preconizado por Mackinder como a Alemanha devido ao seu potencial industrial, pode ser reconsiderado em uma visão contemporânea pela China. O “sufocamento” proveniente da OTAN nos antigos países de influência russa fez com que a Potência Terrestre buscasse alternativas comerciais, gerando um deslocamento para o Leste. Atualmente, é a China que proporciona a transformação de sua amplidão geográfica em riquezas econômicas, além de projetar-se a partir da construção de infraestruturas por todo o mundo com foco na Ásia, África e América do Sul, além da disputa com os próprios russos e estadunidenses em relação aos recursos petrolíferos da Ásia Central e Oriente Médio (Rocha; Albuquerque, 2014).

Por outro lado, com o deslocamento forçado da economia russa para a China, surge o risco de cada vez tornar-se mais dependente dela, fortalecendo a relação, mas, ao mesmo tempo, diminuindo sua autonomia. A Iniciativa Cinturão e Rota (BRI), uma estratégia global de desenvolvimento de infraestrutura a partir de investimentos chineses, coloca-os em vantagem na busca por poder e domínio sobre a Eurásia. Antes da invasão em grande escala de 2022, já existiam sete grandes projetos da BRI em andamento na Rússia, sendo eles: o gasoduto *Power of Siberia*; o projeto de mineração no Depósito de Mezhegy; a ferrovia de alta velocidade da Eurásia; a Rodovia Meridian; a Zona de Livre Comércio do Ártico Russo; a União Econômica da Eurásia e as Tecnologias Digitais e *Blockchain*, com o foco na conectividade das redes 5g e criptomoedas (Kassab, 2024).

Nota-se então que a China assume o papel de consumidor das matérias primas do território da Eurásia mediante as sanções ocidentais para com a Rússia, construindo uma forte relação financeira, tecnológica e bélica entre ambos. Tanto a Rússia quanto a China possuem seus interesses atendidos nessa relação, potencializando ainda mais essa aliança. Mediante a guerra, os Estados da União Europeia vêm tentando reduzir sua dependência do petróleo russo diversificando seus provedores, enquanto isso a China aumenta significativamente suas compras. Dessa forma, “A infraestrutura da BRI, preparada antes da guerra, posicionou a Rússia para um conflito prolongado graças às relações sólidas com a China” (Kassab, 2024, p. 22).

Dessa forma, a aliança sino-russa resgata o argumento de Mackinder (1904) sobre a sucessão de povos asiáticos no *Heartland*, a dinâmica que funcionou como o motor histórico moldador da Europa. Entretanto, essa dinâmica é diferente na atualidade, visto que no passado os povos cavaleiros pressionavam o ocidente a partir da invasão da “Área Pivô” de forma antagônica, representada pelo “martelo asiático”, enquanto no presente a China surge como um novo “organizador” asiático a partir da articulação econômica e de infraestrutura por meio do BRI. Então, na prática, a China está se unindo com a Potência Terrestre para a consolidação contra a Potência Marítima. Enquanto os cavaleiros nômades usavam a mobilidade das estepes para “golpear” a Europa, a China usa de sua conectividade de infraestrutura, como ferrovias, gasodutos e oleodutos, para organizar o *Heartland*. Essa articulação entre os recursos naturais e a profundidade estratégica russa e a capacidade industrial e capital chinesa realiza a especulação sobre o “*Yellow Peril*”. O perigo dessa consolidação de poder seria o alinhamento das vastas capacidades do continente eurasiático com o acesso marítimo, pois a união da China e da Rússia acionaria uma frente oceânica aos imensos recursos do grande continente (MACKINDER, 1919). Dessa forma, a consolidação da Ilha mundo acontece não por conquista militar, mas sim pela aliança estratégica que desafia o domínio global da Potência Marítima.

Embora as teorias de Mackinder tenham moldado o cenário geopolítico do século XX, a dicotomia entre Potência Terrestre e Potência Marítima se mostra insuficiente para capturar a fluidez das disputas de poder atuais. No conflito russo-ucraniano, são vistas novas dimensões de poder, como o poder aéreo, evidenciado pelo uso massivo de drones e mísseis de precisão, e, de forma ainda mais disruptiva, as guerras cibernéticas e informacionais impossíveis de serem previstas no século XX. O poder atualmente se baseia em mais elementos que apenas a geografia física.

A China está em parte no arco interior, fazendo fronteira direta com o *Heartland*, mas ao mesmo tempo possui grande parte do seu território com exposição ao mar no arco exterior, assim, combinando partes das duas potências em uma só, desafiando a dicotomia de Mackinder. O BRI surge também como uma tentativa de articular o *Heartland* para projetar-se ao mar através das rodovias, ferrovias, gasodutos e oleodutos. A geografia ainda existe e é relevante nas interações entre os Estados, mas a tecnologia recente altera a forma como a geografia se expressa. As distâncias se tornam relativas e as barreiras são transpostas, por exemplo, pelo espaço aéreo. Entretanto, as características físicas não somem, pois os grandes recursos naturais, energéticos e rotas terrestres ainda são peças centrais. Os novos domínios, sendo eles as conexões aéreas, tecnologias espaciais e até mesmo a internet, remodelam os limites geográficos. Dessa forma, o território físico, embora ainda fundamental, não é mais a totalidade da estratégia de poder.

Outra forma de poder que se manifesta no conflito russo-ucraniano diz respeito às diversas narrativas que circundam o momento contemporâneo. A geografia, segundo Yves Lacoste (1976), é um “saber estratégico” utilizado, antes de mais nada, para fazer a guerra. Segundo o autor, a geografia “dos professores” serve para mascarar a verdadeira função do saber geográfico a partir de uma perspectiva meramente descritiva e falsamente neutra. A geografia “do Estado-Maior” seria a utilização ativa desse saber estratégico para controlar o território e travar guerras, entendidas não apenas como o conflito militar, mas como toda rivalidade de poder sobre um território. Assim, a geografia é vista como um instrumento de grande utilidade para aqueles que governam e fazem a guerra. A geografia dos Estados-Maiores

[...] é um conjunto de representações cartográficas e de conhecimentos variados referentes aos espaços; esse saber sincrético é claramente percebido como eminentemente estratégico pelas minorias dirigentes que o utilizam como instrumento de poder. [...] a dos professores [...] se tornou um discurso ideológico no qual uma das funções inconscientes é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. [...] Por causa disso, a minoria no poder tem consciência de sua importância, é a única a utilizá-las em função dos seus próprios interesses (Lacoste, 1976, p. 31-32).

Consequentemente, a guerra não é travada apenas a partir dos conflitos entre mísseis e drones, mas também a partir das representações geográfico-políticas. Todos os atores do conflito (Rússia, OTAN, Ucrânia, etc.) utilizam ativamente os saberes estratégicos para justificar suas ações e deslegitimar as do inimigo. Isso acontece por meio dos veículos

mediáticos e discursos dos líderes, pois não são apenas observadores neutros, mas sim atores geopolíticos que produzem representações para fazer a guerra. A “guerra” no território ucraniano também é uma guerra pela narrativa que a define. Desse modo, o “saber estratégico” consiste em um conjunto de representações e análises que se destinam a ser um instrumento de poder, é um saber político que serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra para fins político-militares (Lacoste, 1976).

Como citado anteriormente (capítulo 1), a etimologia da palavra Ucrânia é derivada do idioma eslavo “*Krajina*”, que significa “Fronteira” ou “Terras Fronteiriças”. Na ótica de Lacoste (1976), este não é um fato linguístico neutro, mas sim um “saber estratégico” que transforma o território ucraniano em uma zona de amortecimento passiva, utilizada pela Potência Terrestre como uma negação da soberania ucraniana, justificando a necessidade de influência russa sobre esse território. Além disso, a utilização de representações históricas através da narrativa de “origem em comum” que remonta à Rus de Kiev representa que a Ucrânia não é uma nação soberana, mas sim uma parte artificialmente separada da “Rússia Histórica”, justificando não uma invasão, mas sim uma reunificação. Como complemento, também existe a representação ideológica de “desnazificação” utilizada desde a época da União Soviética para reprimir o nacionalismo ucraniano ao ser associado ao nazismo.

Ainda sobre a utilização do “saber estratégico” (Lacoste, 1976) por parte da Rússia, é feita a representação geopolítica de que a OTAN é uma ameaça existencial para o Estado russo. A partir do sufocamento territorial promovido pela expansão da OTAN, a Rússia utiliza essa realidade, transformando-a em uma narrativa de “defesa justa” não apenas como uma disputa de influência, mas como a prova de uma agressão iminente por parte do Ocidente. Assim, a invasão pode ser justificada como uma guerra preventiva contra a iminente absorção do território pela Potência Marítima.

Em contrapartida, a Potência Marítima também faz o uso do “saber estratégico” (Lacoste, 1976) para justificar o financiamento e apoio à Ucrânia. A representação geopolítica ocidental caracteriza o conflito como uma luta moral para a defesa da democracia e da soberania contra a agressão autocrática por parte da Rússia. Esse discurso legitima o apoio financeiro e militar contínuo para as populações internas dos países membros, além de transformar a natureza percebida do conflito. Dessa forma, a narrativa ocidental diminui a dimensão geoestratégica caracterizada pela expansão da OTAN e enfatiza a dimensão moral (agressão vs. defesa), justificando suas ações como uma reação defensiva e não como a culminação de uma política expansionista.

Especificamente no caso do Euromaidan, existem divergências interpretativas. Para o historiador ucraniano Serhii Polkhy (2015 *apud* Poty, 2022, p. 42) esse evento é considerado uma revolução (*revolution of dignity*) que sucedeu outros dois eventos em uma luta a favor da democracia e da liberdade, sendo a independência da Ucrânia em 1991, o primeiro seguido da revolução laranja de 2004, buscando um futuro ligado à Europa. Sua interpretação baseia-se em um movimento dos ucranianos para fazer parte do Ocidente por meio da adesão à União Europeia em contraposição clara aos antigos laços com a Rússia, sendo um movimento popular orgânico sem a influência de atores externos. Em contrapartida, o autor Moniz Bandeira (2016 *apud* Poty, 2022, p.44) identifica que os EUA e União Europeia atuaram na Ucrânia com a intenção de provocar uma mudança de regime favorável aos seus interesses por meio da atuação de Organizações Não-Governamentais oferecendo suporte logístico e financeiro para desestabilizar o governo de Yanukovich.

No total, foram investidos 5 bilhões de dólares no desenvolvimento de instituições democráticas na Ucrânia desde sua independência em 1991, fazendo parte da estratégia liberal no pós-Guerra Fria, visando promover a mudança do regime sem a necessidade de um golpe militar. Assim,

[...] os Estados Unidos e seus aliados europeus financiavam e se utilizam dessas ONGs para apoiar grupos políticos e movimentos sociais que se posicionavam contra a aproximação com a Rússia e eram favoráveis a uma agenda pró-Ocidente em países que fizeram parte do antigo bloco socialista, que se davam basicamente por duas vias: a entrada na União Europeia e na OTAN (Poty, 2022, p.45).

Como identificado no capítulo anterior, um dos principais aspectos do Euromaidan foi a presença de violência nos conflitos entre policiais e manifestantes, contando com a participação de grupos paramilitares de extrema direita, ocasionando diversas mortes. A origem desses grupos paramilitares remonta ao fim da Segunda Guerra Mundial, com grupos que buscavam a independência ucraniana aliando-se a Alemanha nazista com o compartilhamento de ideais ultranacionalistas e xenófobos. Dessa forma, após o golpe, lideranças desses grupos foram colocadas em cargos-chaves no novo regime (Poty, 2022).

O governo interino tomou medidas que aumentaram as tensões com a Rússia, primeiro firmando o acordo *Association Agreement* com a União Europeia e, dois dias mais tarde, banindo a língua russa como segundo idioma oficial da Ucrânia, causando revolta na população de origem russa, com sua maioria no Leste e no Sul do país. Como a maioria da

população da Crimeia é de origem russa, Moscou contava com a rejeição de boa parte da população para com o governo provisório e ainda adotou os argumentos de que os EUA ameaçavam as minorias étnicas russas nesse território, o que justificou a anexação. Outro argumento para a anexação foi o precedente que aconteceu em Kosovo em 2008, onde os EUA e as potências europeias declararam unilateralmente a independência desse território mesmo sem a presença de um plebiscito, implementando um regime administrativo provisório regulado pelas Nações Unidas. O mesmo aconteceu nas regiões separatistas de Donetsk e Luhansk, onde se encontra a maior concentração industrial da Ucrânia com usinas de aço e reservas de carvão, com a maior parte desses trabalhadores sendo de origem russa. A produção dessa região representa um terço da economia ucraniana e haveria certa dificuldade em encontrar mercados que comprassem seus armamentos e materiais bélicos fabricados para atender os padrões russos (Poty, 2022).

Assim, segundo a narrativa de Moscou, existe uma necessidade dos EUA de construir uma narrativa sobre uma nova ameaça externa que justificaria a permanência da existência da OTAN após a Guerra Fria, uma vez que o Pacto de Varsóvia foi desfeito. Essa justificativa estaria relacionada com a proposta de um mundo unipolar liderado pelos EUA por meio da expansão da ordem liberal internacional, refletindo os valores e o modelo político doméstico estadunidense. A Rússia, por outro lado, busca a existência de um mundo multipolar para projetar-se em seu entorno assim, restabelecendo sua influência nas regiões que desde o império czarista estavam sob sua zona de influência. Nessa perspectiva, os EUA tentam intimidar os outros estados a partir da imagem de uma ameaça externa que só pode ser contida com sua ajuda imediata, como no caso da Ucrânia (Poty, 2022).

Vale ressaltar que a existência dessa guerra de narrativas impõe uma dificuldade metodológica para a interpretação da veracidade dos fatos. Se todos os atores produzem “saberes estratégicos” com o objetivo de “fazer a guerra”, o pesquisador se depara com um impasse. A narrativa russa de “desnazificação” e a narrativa ocidental de “defesa da democracia”, por exemplo, não são apresentadas como interpretações, mas como a própria realidade objetiva dos fatos apresentados. Dessa forma, a tarefa da análise a partir da geografia política não é de arbitrar a verdade absoluta entre essas narrativas, mas sim de analisar a função estratégica de cada representação e como elas são usadas para legitimar as ações no território físico.

Em suma, a fundamentação teórica que diz respeito à geografia política articula-se em três níveis complementares. Wanderley Messias da Costa (1992) fornece a definição do

campo de análise, centrada na “gestão territorial” do Estado e nas “fontes de poder”. Halford Mackinder (1904, 1919) fornece a gramática territorial estrutural com uma visão macro das relações estatais, identificando o território ucraniano como epicentro da rivalidade histórica entre Potência Terrestre e Potência Marítima. Por fim, Yves Lacoste (1976) fornece a análise do “saber estratégico”, exemplificando como os atores utilizam suas representações e narrativas para “fazer a guerra” e legitimar suas ações. Assim, o próximo capítulo visa analisar os possíveis desdobramentos do conflito abordado dentro da configuração de poder global.

Entretanto, é importante mencionar que os autores retratados possuem visões da interação entre países e do Estado diferentes. Lacoste pode ser caracterizado como um autor marxista com grande influência pós-estruturalista a partir do enfrentamento ao Estado e crítica ao sistema capitalista. Sua análise buscava entender como os “saberes” se entrelaçam com a política e como o ocidente estabeleceu esses discursos que foram incorporados nos estudos geográficos. Mackinder, por outro lado, era um autor realista com certa influência do romantismo alemão, onde defendia o Estado com sua integridade territorial (no caso, a Inglaterra) e prezava a política como ato de governo. Enquanto Costa preocupa-se com o cenário brasileiro, influenciado pelo neomarxismo e construtivismo, sendo uma das vozes da geografia crítica. Atualmente, mantém sua análise internacional baseada no construtivismo.

### 3. DESDOBRAMENTOS GEOPOLÍTICOS: CENÁRIOS PARA A RECONFIGURAÇÃO DO PODER NA EURÁSIA

A análise feita nos capítulos anteriores estabeleceu as bases históricas e o arcabouço teórico necessário para compreender a natureza estrutural do conflito russo-ucraniano. Dessa forma, o presente capítulo é dedicado à síntese desses elementos diante da realidade factual imposta pela guerra, interpretada como um marco definitivo da transição para uma nova ordem internacional.

Para a compreensão da magnitude dos desdobramentos desse conflito, utiliza-se da perspectiva de Roseira (2023), que identifica a emergência de um “Mundo Tripolar” que, diferentemente da ordem unimultipolar que caracterizou o período pós-Guerra Fria (1991-2022), marcada principalmente pela hegemonia incontestável dos Estados Unidos e seus aliados ocidentais, o cenário atual é estruturado a partir de um sistema de rivalidades interestatais em escala planetária comandado por três potências principais, sendo elas os Estados Unidos, a Rússia e a China. Nesse contexto, a invasão da Ucrânia em 2022 não é lida como um evento isolado ou regional, mas sim um ponto de ruptura no sistema de poder que impulsionou a consolidação dessa nova arquitetura global.

Entretanto, o reerguimento ou a restauração da Rússia como grande potência no cenário internacional, especialmente sob o governo de Vladimir Putin, é um processo de grande significado para o contexto atual. Segundo Costa (2015), a restauração russa ocorre após um ciclo de declínio acentuado que começa nos anos 80 e tem seu ápice com o colapso da URSS em 1991. O período pós-Guerra Fria foi caracterizado pela perda de controle e influência em toda a Europa Centro-Oriental, nos Balcãs e nas ex-Repúblicas Socialistas Soviéticas, seguida do encolhimento de seu território (perda de jazidas minerais e petrolíferas no Azerbaijão, Cazaquistão e Turcomenistão, e das terras agrícolas da Ucrânia). Em contraste, ocorre o fortalecimento estratégico-militar dos EUA e seus aliados a partir da expansão da OTAN nas antigas fronteiras do território soviético.

Então, a partir do governo Putin, ocorre uma mudança na política interna do país, representada inicialmente pela invasão militar e repressão do movimento separatista na Chetchênia. Suas prioridades eram a reconstrução do país e a restauração de seu *status* de grande potência. Para isso, iniciou-se um grande esforço para essa reconstrução que foi altamente potencializada pela elevação dos preços do petróleo e gás na época, fornecendo essas *commodities* para a Europa. A partir de 1999, também ocorre um aumento substancial

em seus gastos militares, modernizando e investindo em suas forças armadas, participando ativamente na exportação bélica mundial, sendo o segundo maior exportador global. Nesse contexto, também ocorre o estímulo a uma doutrina geopolítica clássica, identificando a “Grande Rússia” como um país de natureza territorial-continental e euroasiática desde a época czarista, sendo um processo contínuo na atualidade. Costa (2015) identifica que

Um aspecto notável da história da Rússia é o amálgama da sua evolução social, econômica, política e cultural com a particular configuração e formação do território nacional e o modo como isso se desdobra interna e externamente na geopolítica. Em outros termos, a longa trajetória da sua constituição enquanto Estado-Nação moderna - contrastando com as dos seus congêneres europeus - é marcada por um complexo quadro de processos superpostos e interconectados, no qual a construção e a consolidação do Estado praticamente se confundem com a expansão e a configuração do seu território. Por isso, e neste caso abstraindo suas respectivas particularidades históricas, certamente que a Prússia, mas também a Rússia, são os arquétipos do que podemos aqui denominar de Estado Territorial ratzeliano. (Costa, 2015, n.p.)

Dessa forma, Costa (2015) caracteriza a estratégia atual russa como “essencialmente geopolítica”, impulsionando-a em direção a dois objetivos principais. O primeiro é identificado como “frente ocidental”, onde a busca é por “contrastar e conter duramente os EUA/OTAN em suas políticas de expansão/contenção em direção ao leste”, somada a reconquista de sua antiga órbita de influência (Ucrânia, Lituânia, Letônia, Estônia, Moldávia, Geórgia, Armênia e o Ártico), denominadas de “Entorno Regional Estratégico”, onde apresentam grande valor estratégico pelas suas jazidas de petróleo, gás e novas rotas interoceânicas. Esse movimento pode ser visto em diferentes momentos, como a invasão na Geórgia em 2008, apoiando os regimes separatistas nas províncias de Ossétia do Sul e Abkházia, proclamando sua independência e passando a integrar a órbita política e econômica da Rússia. Além, é claro, de seu principal alvo, a Ucrânia, onde Moscou tem atuado de maneira incisiva em explícita confrontação ao Ocidente por meio da Guerra no Donbass, da anexação da Crimeia e da atual incursão de grande escala a partir de 2022.

O segundo é sua projeção para o leste, expressando-se

[...] sobretudo, por um acentuado esforço de aproximação com a China, país com o qual tem história marcada pela alternância entre períodos de cooperação (como o fundamental apoio russo à revolução chinesa entre 1946 e 1949) e rivalidades, neste caso envolvendo graves disputas fronteiriças nos anos 1960. Esse longo ciclo de relações envolveu diversos tratados (o primeiro é de 1689) e, na sua etapa atual, claramente tendendo à convergência entre os dois países,

consolidou-se com o acordo de demarcação de fronteiras em 1991 que estabeleceu a partilha dos territórios em disputa e com o Tratado de 2004 que estabeleceu as fronteiras comuns, a sua desmilitarização e os direitos de circulação e comércio (Costa, 2015, n.p.)

Essa aproximação avança a partir da criação da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX) em 2013, um mecanismo econômico, mas com compromissos de natureza político-estratégica e militar. Também é evidenciado a partir do Acordo Energético bilateral para o fornecimento de gás por 30 anos à China. Esses movimentos realçam a formação de um Bloco Euroasiático capaz de confrontar o poder político e militar da aliança liderada pelos EUA/OTAN, configurando uma nova ordem mundial de caráter tripolar. Assim, a restauração russa busca por equilíbrio de poder a partir do padrão clássico da política internacional em busca da defesa de seus interesses e no aumento de suas reservas de poder. Esse processo representa a retomada do caminho clássico de grandes potências para manter ou aumentar seu poder com base na diplomacia, mas caso não obtenha sucesso, por meio da máquina de guerra (Costa, 2015).

Logo, o conflito atual é essencialmente a reação russa ao que Roseira (2023) define como um “duplo cercamento” imposto pelo ocidente, sendo o primeiro vetor o cerco militar e o segundo o cerco econômico. O cerco militar é materializado pela contínua expansão da OTAN em direção ao Leste Europeu, ocupando os espaços de segurança tradicionalmente ocupados pela União Soviética. O cerco econômico opera por meio da expansão da União Europeia e da imposição de sanções que visam asfixiar as bases materiais do poder russo. A tentativa russa de romper esse cerco no “portão” ucraniano, embora tenha falhado inicialmente em seu objetivo de assegurar uma vitória rápida, resultou na cristalização de blocos geopolíticos antagônicos.

A figura 6 identifica as bases militares norte-americanas no território global, evidenciando o cercamento em relação à Ásia e à Europa Oriental. A presença dessas bases, dispostas estrategicamente ao longo do que Mackinder define como Crescente Interno (Europa Ocidental, Oriente Médio e borda do Pacífico), amplia o conceito da expansão do poder marítimo além da OTAN. A alta concentração de tropas na Alemanha (33.948), Japão (53.713) e Coreia do Sul (26.414) evidencia também a capacidade dos EUA projetar seu *Hard Power* e manter a contenção iniciada na época da Guerra Fria.

**Figura 6:** Presença militar dos EUA ao redor do mundo



**Fonte:** Al Jazeera (2021)

Diante dos cercamentos, o Kremlin implementa uma “estratégia de transposição geográfica”, pois, ao encontrar-se incapacitado de romper o bloqueio euro-atlântico frontalmente sem uma guerra total, a Rússia redireciona seu eixo geopolítico para a Ásia, buscando perante a aliança sino-russa a profundidade estratégica necessária para sobreviver. Essa parceria não acontece apenas no âmbito comercial, mas uma articulação entre os recursos energéticos e militares para auxiliar na ascensão chinesa, enquanto Pequim oferece o suporte econômico e tecnológico para que a Rússia mantenha sua autonomia frente ao Ocidente. Essa manobra resgata a “racionalidade geopolítica” russa clássica, priorizando a integridade territorial e a projeção de poder sobre seus entornos estratégicos para a sobrevivência do Estado. Portanto, o conflito russo-ucraniano pode ser entendido a partir da disputa entre a “realpolitik” russa, protagonizada por Putin, e a “idealkpolitik” liderada pelos EUA desde o fim da Guerra Fria, resultando em uma aceleração na transição da ordem unimultipolar para a tripolar (Roseira, 2023). Dessa forma,

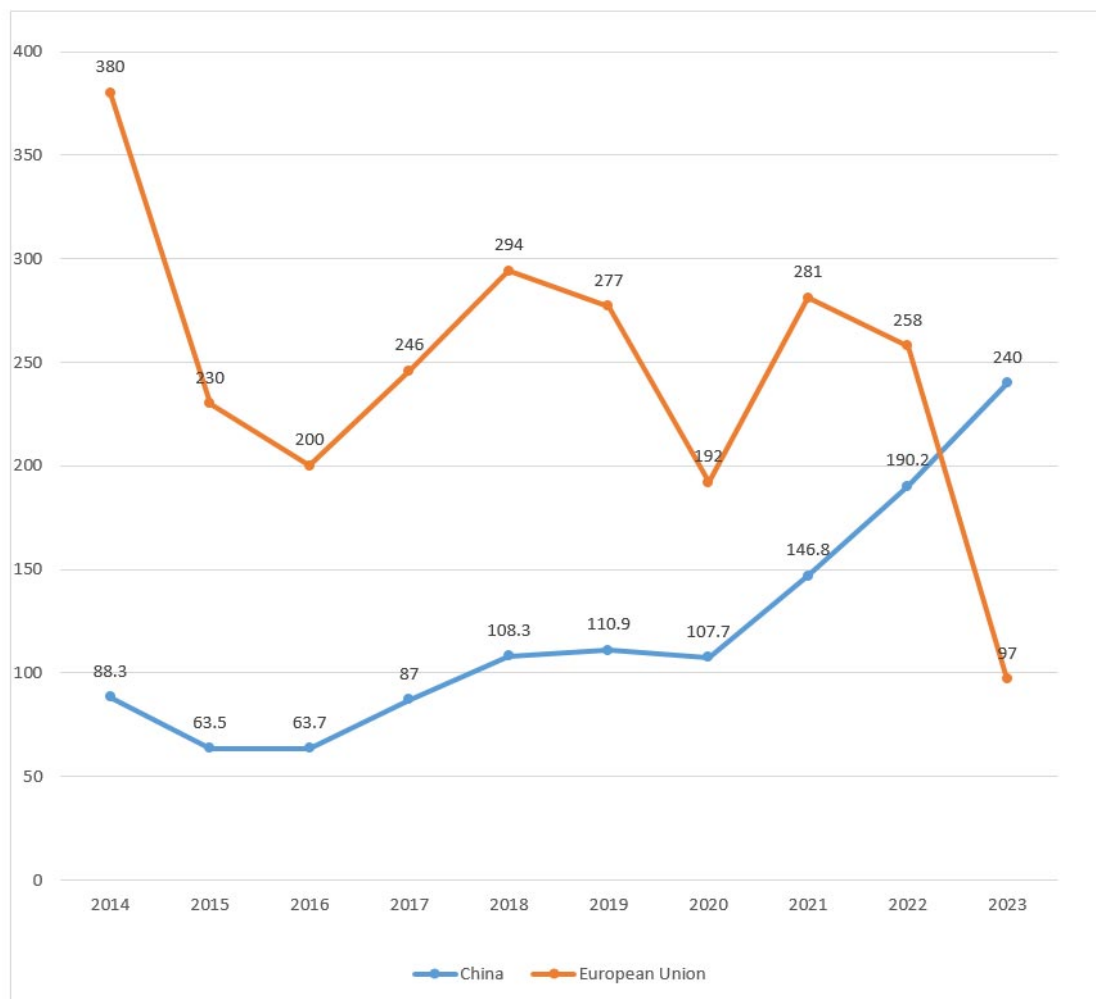
As ambições de Putin são resultados diretos de uma racionalidade geopolítica que remonta a longa tradição nacional de gloriosas ascensões e dramáticas quedas. Ao longo da história, os países fundam e consolidam seus modelos políticos de coesão interna e projeção externa. [...] Essa história de formação e consolidação de uma prática de poder sobre o próprio território, seus entornos regionais, e o mundo além-mar estabelece uma racionalidade geopolítica. [...] A prioridade é a preservação da integridade territorial e a projeção nos entornos estratégicos no Leste Europeu, Cáucaso, Mar Negro e Ásia Central (Roseira, 2023, p.5).

Nesse contexto de “caos sistêmico” que existe há mais de uma década, caracterizado por colapsos financeiros, golpes de Estado, conflitos militares e o acirramento de hostilidades entre grandes potências, fica nítido que o mundo está passando por uma “travessia entre o mundo hegemônico ocidental e uma nova era pós-americana”. Dentro dessa transição, a Rússia reafirma seu papel estratégico não apenas como potência militar, mas como um espaço primário-exportador vital. O controle sobre fontes de poder críticas com o comércio de trigo, metais nobres (paládio) e gases nobres (argônio, hélio, xenônio e neon) para a indústria de semicondutores, além é claro da vasta matriz de hidrocarbonetos, confere a Moscou uma alavancagem geopolítica significativa. Essa base faz com que a China assuma o papel de consumidor a partir de acordos econômicos, como por exemplo o de 2014, onde foi assinado um contrato de US\$400 bilhões para o fornecimento de gás natural durante 30 anos, viabilizando a autonomia russa frente às sanções (Roseira, 2023, p.6).

A visualização dessa geografia militar valida a “racionalidade geopolítica” clássica de que a Rússia enfrenta uma ameaça existencial estrutural. A expansão dessa rede é interpretada como uma ofensiva que rompe o equilíbrio de poder. Essa densidade do cerco ocidental impulsiona a “transposição geográfica” para o Oriente, pois, ao constatar a impossibilidade de romper a barreira militar da OTAN na Europa, Moscou busca garantir sua profundidade estratégica na Ásia e em sua aliança com a China como a única via de escape para garantir sua sobrevivência enquanto uma potência autônoma na nova ordem tripolar.

O gráfico 1 demonstra o comércio entre Rússia-China e Rússia-União Europeia entre 2014 e 2023. À medida que as sanções dos EUA e da UE se intensificaram após 2022, o papel da China na estratégia de Moscou vem crescendo, pois nesse ano, a importação dos bens russos aumentou 43%, atingindo o valor de US\$144 bilhões.

**Gráfico 1:** Comércio Rússia-China e Rússia-União Europeia, 2014-2023 (em bilhões de US\$)



**Fonte:** Rosstat, UN Comtrade, Chinese Customs Database (OBSERVER RESEARCH FOUNDATION, 2025)

Agora, partindo para os fatos empiricamente descritos, o conflito russo-ucraniano não está se desenvolvendo de forma linear, mas é segmentado em fases distintas que refletem a adaptação da estratégia da Potência Terrestre frente à resistência financiada e armada pela Potência Marítima.

Em 24 de fevereiro de 2022, a partir da invasão russa sobre o território ucraniano, cerca de 200.000 soldados, sob comando de Putin, iniciaram a “operação militar especial” com o objetivo de invadir a capital Kiev e, em questão de dias, depor o governo democraticamente eleito de Zelensky. Seus objetivos no início da guerra eram “desmilitarizar e desnazificar” a Ucrânia, ocupando-a pela força. Além disso, buscava também proteger o

povo de origem russa que habita o país vizinho, mas, notadamente, seu objetivo era prevenir que a OTAN ganhasse uma posição na Ucrânia e assegurasse o status de “neutralidade”. Esse momento representou o choque inicial e a definição das linhas de frente que perdurariam. A ofensiva aconteceu em 3 frentes distintas, sendo: ao norte (via Bielorrússia em direção a Kiev); Leste (via Donbass) e Sul (via Crimeia) (Kirby, 2023).

A partir da premissa de concluir a invasão de maneira rápida, subjugando o “*Going Concern*” ucraniano em questão de dias e sem uma ocupação prolongada, ocorre a tentativa de tomada do Aeroporto Internacional de Gostomel, situado a menos de 10 quilômetros da capital ucraniana que permitiria o transporte de tropas e equipamentos para ameaçar diretamente a cidade. Além disso, foram reportados diversos mísseis no território ucraniano, forçando Zelensky a mobilizar seus reservistas e proibi-los de sair do país. Entretanto essa tentativa foi falha pois, mediante a resistência ucraniana a partir de armas antitanque, fizeram com que as tropas russas recuassem, destruindo parte de seus equipamentos. Em abril do mesmo ano, a partir de insustentabilidade logística e diversas baixas, os russos retiraram suas tropas do norte da Ucrânia (Kiev e Chernihiv), sinalizando o fracasso da estratégia de mudança de regime rápida (Kirby, 2023).

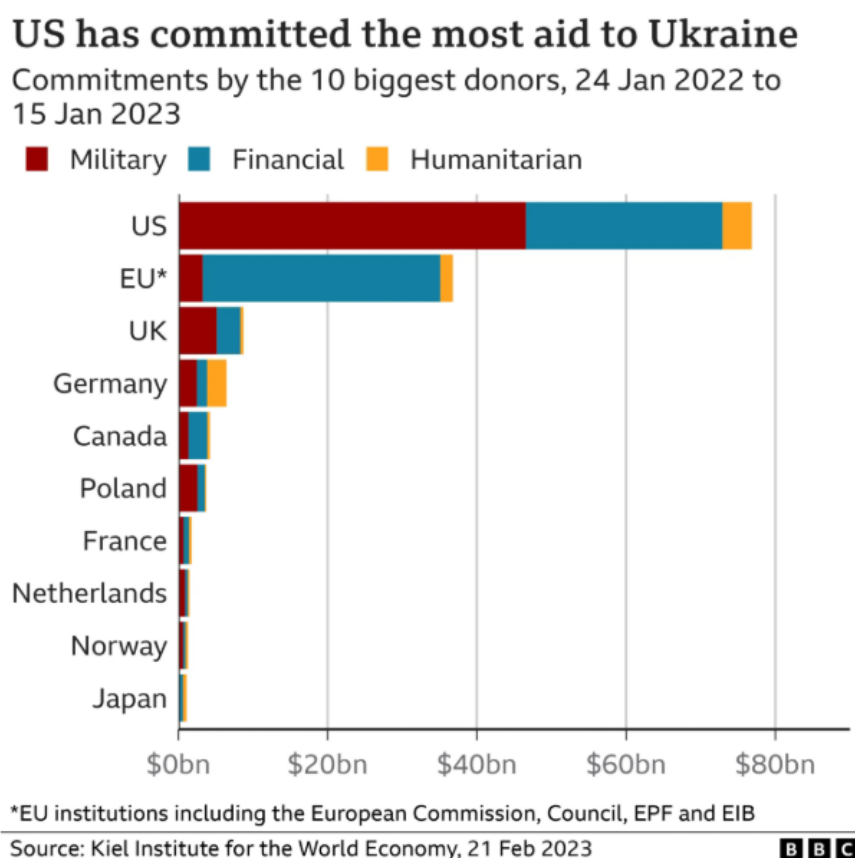
A partir do mês de maio de 2022, com o recuo ao norte, a Rússia concentrou seus esforços no Leste e Sul, principalmente na região do Donbass, iniciando uma nova fase de atrito com o uso massivo de artilharia. Nesse momento, o evento central foi o cerco e captura da cidade portuária de Mariupol, garantindo controle da costa do Mar de Azov e estabelecendo uma ponte terrestre entre a fronteira russa e a Crimeia. Já em setembro e outubro, Putin assinou tratados de adesão e leis formalizando a anexação ilegal de quatro regiões ucranianas que não estavam completamente ocupadas por suas tropas, sendo elas Luhansk, Donetsk, Kherson e Zaporizhzia. Para sustentar sua máquina militar, Putin anunciou a primeira mobilização parcial de tropas desde a Segunda Guerra Mundial (Kirby, 2023).

O final de 2022 foi marcado pela contraofensiva ucraniana impulsionada pelo armamento ocidental. Aproveitando o esgotamento das linhas de frente russas, a Ucrânia lançou duas contraofensivas bem-sucedidas, sendo a primeira em setembro, na região nordeste, rompendo a linha de frente em Kharkiv, libertando cidades como Izium, e em novembro, ao sul, forçando a Rússia a abandonar a cidade de Kherson - a única capital regional que os russos haviam capturado - e recuar para a margem leste do rio Dnieper. Putin reconheceu que a guerra poderia ser longa, buscando assim prolongar o conflito e estender o controle sobre os quatro territórios anexados. O conflito que deveria ser uma operação rápida,

transformou-se em uma guerra prolongada, forçando a Ucrânia a depender cada vez mais do apoio ocidental em mísseis, artilharia e tanques, como os mísseis HIMARS dos EUA, um grande diferencial e os sistemas Javelins/NLAWs auxiliando na resistência ucraniana (Walker, 2025). Dessa forma, a neutralidade ucraniana foi colocada em xeque, visto todos os auxílios financeiros e bélicos.

A dimensão dessa dependência no primeiro ano do conflito é ilustrada no Gráfico 2, que detalha os compromissos dos maiores doadores entre janeiro de 2022 e janeiro de 2023. Os dados evidenciam que os EUA, no primeiro ano da guerra sob governo de Joe Biden, consolidaram-se como o fornecedor do *Hard Power* para as contraofensivas do mesmo ano, enquanto a UE assume o papel de sustentação econômica, evitando o colapso financeiro do Estado.

**Gráfico 2:** Ajuda internacional à Ucrânia (Jan/2022 – Jan/2023)



**Fonte:** BBC News / Kiel Institute for the World Economy (2023)

A comunidade internacional reagiu a essa invasão com forte condenação e apoio militar à Ucrânia. O Reino Unido e outras nações ocidentais impuseram vários pacotes de

sanções e congelamentos de bens contra entidades, bancos e indivíduos russos, incluindo Putin e o Ministro das Relações Exteriores Sergey Lavrov. Além disso, EUA, Canadá e UE concordaram em remover alguns bancos russos do sistema de pagamentos SWIFT (Walker, 2025).

No ano de 2023, ocorreu uma intensa escalada militar e movimentos para a Ucrânia em relação à sua integração na OTAN e na UE. Em janeiro, o Primeiro-Ministro do Reino Unido, Rishi Sunak, confirmou o fornecimento de tanques Challenger 2 à Ucrânia e, em seguida, a Alemanha confirmou o envio de tanques Leopard 2 juntamente com o fornecimento de 31 tanques M1 Abrams pelos EUA, ou seja, uma escalada significativa no esforço para combater a agressão da Potência Terrestre. Em março, a Polônia e a Eslováquia foram os primeiros membros da OTAN a fornecer caças MiG-29 à Ucrânia. Até abril, os aliados da OTAN haviam entregue à Ucrânia €65 bilhões em ajuda militar. A Rússia, por sua vez, condenou essa decisão, classificando-a como uma escalada no conflito (Walker, 2025).

O primeiro semestre, contudo, foi definido no terreno pela brutal Batalha de Bakhmut. Embora de valor estratégico questionável isoladamente, a cidade tornou-se o epicentro simbólico e material de uma "guerra de atrito". A Potência Terrestre, utilizando massivamente o Grupo Wagner e táticas de infantaria de assalto ("ondas humanas"), aceitou taxas de baixas elevadíssimas — estimadas em até 100.000 (Psaropoulos, 2023) — para fixar e desgastar as reservas ucranianas experientes. Esse atrito serviu ao propósito estratégico de ganhar tempo para a fortificação das linhas defensivas russas no Sul (The Army University Press, 2023).

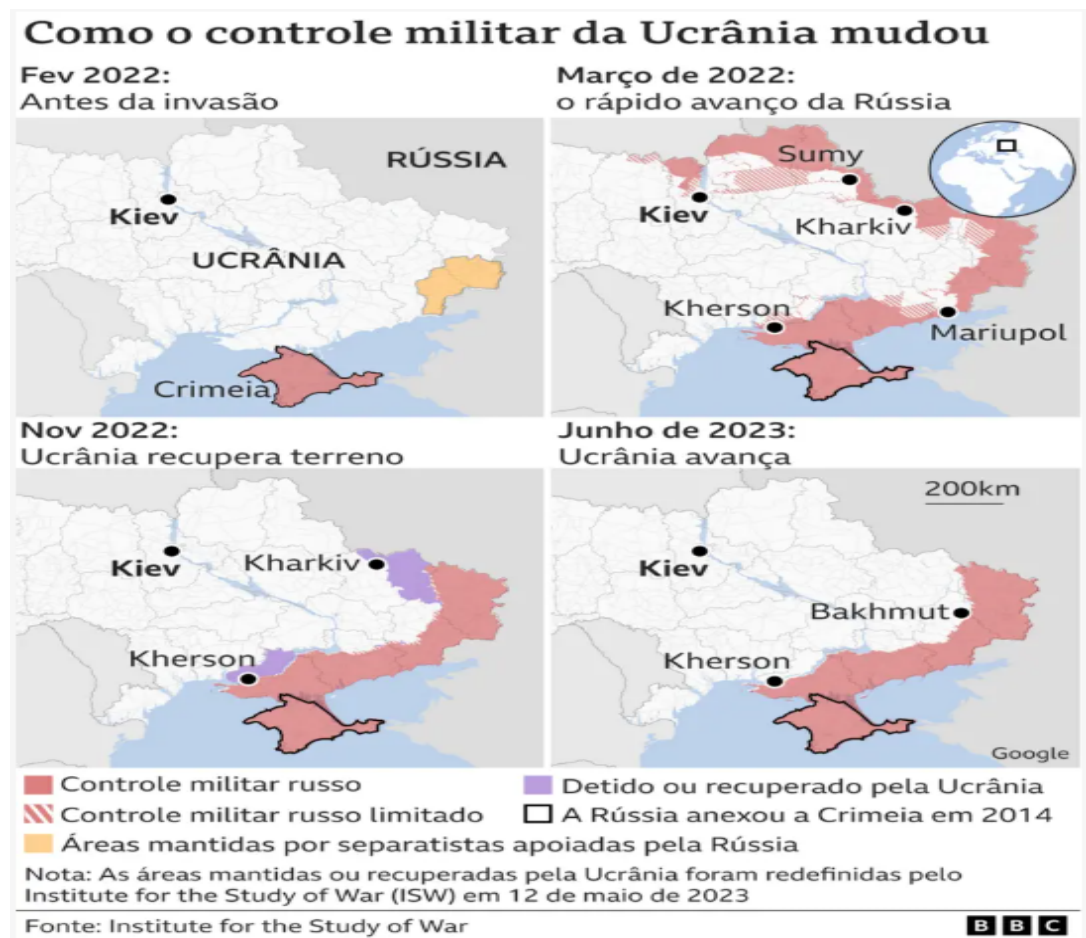
Em junho, uma barragem de Nova Kakhovka foi explodida, causando inundações massivas e caracterizada como um dos maiores desastres industriais e ecológicos da Europa nas últimas décadas, inundando terras agrícolas e aldeias. Nesse contexto, também existe uma guerra de narrativas, pois as teorias sobre suas causas passam por ataque russo, ataque ucraniano e falha estrutural (Kottasová; Mezzofiore, 2023).

No mesmo mês, ocorreu uma contraofensiva ucraniana no Sul, especificamente na região de Zaporizhzhia e ao leste, na região de Donetsk cujos avanços foram lentos e com perdas significativas, mas marcou a tomada de iniciativa pela Ucrânia e forçou a Rússia a mobilizar suas defesas. Esse movimento teve como objetivo romper a ponte terrestre até a Crimeia e isolá-la, contudo, a Rússia havia preparado uma rede defensiva conhecida por “Linha Surovikin” (*Surovikin Line*). Esta barreira é composta por camadas de trincheiras de infantaria, campos minados antipessoais e antitanques e parapeitos de terras elevadas para proteger os equipamentos militares. Essa linha defensiva percorre quase 2.000 km através de

Kherson, Zaporizhzhia, Donetsk e Luhansk. O fracasso da Ucrânia em romper essa defesa em profundidade marcou o fim da fase de movimento e confirmou a transição para um impasse posicional favorável à defesa russa (Jones *et al.*, 2023).

É interessante notar que o sucesso da “Linha Surovikin” não está associado somente a engenharia militar, mas sim a adaptação das táticas de guerra com a geografia física das estepes da Ucrânia. A frente de Zaporizhzhia, por exemplo, é caracterizada por uma topografia de planície aberta com pouca cobertura vegetal. Essa morfologia foi utilizada pela Potência Terrestre para estabelecer as zonas de interdição, pois, a partir da ausência de obstáculos naturais, expôs os materiais bélicos recentemente obtidos (blindados Leopard, por exemplo) às artilharias de longo alcance russas. Dessa forma, a geografia das estepes, caracterizada por Mackinder (1904) como o corredor de mobilidade dos povos cavaleiros, sofreu uma inversão funcional, tornando-se uma armadilha estática, transformando o conflito em uma guerra de atrito com a utilização de trincheiras para combater a ofensiva.

**Figura 7:** Evolução do Controle Militar na Ucrânia (Fev/2022 – Jun/2023)



**Fonte:** BBC News / Institute for the Study of War (2023)

A evolução da tentativa de tomada rápida de Kiev para a estabilização das linhas de frente é visível a partir da Figura 7, que compila quatro momentos-chave do controle territorial. O segundo quadrante (março de 2022) identifica a máxima expansão da Potência Terrestre ameaçando diretamente Kiev em sua tentativa de cerco total. Em claro contraste, o terceiro quadrante (novembro de 2022) mostra o sucesso das contraofensivas ucranianas em Kharkiv e Kherson, empurrando a linha de contato para o leste. Em junho de 2023, a linha de frente pouco se alterou, apesar dos intensos combates em Bakhmut e no sul, identificando a eficácia da “Linha Surovikin”. Essa sequência identifica que a tentativa de consolidar a ponte terrestre, que conecta o *Heartland* à Crimeia, foi bem-sucedida fisicamente, cujo objetivo permaneceu inalterado desde a fase inicial.

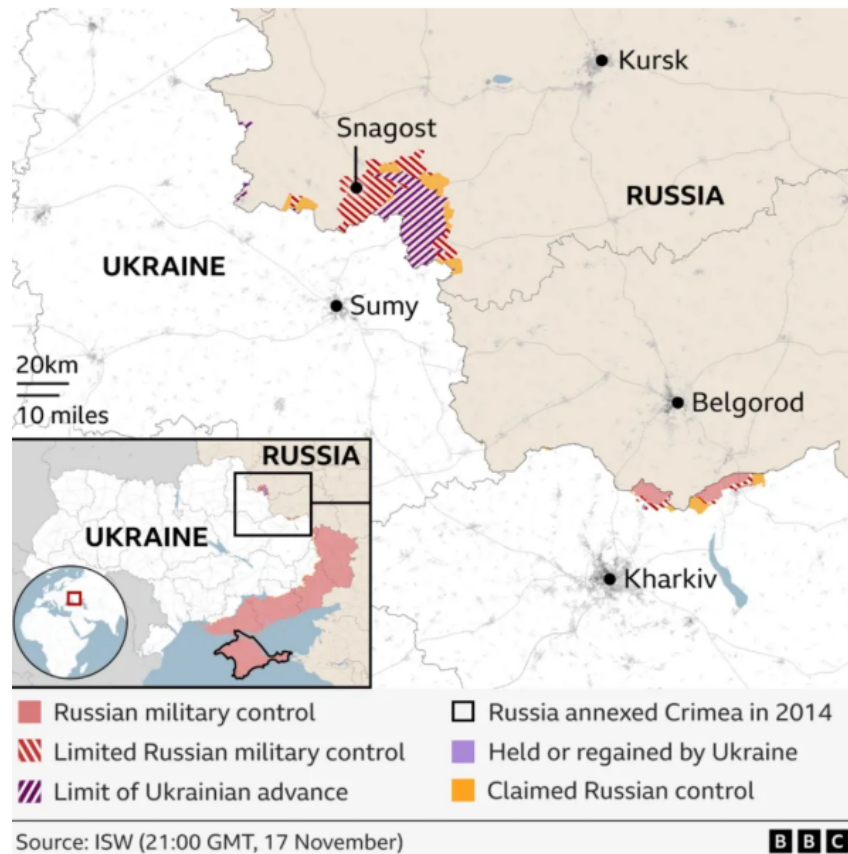
Do lado russo, o evento mais impactante foi o motim do Grupo Wagner, classificado pelo presidente russo como um ato de traição. Isso aconteceu a partir de uma crise de autoridade entre o Grupo Wagner e o exército regular russo, onde o ministro da Defesa russo ordenou que todos os grupos de combate voluntário assinassem um contrato com o ministério, o que causou uma “anarquia” nas linhas de frente da Rússia e desdobrou-se em uma crise interna aguda. (CNN Brasil, 2023).

O terceiro ano de conflito representou uma mudança significativa na postura da Rússia, pois se em 2023 buscava uma postura defensiva mediante a contraofensiva ucraniana como a “Linha Surovikin”, agora sua estratégia era exaurir as munições e corroer a capacidade de defesa ucraniana mediante ao *Hard Power* superior através de tomadas de iniciativa. O primeiro movimento militar importante desse ano foi a tomada da cidade de Avdiivka em fevereiro após mais de 4 meses de batalha, uma importante cidade oriental próxima de Donetsk que servia como uma fortificação ucraniana desde 2014, significando o colapso de sua principal linha de defesa na região do Donbass. Segundo Zelensky, a culpa da derrota nessa batalha foi a falta de suprimentos e armas ocidentais, o que mostra dependência crítica do fornecimento de armas dos EUA e de outros aliados ocidentais (Lukiv, 2024).

O segundo evento militar foi a ofensiva ucraniana no território russo da *Oblast* de Kursk em agosto (Figura 8), onde foi declarado um estado emergencial. Os combates ocorreram em várias aldeias, com até 1.000 soldados ucranianos, 11 tanques e 20 veículos blindados (Waterhouse; Gozzi, 2024). Essa incursão foi um grande catalisador da moral dos ucranianos, visto que era um momento de sérios reveses. Sua ideia principal era fazer com que Putin se sentasse à mesa de negociações para conversações de paz (Walker, 2025). Nessa

incursão, foram identificados soldados norte-coreanos batalhando do lado russo, demonstrando a força da aliança entre os dois países. Esses soldados são estratégicos para Moscou combater o avanço nessa região, visto que grande parte de suas tropas estão alocadas em território ucraniano (Montanini, 2025).

**Figura 8:** Ofensiva na *Oblast* de Kursk



**Fonte:** BBC News / Institute for the Study of War (2024)

O ano de 2024 também foi marcado por eventos internos cruciais na Rússia e países ocidentais, além de tentativas de cúpulas para a paz. Na Rússia, ocorreu a eleição presidencial entre 15 e 17 de março, incluindo as regiões ucranianas anexadas, onde Vladimir Putin venceu com 87% dos votos, garantindo seu quinto mandato e tornando-se o líder russo com maior tempo de serviço em mais de 200 anos. Em novembro, ocorreu a vitória de Donald Trump na eleição presidencial dos EUA, iniciando uma nova fase da política externa americana em relação ao conflito. No que diz respeito ao apoio econômico internacional, os líderes da União Europeia aprovaram um plano de €50 bilhões para apoio à Ucrânia, conhecido como *Ukraine Facility*, ao longo dos quatro anos seguintes, sendo €17 bilhões em

subsídios (*grants*) e €33 bilhões em empréstimos (*loans*). O Reino Unido também anunciou um novo acordo de segurança de £600 milhões em apoio adicional à Ucrânia. Os EUA também anunciaram novos pacotes de assistência que incluiu quase \$8 bilhões em ajuda militar e novas munições de longo alcance (Walker, 2025).

No que diz respeito à política externa russa, no mês de maio o Presidente Putin realizou uma visita de Estado de dois dias à China - sua primeira viagem exterior em seu novo mandato - onde ele e Xi Jinping prometeram uma “nova era” de parcerias estratégicas bilaterais. Em junho, Putin realizou sua primeira visita à Coreia do Norte em 24 anos para assinar um compromisso de defesa mútua que o líder Kim Jong-Un chamou de “aliança”. Entre 8 e 9 de julho, o Primeiro-Ministro indiano, Narendra Modi, visitou a Rússia para reforçar a parceria, com o objetivo de aumentar o comércio bilateral para \$100 bilhões até 2030 (Walker, 2025). Essas visitas e parcerias diplomáticas reforçam a tese de Roseira (2023) sobre a "estratégia de transposição geográfica", evidenciando que a nova ordem asiática vem se estabelecendo como o pilar de sustentação da Potência Terrestre contra o cerco do Ocidente.

O ano de 2025, ano este da escrita desta monografia, inaugurou uma nova fase do conflito caracterizada pela intensificação dos esforços diplomáticos e alteração significativa na coesão do bloco ocidental. A posse de Donald Trump como presidente dos EUA em janeiro marcou uma ruptura na política de apoio incondicional que vigorava até então pelo Governo Biden (2021 - 2025), introduzindo uma abordagem transacional focada na tentativa sem sucesso (até o momento de escrita) de um acordo de cessar-fogo, evidenciado em fevereiro com as conversas diretas entre Trump e Putin por um telefonema "longo e altamente produtivo". Ainda do ponto de vista americano, a relação entre Trump e Zelensky foi notoriamente tensa, pois, em 28 de fevereiro, ambos se desentenderam durante uma reunião televisionada no Salão Oval, acusando o presidente ucraniano de ingratidão e chamando-o de ditador (Walker, 2025).

Mediante as incertezas geradas por Washington, os aliados europeus e o Reino Unido intensificaram seus próprios planos de segurança, como a “Parceria de 100 anos” assinada entre o Primeiro-Ministro do Reino Unido, Keir Starmer, e Zelensky, que inclui compromissos para fortalecer a colaboração em defesa, ciência e segurança marítima. Além disso, também foi criada a “Coalizão dos dispostos” (*coalition of the willing*) para organizar uma manutenção da segurança ucraniana a partir de um acordo de paz. Starmer também

anunciou o maior aumento sustentado nos gastos de defesa desde o fim da Guerra Fria, com o planejamento de gastar 2,5% do PIB em defesa até 2027 (Walker, 2025).

**Tabela 1:** Ajuda militar fornecida à Ucrânia por países europeus entre janeiro de 2022 e junho de 2025

| País          | Valor (bi €) |
|---------------|--------------|
| Alemanha      | 16,51        |
| Reino Unido   | 13,77        |
| Dinamarca     | 9,16         |
| Países Baixos | 7,48         |
| Suécia        | 6,73         |
| França        | 5,36         |
| Noruega       | 3,89         |
| Polônia       | 3,63         |
| Finlândia     | 2,88         |

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em dados da STATISTA (2025)

A Tabela 1 detalha a ajuda militar fornecida pelos principais parceiros europeus até meados de 2025. Os dados mostram que a Alemanha, superando sua hesitação inicial, consolidou-se como o maior doador europeu de *Hard Power* (€16,51 bi), seguida pelo Reino Unido (€13,77 bi), que manteve seus gastos elevados desde o início do conflito. Nota-se que os países nórdicos aportaram mais de €22 bilhões somados, o que indicia a percepção de ameaça vinda do *Heartland* é mais acentuada nas fronteiras setentrionais, mobilizando esses Estados a investir na contenção russa, transformando o mar Báltico em um novo eixo de projeção da Potência Marítima, em uma tentativa de talvez proteger as antigas repúblicas que faziam parte da URSS.

A violência também escalonou durante o ano de 2025 com seguidas quebras de recordes de ataques massivos de drones e mortes de civis. Nas primeiras horas do ano, um total de 111 drones russos foram disparados contra a Ucrânia, com 109 abatidos pelos sistemas de defesa aérea, tendo sido atingido o Banco Central da Ucrânia e outras áreas residenciais (AFP, 2025). Como medida retaliatória, a Ucrânia aumentou drasticamente o

número de ataques lançados contra refinarias de petróleo russas, como a ofensiva de 70 drones em Volgogrado, Rostov e Astrakhan, provocando escassez de combustíveis e aumento nos preços em algumas partes do país. Ao menos 21 das 38 principais refinarias do país foram atacadas desde janeiro (Robinson; Murphy; Kiryukhina, 2025).

No que diz respeito aos minerais críticos (terras raras), foi assinado um acordo entre EUA e Ucrânia para a exploração em seu território. Segundo o presidente Donald Trump, o acordo tem como principal objetivo contribuir para os esforços de reconstrução da Ucrânia no pós-guerra, além de demonstrar o comprometimento de ambos os lados com a paz e prosperidade duradouras. O acordo envolve a criação de um fundo de investimento conjunto para a busca desses minerais e também estabelece como as receitas serão divididas entre ambos os países. Como troca, os EUA fornecerão maior assistência a Kiev, como os sistemas de defesa aérea, fornecendo garantias de segurança para o país. Entre os minerais envolvidos estão cerca de 19 milhões de toneladas de grafite (utilizados na fabricação de baterias para veículos elétricos), um terço de todas as reservas europeias de lítio (utilizadas na fabricação de baterias em geral) e também titânio (utilizado na construção de aviões e usinas energéticas). Vale notar que cerca de \$350 bilhões estão atualmente em territórios ocupados pela Rússia (BBC News Brasil, 2025).

No mês de maio, aconteceram as primeiras conversações de paz diretas em Istambul entre Rússia e Ucrânia desde 2022, com a delegação ucraniana liderada pelo Ministro da Defesa Rustem Umerov e a russa liderada por Vladimir Medinsky, conselheiro de Vladimir Putin. As duas horas de conversas resultaram em “apenas” uma troca de prisioneiros e uma declaração conjunta de intenções para continuar as negociações. Esse suposto diálogo integrou uma tática russa de prolongamento do conflito, mascarando a ausência de avanços concretos nas tratativas para com a Ucrânia (Menkiszak; Iwański, 2025). De acordo com a mídia The Guardian (2025), nesse mês também ocorreu o maior ataque aéreo combinado até então, com cerca de 298 drones Shahed e 69 mísseis balísticos e de cruzeiro contra o território ucraniano. Esse ataque saturou as defesas em várias regiões, destruindo instalações industriais em Lviv e Drohobych, além da morte de civis.

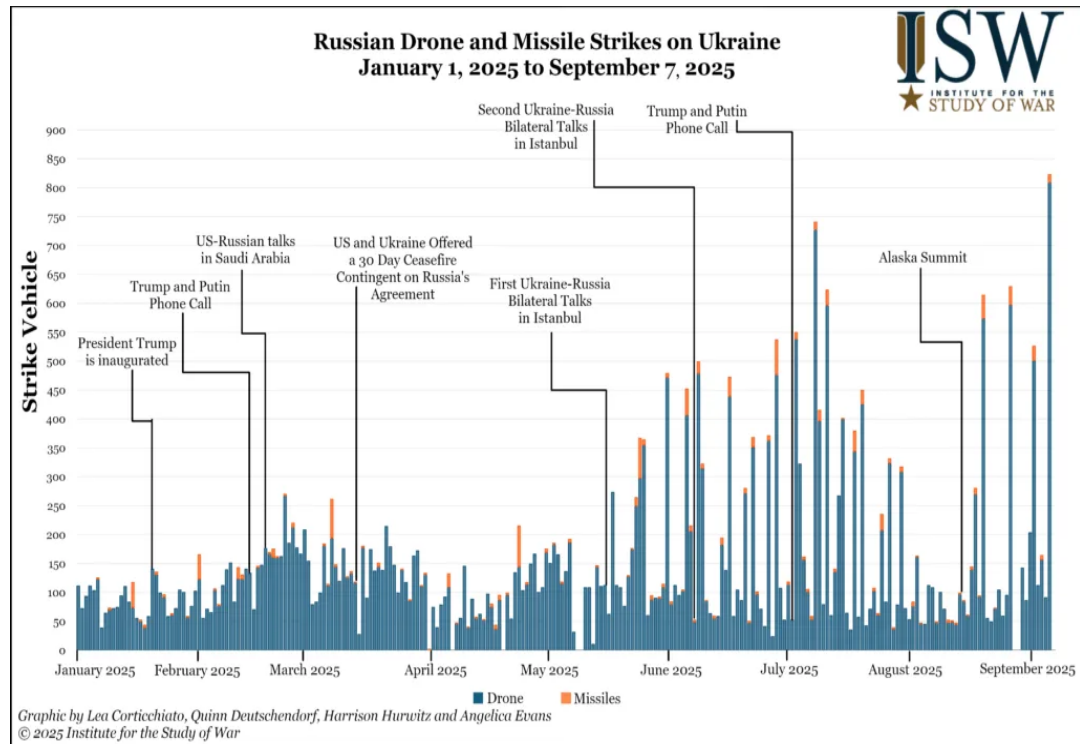
Em julho, o Pentágono, atual Departamento de Guerra (*Department of War*), suspendeu o envio de certas categorias de armas para a Ucrânia, incluindo os mísseis PAC-3, HIMARS e Hellfire, alegando uma “avaliação de estoque”, gerando caos logístico na frente de batalha (Kohut; Sienicki; Wilk, 2025). Mediante essa vulnerabilidade, a Rússia lançou um ataque que durou sete horas ininterruptas, outra quebra de recorde, danificando seriamente a

infraestrutura energética, causando apagões em diversas regiões e, em apartamentos, escolas, hospitais e causando incêndios (Hodunova; Basmat; Fenbert, 2025).

Mediante o aumento das tensões e a política de tentativa de paz por parte de Trump, o presidente americano se encontrou pessoalmente com Putin no Alasca em agosto. O presidente russo foi recebido com um tapete vermelho estendido sob a pista de pouso, recebendo também aplausos de Trump, seguido de aperto de mão e sorrisos, um tratamento completamente diferente do recebido por Zelensky em fevereiro. Entre as demandas russas estavam: reconhecimento da soberania russa sobre as regiões ucranianas da Crimeia, Donetsk, Luhansk, Zaporizhzhya e Kherson; concordância da Ucrânia com a desmilitarização e neutralidade; não participação militar estrangeira e; realização de novas eleições. Dessa forma, a cúpula não produziu nenhum progresso para a paz, mas consolidou uma aproximação momentânea entre Rússia e EUA (Gozzi; Braun, 2025).

No mês de setembro, outro recorde foi quebrado com o maior ataque aéreo da guerra até o presente momento, em que a Rússia lançou mais de 820 projéteis. Segundo a Força Aérea Ucraniana, foram lançados 810 drones do tipo Shahed, nove mísseis cruzeiro Iskander-K e quatro mísseis balísticos Iskander-M/KN-23, com artilharia antiaérea, conseguindo suprimir 747 drones e quatro mísseis de cruzeiro. Ao todo, 33 locais foram atingidos em cidades como Kiev, Sumy e Dnipro. Dentre os alvos, o edifício do Gabinete de Ministros da Ucrânia em Kiev foi atingido pela primeira vez desde a invasão em 2022 (ISW, 2025). O Gráfico 3 relaciona os ataques aéreos russos com o calendário diplomático de 2025. As conversas em Istambul e no Alasca foram acompanhadas pelos picos mais intensos de bombardeios de drones e mísseis no ano. Isso demonstra que a Potência Terrestre utilizou a escalada militar direta como alavanca de negociações, exaurindo a infraestrutura ucraniana e forçando concessões territoriais no âmbito diplomático.

**Gráfico 3:** Ataques de drones e mísseis na Ucrânia (1, Jan - 7, Set 2025)



**Fonte:** ISW (2025)

No fim de novembro, foi vazado um plano de 28 pontos construído pela administração de Trump para um cessar-fogo entre Rússia e Ucrânia. Aliados europeus da Ucrânia e legisladores dos EUA, incluindo republicanos, criticaram a proposta, chamando-a de “lista de desejos do Kremlin”, pois exigiria que Kiev fizesse concessões significativas, como a cessão de territórios e limitar o tamanho de suas forças armadas. A partir do texto, o Reino Unido, Alemanha e França preparam contrapropostas para tornar as negociações mais benéficas para a Ucrânia. Entre os pontos estão: Espera-se que a Rússia não invada países vizinhos e que a OTAN não se expanda ainda mais; será mantido um diálogo entre a Rússia e a OTAN, mediado pelos Estados Unidos, para resolver todas as questões de segurança e criar condições para a desescalada, a fim de garantir a segurança global e aumentar as oportunidades de cooperação e desenvolvimento económico futuro; o tamanho das Forças Armadas Ucranianas será limitado a 600 mil efetivos; a Ucrânia concorda em consagrar em sua constituição que não se juntará à OTAN, e a OTAN concorda em incluir em seus estatutos uma disposição de que a Ucrânia não será admitida no futuro; a Rússia será reintegrada à economia global; a Ucrânia realizará eleições em 100 dias (Hlamazda, 2025).

Nota-se então que, até o presente momento, a guerra não estagnou, mas sim evoluiu para uma fase mais perigosa e assimétrica. O uso de drones em larga escala, o ataque direto a

instituições de poder financeiras e governamentais demonstram que a Rússia adotou uma estratégia de aniquilação da viabilidade do Estado ucraniano. Simultaneamente, a inconstância no apoio americano sob a nova administração de Trump funcionou como um catalisador do conflito, encorajando a agressão russa nos momentos de pausa no fornecimento de armas e aumentando a cooperação entre a aliança asiática. Então, até agora, o ano de 2025 não se encerra com a paz prometida, mas sim com a Ucrânia lutando por sua sobrevivência diante de uma escalada sem precedentes.

Do ponto de vista econômico, a economia russa teve um desempenho melhor do que se esperava. O Banco Europeu para a Reconstrução e Desenvolvimento (EBRD) previu um declínio do PIB real da Rússia em 10%, enquanto o Fundo Monetário Internacional (FMI) projetou uma queda de 8,5%. Até mesmo o Banco da Rússia esperava uma queda entre 8% e 10% em 2022. Entretanto, os dados reais apresentaram uma diminuição bem menor, pois, segundo o FMI, o PIB russo diminuiu apenas 2,1% em 2022 (DABROWSKI, 2023). Já em 2023, o PIB cresceu em 3,6%, taxas que superam nações desenvolvidas e em desenvolvimento. Esses indicadores, segundo Putin, provam que as sanções impostas pelo Ocidente são ineficazes e que as políticas econômicas russas são sólidas (Prokopenko, 2024).

A evolução desses dados e sua correlação com os momentos geopolíticos podem ser visualizadas na Tabela 2, que demonstra a recuperação do PIB após o impacto inicial das sanções. Após o recuo inicial em 2015 após a anexação da Crimeia, a economia russa em 2022 foi afetada com menor intensidade do que o esperado. A retomada do crescimento em 2024 reflete a implementação massiva de recursos no Complexo Militar-Industrial (CMI). Esse movimento demonstra a eficácia da “estratégia de transposição geográfica” ao permitir a sustentação do esforço de guerra apesar da tentativa de bloqueio Ocidental.

**Tabela 2:** Evolução Anual do PIB da Federação Russa (2000–2024)

| Ano  | PIB (US\$ bilhões) |
|------|--------------------|
| 2000 | 259,7              |
| 2005 | 764,0              |
| 2010 | 1.524,9            |
| 2014 | 2.059,2            |
| 2015 | 1.363,6            |

|      |          |
|------|----------|
| 2020 | 1.488,3  |
| 2021 | 1.836,9  |
| 2022 | 2.240,4  |
| 2023 | 2.021,4  |
| 2024 | 2.173,8* |

\*Dados de 2024 baseados em estimativas do Banco Mundial e FMI (out/2024). **Fonte:** Elaborado pelo autor com base em dados do Banco Mundial (World Development Indicators).

A primeira onda de sanções financeiras imobilizou cerca de metade das reservas internacionais russas (aproximadamente US\$300 bilhões), cortando parte do setor bancário do SWIFT e causando uma fuga massiva de capital. Com isso, ocorre a desvalorização do rublo para o nível histórico mais baixo de 120 RUB por 1 US\$ em março de 2022. Como medida de estabilização, o Banco da Rússia elevou sua taxa de juros básica para 20%, estabilizando o mercado de câmbio e recuperando o rublo, chegando a 51 RUB por 1 US\$ no final de junho. Outro fator que caracterizou os resultados melhores que os esperados em 2022 foram os aumentos nos preços globais de hidrocarbonetos de US\$110 por barril após o início da invasão para US\$120 em junho. As sanções mais críticas foram as direcionadas ao mercado global de petróleo, a partir do banimento das importações de petróleo russo transportado por vias marítimas pela UE em dezembro de 2022 (caindo cerca de 15%). Entretanto, a incompletude geográfica dessas sanções permitiu que as economias de mercados emergentes como China, Índia, Turquia e Brasil não aderissem, possibilitando o redirecionamento de suas exportações de petróleo, registrando um superávit de 227,4 bilhões de dólares, neutralizando parcialmente o efeito negativo do congelamento das reservas internacionais russas (Dabrowski, 2023).

Antes do conflito, a Rússia havia preparado políticas monetárias e fiscais conservadoras, incluindo a construção de um sistema de pagamento independente, a busca pela substituição de importações e o desenvolvimento das relações comerciais com a China, diminuindo o impacto imediato das retaliações ocidentais (Dabrowski, 2023).

Entretanto, segundo Prokopenko (2024), a imagem de resiliência demonstrada por Putin é enganosa, pois a economia russa operou, nos últimos anos, sob o efeito de “esteróides fiscais”. A expansão econômica recente não é totalmente orgânica, mas sim o resultado do estímulo estatal a partir da expansão dos gastos governamentais e programas de empréstimos

subsidiados, de 2022 a 2023 esse estímulo totalizou mais de 10% do PIB. Esses gastos são direcionados principalmente para o Complexo Militar-Industrial (CMI), transformando-o no principal motor da expansão econômica russa. Segundo a autora,

[...] By the third quarter of 2024, GDP growth had slowed to 3.1 percent, down from 4.1 percent in the previous quarter. While industries linked to defense production continue to grow, their pace is far below last year's levels. Other sectors are faltering: extractive industries face declining production due to lower hydrocarbon export prices and OPEC+ production cuts, while agriculture has also lost momentum. Retail trade remains a rare bright spot, buoyed by consumer spending. However, surveys point to slowing business activity and rising inflation expectations among both businesses and households (Prokopenko, 2024, n.p.)

O Kremlin mantém sua prioridade na guerra, investindo quase toda sua receita adicional para defesa em detrimento de outros setores. Pelo terceiro ano seguido, os gastos militares são foco do orçamento federal, excedendo 8% do PIB e totalizando 40% dos gastos federais, um recorde comparado ao período da Guerra Fria. Grande parte desse orçamento serve para apoiar o crescente número de soldados contratados, oferecendo incentivos enormes, chegando a 1,1 milhão de rublos (US\$11.000), com rendas anuais variando entre 3,5 e 5,5 milhões de rublos (Prokopenko, 2024).

Dessa forma, a instabilidade econômica da Rússia pode ser vista a partir de dois indicadores. O primeiro é a inflação, alcançando quase 9% em 2024, alimentada pelos gastos estatais e salários cada vez maiores cuja produção local não consegue atender, levando a dependência de importações e enfraquecimento da moeda. No final de novembro de 2024, o rublo sofreu sua maior queda (quase 25%) em relação ao pico de 2022. Em segundo, a taxa de juros que aumentou significativamente até 2024, estando em seu pico e com improváveis aumentos adicionais. Essas taxas reduziram significativamente os lucros das indústrias ao aumentar o custo dos empréstimos, elevando o risco de falência para empresas endividadas. Alguns setores da economia são subsidiados, fornecendo um isolamento dessas flutuações de juros, como o CMI, a agricultura e o desenvolvimento imobiliário, permitindo a rápida expansão desses setores (Prokopenko, 2024).

Por conta de seu sistema centralizado, a Rússia está minando sua estabilidade a longo prazo, pois sua estrutura de mercado está perdendo flexibilidade devido ao sistema centralizado de tomada de decisões, priorizando o controle ao invés do dinamismo econômico a partir de abordagens intervencionistas na política fiscal e monetária. Esse sistema permite a imposição de novos impostos sobre indivíduos e empresas com mínima resistência, como o

caso de empresas como a Gazprom e a Transneft, onde foram colocados impostos sobre lucros. Dessa forma, o governo construiu uma realidade sintética ao evitar destacar esses malefícios para a população na esfera cotidiana e parando de publicar dados econômicos críticos (Prokopenko, 2024).

Na perspectiva futura, Prokopenko (2024) identifica o cenário russo como preocupante a partir do esgotamento do modelo atual, onde, por mais que o colapso semelhante ao dos anos 1990 seja improvável, já existe uma virada em direção à estagnação econômica, pois a dependência contínua do setor militar colocará a Rússia em um período de baixo crescimento e desequilíbrios internos. Com isso,

[...] economic growth and low unemployment create an illusion of stability for the country's new economic model. However, this model is already confronting three fundamental limitations: a shortage of labor, exhausted production capacities, and stagnating export revenues due to sanctions. The storm of government spending is sustaining the current state of affairs, but it cannot address the chronic problems that have long plagued the Russian economy. The sanctions regime—partially mitigated by China, India, and other Asian countries—only serves to reinforce these old ailments. The transactional costs associated with sanctions weigh heavily on the entire economy (Prokopenko, 2024, n.p.).

Em suma, a sustentabilidade dos esforços do conflito russo-ucraniano no longo prazo perpassa a tática militar e materializa-se na capacidade dos atores mobilizarem e sustentarem suas bases materiais. Sob a ótica de Costa (1992), as disputas contemporâneas devem ser analisadas sob a perspectiva do controle das “fontes de poder” (recursos naturais, energéticos, capitais e industriais), que permitem a projeção do estado no sistema internacional. Dessa forma, a configuração atual revela dinâmicas de dependência ou aliança que colocam em xeque a autonomia dos atores diretos.

No caso da Ucrânia, observa-se um declínio funcional de sua autonomia como “*Going Concern*”. O prolongamento do conflito e a destruição sistemática da base industrial do Leste resultaram em uma dependência existencial do financiamento externo. Em 2024, o Estado ucraniano necessitou de dezenas de bilhões de dólares em ajuda externa para cobrir seu déficit orçamentário e financiar seus armamentos. A aprovação do “*Ukraine Facility*” e os sucessivos pacotes de assistência militar dos EUA evidenciam que a Ucrânia sobrevive como um estado combatente graças aos recursos financeiros e militares fornecidos pela Potência Marítima. Isso significa que a soberania ucraniana em seu território está condicionada à vontade política e capacidade orçamentária de seus aliados ocidentais.

Em contrapartida, a Rússia, em resposta às sanções ocidentais, acelerou a consolidação estrutural da “Ilha-Mundo” a partir do comércio bilateral entre Rússia e China, atingindo níveis recordes e superando as expectativas de integração no período pré-guerra. Efetivamente a China assumiu o papel de “organizador” econômico do *Heartland*, tornando-se o principal comprador de energia russa e fornecedora vital de bens industriais e tecnológicos de uso duplo. Esse nível de integração promove uma vantagem russa em relação ao bloqueio marítimo ocidental, fundindo os vastos recursos do *Heartland* com a capacidade industrial e o mercado consumidor chinês. Dessa forma, a “estratégia de transposição geográfica” apontada por Roseira (2023) materializa-se na expansão da infraestrutura física, redirecionando o fluxo energético da Europa para a Ásia. Visitas diplomáticas de alto nível, como a de Putin para a China e para a Coreia do Norte, reforçam as parcerias “sem limites”, sugerindo uma sustentabilidade da guerra atrelada à manutenção do eixo eurasiático.

Além do mais, a dimensão material do conflito ressalta a importância geográfica do território físico, pois, ao consolidar o controle sobre o Donbass e o Mar de Azov, a Rússia não apenas garante a sua ponte terrestre até a Crimeia, mas também ocupa regiões que concentram algumas das maiores reservas europeias de minerais críticos, como lítio e titânio. Isso representa a captura dessas “fontes de poder” (Costa, 1992) vitais para o futuro tecnológico, pois essa ocupação nega à Europa o acesso seguro a matérias-primas essenciais para a transição energética, tornando-se dependente dos EUA ainda mais. A Rússia, portanto, utiliza a conquista territorial como uma alavanca de poder econômico, transformando as zonas de guerra em um ativo estratégico que ameaça a segurança estratégica ocidental.

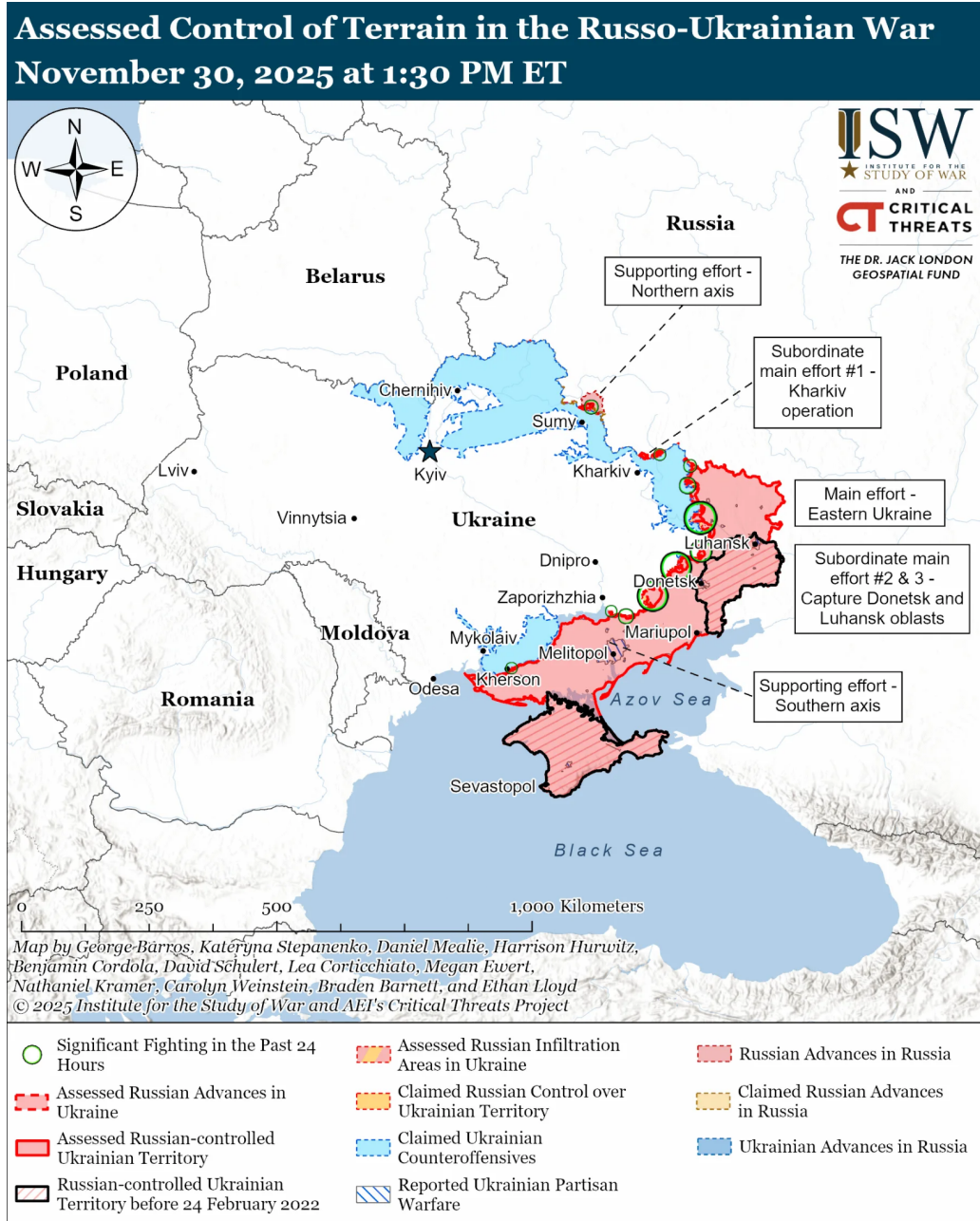
Então, diante do impasse militar consolidado e da cristalização do antagonismo entre os blocos retratados, a análise teórica permite projetar três cenários prováveis para o futuro. Estes modelos não consistem em “futurologia”, mas em projeções baseadas na lógica estrutural de Potência Terrestre contra Potência Marítima e também na sustentabilidade material analisada por institutos estratégicos globais.

O primeiro cenário a ser abordado como possível desdobramento do conflito russo-ucraniano seria o congelamento. Esse cenário representa uma situação em que as hostilidades param, mas sem uma resolução política duradoura, envolvendo um armistício que estabilizaria a linha de frente no local onde ela se encontra no momento em que o acordo for consolidado. A premissa central seria o reconhecimento mútuo de que ambos os lados são incapazes de alcançar seus objetivos máximos de guerra. De um lado, a Ucrânia enfrenta dificuldades para restaurar as fronteiras de 1991, enquanto a Rússia carece de capacidade

ofensiva para subjugar totalmente o governo de Kiev ou ocupar integralmente seu território diante do apoio ocidental (Lough, 2024).

Nesta configuração, a atual linha de contato com extensão de mais de 1.000 quilômetros, incluindo a consolidação da “ponte terrestre” no Sul e a ocupação integral do Donbass, constitui uma nova fronteira (Figura 9). Sob a ótica da Geografia Política, isso representaria a partição funcional do “*Middletier*”, onde a Ucrânia Ocidental integra-se funcionalmente, economicamente e militarmente às estruturas da Potência Marítima (UE e EUA) servindo como uma barreira de contenção física do avanço em relação ao *Heartland*, enquanto as porções Leste e Sul são absorvidas pela esfera de influência direta e administrativa da Potência Terrestre.

**Figura 9:** Controle avaliado do terreno no Conflito Russo-Ucraniano em 30 de novembro de 2025



**Fonte:** ISW (2025)

A estabilidade desse cenário dependeria da manutenção de garantias de segurança robustas por parte do Ocidente à Ucrânia, impedindo novas ofensivas russas, ao mesmo tempo em que Moscou utiliza o controle dos territórios anexados para projetar a narrativa interna de vitória e segurança estratégica, mais uma vez caracterizando uma guerra de narrativas entre Ocidente e Oriente. Esse movimento, por outro lado, provocaria acusações de derrotismo na sociedade, enfraquecendo a legitimidade de Zelensky e, a partir do

levantamento da Lei Marcial, seriam realizadas novas eleições presidenciais e parlamentares (Lough, 2024).

Assim, a Ucrânia deveria manter o gasto com defesa elevado para se preparar para a provável retomada das hostilidades, pois assim como os Acordos de Minsk (2014 e 2015), os combates não cessaram totalmente e resultaram na invasão em grande escala de 2022. Efetivamente, esse congelamento do conflito não encerra a rivalidade, mas transforma o conflito sistêmico de longa duração, onde a disputa se desloca mais ainda para a esfera econômica, diplomática e de narrativas, sem uma resolução jurídica do status territorial.

O segundo cenário, diferente do equilíbrio estático do congelamento, seria caracterizado por uma dinâmica de desequilíbrio progressivo baseada na “Guerra de Atrito”. Neste modelo, a Rússia não buscaria reduzir a intensidade, mas sim manter uma pressão militar constante e elevada para exaurir fisicamente a capacidade de resistência ucraniana. A premissa central é que, caso a pressão da guerra aumente, a Potência Terrestre apostaria na erosão da vontade política do Ocidente — evidenciada pelo distanciamento dos EUA — para criar uma assimetria de recursos.

Embora a União Europeia tenha escalonado a sua ajuda em 2025, a Rússia demonstrou capacidade de mobilizar a sua base industrial e sustentar o esforço de guerra por mais 2 a 3 anos, apoiada pela profundidade estratégica da China e da Coreia do Norte. A economia ucraniana, por sua vez, enfrentaria dificuldades de recuperação intransponíveis: a destruição do seu capital econômico, humano e social, somada ao conflito em curso, limitaria o crescimento necessário para sustentar o Estado e retardaria as reformas exigidas, impossibilitando a adesão à União Europeia. A Lei Marcial não poderia ser suspensa neste momento, a menos que os combates se tornassem menos intensos por um longo período. (Lough, 2024).

Nesse cenário, a Potência Terrestre, a partir da exploração da fadiga logística ucraniana, romperia o impasse atual não através de uma tomada rápida como foi a tentativa de 2022, mas a partir de um avanço metódico e lento. Esse desfecho significa um domínio total do Heartland e da Potência Terrestre sobre o “portão” ocidental, forçando uma reestruturação da arquitetura de segurança europeia.

Assim, existem fortes razões para acreditar que a guerra pode continuar por um longo período, pois ela é considerada essencial para o regime de Putin. Para as autoridades russas, a guerra é uma ferramenta para preservar a coesão da sociedade e garantir a legitimidade de seu

regime, portanto a Rússia parece estar equipada e motivada para continuar a guerra por vários anos, se necessário, até atingir concretamente seus objetivos (Lough, 2024).

O terceiro e último cenário, classificado pelo GLOBSEC (2023) como "Guerra Mundial Híbrida Tipo III" (*Hybrid Type World War III*), projeta uma ruptura na contenção geográfica do conflito através da eclosão de crises regionais agudas em outras partes do globo, causando uma “distorção” (*blurring*) da centralidade da guerra na Ucrânia e criando novos focos de disputas territoriais no Oriente Médio, Cáucaso e Ásia-Pacífico. Seu principal foco seria a vulnerabilidade do sistema de segurança global, pois, encorajados pelo prolongamento do conflito russo-ucraniano e pela percepção da ineficácia dos sistemas internacionais, outros atores sentem-se instigados a reavivar disputas territoriais. Nessa configuração, então, a Rússia não seria apenas um ator local, mas um ator global com potencial de apoiar ativamente seus aliados em conflitos regionais com o objetivo de forçar o Ocidente a lidar com múltiplas crises simultâneas, diluindo a capacidade de resposta concentrada no palco ucraniano.

Nesse sentido, são identificadas zonas de risco específicas onde essa “distorção” do foco ocorreria através da abertura de novos teatros, como o Médio Oriente a partir da escalada das tensões entre Israel e Irã como um vetor primário de desestabilização, visto que Israel é um nítido aliado dos EUA enquanto o Irã possui fortes relações com a Rússia. Além disso, poderia desencadear um aumento na disputa entre China e Taiwan, criando um dilema estratégico dos EUA em dividir seu foco entre a Europa e o Indo-Pacífico. Também poderia desencadear o ressurgimento das tensões entre Sérvia e Kosovo, servindo como desestabilizador no continente Europeu, fragmentando a atenção da UE e da OTAN (GLOBSEC, 2023).

Dessa forma, a principal consequência direta seria a redistribuição forçada da ajuda financeira e militar. Com o surgimento de novos conflitos, os EUA e a Europa teriam que desviar seus recursos para medidas de estabilização nessas regiões de crise, reduzindo drasticamente o montante de ajuda externa disponível para a Ucrânia. Assim, esse cenário também aprofunda o uso de táticas não convencionais e ameaças híbridas, incluindo a provocação de catástrofes tecnogênicas e a desestabilização da segurança alimentar e energética global. O intuito seria criar crises humanitárias e fluxos migratórios que dificultassem ainda mais a tomada de decisão do Ocidente, transformando a Ucrânia em apenas mais uma frente de disputa em um contexto de guerra mundial globalizada e difusa (GLOBSEC, 2023).

Independentemente de qual destes cenários (ou qualquer outro) se concretize no território físico, a análise permite concluir que o conflito russo-ucraniano já cumpriu seu papel histórico de catalisador irreversível de uma nova ordem global. A era pós-Guerra Fria, marcada pela hegemonia unimultipolar estadunidense, chegou ao seu término. O sistema internacional reconfigurou-se em uma bipolaridade estrutural e assimétrica inserida em um “mundo tripolar” onde, de um lado, temos o bloco marítimo (liderado pelos EUA) e do outro o bloco terrestre eurasiático (liderado pela aliança sino-russa). Assim, a Ucrânia permanece como a cicatriz física dessa fratura, reafirmando que o controle do território físico e das fontes de poder material permanece como o determinante final das relações internacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs-se a analisar o conflito russo-ucraniano não como um evento histórico isolado, mas como ponto de ruptura de um processo histórico, geográfico e geopolítico de longa duração, pois, ao permear a formação do espaço eslavo, as teorias da geografia política e a atual dinâmica da guerra, a pesquisa confirmou a hipótese inicial de que a ofensiva russa sobre o território ucraniano configura uma reação estrutural da Potência Terrestre — no caso, a Rússia — para garantir sua periferia estratégica diante do sufocamento militar e econômico promovido pela expansão da Potência Marítima (EUA e OTAN).

Dessa forma, a análise histórica do capítulo 1 demonstrou que a Ucrânia, etimologicamente definida como “fronteira” (*Krajina*), sempre foi o epicentro das disputas entre o Ocidente e o Oriente. Sua identidade nacional foi construída na tensão entre o ingresso no Império Russo — desde a expansão da Moscóvia por Ivan, o Terrível, a partir da política de “russificação” — e a busca por autonomia, evidente no movimento dos cossacos e no nacionalismo na Galícia sob o Império Austro-Húngaro.

Durante o período soviético, seu domínio territorial foi consolidado com a anexação do território ucraniano à União Soviética. A violência política e a gestão territorial punitiva, como durante o Holodomor, foram utilizadas para subordinar a terra e a população aos objetivos do regime soviético, associando o nacionalismo ucraniano ao nazismo a fim de reprimi-lo.

O fim da Guerra Fria e o colapso da União Soviética, em 1991, formaram um vácuo de poder, resultando na independência da Ucrânia e de outras repúblicas soviéticas. Contudo, a OTAN — cujo objetivo inicial, conter a URSS, havia desaparecido — não se dissolveu, mas iniciou um processo contínuo de expansão para o Leste. Essa expansão absorveu os países que deveriam compor o *Middletier* (zona de amortecimento), levando ao cerco militar e econômico da Rússia. Assim, a reação russa materializou-se na anexação da Crimeia em 2014, buscando principalmente garantir a base naval de Sebastopol e seu acesso a águas quentes, seguida pela guerra do Donbass, que serviu como dupla função: zona de amortecimento terrestre e pré-requisito para a ponte terrestre até a Crimeia.

Em seguida, o capítulo 2 interpreta o confronto entre a Rússia e o Ocidente a partir da Geografia Política, com base em três pilares centrais. O primeiro é Halford Mackinder, cuja teoria da potência terrestre *versus* potência marítima exemplifica a luta pelo controle da Europa Oriental como chave para o domínio do *Heartland*. A expansão da OTAN sobre o

*Middletier* foi lida por Moscou como uma ameaça existencial que rompeu o equilíbrio de poder. A invasão russa na Geórgia em 2008 e a subsequente anexação da Crimeia foram atos defensivos da potência terrestre para mitigar sua principal vulnerabilidade: a hidrografia e o acesso a águas quentes.

Sob a perspectiva de Wanderley Messias da Costa (Gestão Territorial e Fontes de Poder), o conflito transcende a questão ideológica, sendo fundamentalmente geoeconômico, pois o controle da Rússia sobre o Donbass assegura fontes de poder críticas do século XXI, como as maiores reservas europeias de titânio, além de depósitos de lítio e grafite, essenciais para a transição energética e o desenvolvimento do setor bélico.

Por fim, Yves Lacoste, considerando a geografia como “saber estratégico”, permite analisar que o conflito é também uma guerra de narrativas. A Rússia utiliza o saber estratégico da origem comum da Rus de Kiev e a retórica de “desnazificação” para justificar a invasão como uma reunificação e defesa preventiva contra o Ocidente. Em contrapartida, o Ocidente projeta a narrativa de defesa da democracia e soberania para legitimar o apoio militar e financeiro contínuo à Ucrânia, minimizando a dimensão estratégica da expansão da OTAN.

O capítulo 3 demonstra que a invasão em grande escala de 2022 atuou como catalisador irreversível para a consolidação de um mundo tripolar, protagonizado pelos Estados Unidos da América, China e Rússia, pondo fim à ordem unimultipolar pós-Guerra Fria. Também identifica a mutação estratégica russa, cujo objetivo inicial era a mudança rápida de regime a partir da tomada total de Kiev, falhando e sendo substituída pela conquista territorial física para consolidar sua ponte terrestre até a Crimeia e assegurar o controle sobre o Mar de Azov.

Além disso, diante do duplo cercamento militar e econômico imposto pelo Ocidente, a Rússia executou uma “transposição geográfica” para a Ásia. Essa manobra cimentou uma aliança estrutural com a China, assumindo o papel de organizador econômico do *Heartland* e fornecendo o suporte material e tecnológico (via BRI), que garante a sustentabilidade do conflito frente ao bloqueio ocidental, enquanto a Rússia fornece matérias-primas e energia. Isso valida a tese de Mackinder sobre o perigo de um poder continental consolidar os vastos recursos da Eurásia. A Ucrânia, por sua vez, perdeu sua autonomia como *going concern*, tornando-se existencialmente dependente do auxílio financeiro e militar da Potência Marítima. A inconstância no apoio dos EUA (evidente na posse de Donald Trump e na suspensão do envio de mísseis em 2025) forçou os aliados europeus, como a Alemanha e o Reino Unido, a

intensificarem seus próprios planos de segurança e *hard power*, tendo a Alemanha se consolidado como a maior doadora europeia de ajuda militar.

A evolução do conflito mostra a eficácia da “Linha Surovikin” (barreira defensiva russa), que transformou o campo de batalha em uma guerra de atrito, expondo a vulnerabilidade ucraniana. Os picos de ataques aéreos russos, especialmente em 2025, correlacionam-se com as tentativas diplomáticas de paz (Cúpula do Alasca, conversas de Istambul), indicando que a potência terrestre usa a escalada militar direta como alavanca de negociação.

Os cenários futuros (congelamento, guerra de atrito ou Guerra Mundial Híbrida Tipo III) indicam que a fronteira entre a Rússia e o Ocidente foi redesenhada fisicamente no leste ucraniano. A Rússia, ao focar seus gastos massivamente no complexo militar-industrial, demonstra capacidade de prolongar a guerra por vários anos.

Em suma, o conflito russo-ucraniano encerrou definitivamente a era de hegemonia unipolar norte-americana. O sistema internacional reconfigura-se em uma tripolaridade estrutural: de um lado, o bloco marítimo (EUA/Ocidente) e, do outro, o bloco continental eurasiático (aliança sino-russa). A Ucrânia permanece como a “cicatriz física” dessa fratura, reafirmando que o controle do território, das rotas estratégicas (como o rio Dnieper e o Mar Negro) e dos recursos minerais constitui o determinante final das relações de poder entre as nações.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Gabriel Pessin. **As relações entre Rússia, Ucrânia e Belarus e o papel que nelas exercem os recursos energéticos**. 2008. Dissertação (Pós-Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

AFP. **Russian Air Attack on Central Kyiv Kills at Least 2, Wounds 6**. The Moscow Times, [Moscou], 1 jan. 2025. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2025/01/01/russian-air-attack-on-central-kyiv-kills-at-least-2-wounds-6-a87498>. Acesso em: 30 nov. 2025.

BBC NEWS. **A guerra de Putin falhou e o que a Rússia quer da Ucrânia?** BBC News, [S.l.], 17 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-56720589>. Acesso em: 29 nov. 2025.

BBC NEWS BRASIL. **EUA e Ucrânia assinam acordo histórico sobre terras raras; o que acontece agora**. BBC News Brasil, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c45789>. Acesso em: 29 nov. 2025.

BERGMANN, Max; SNEGOVAYA, Maria. **Russia's War in Ukraine: The Next Chapter**. Washington, DC: Center for Strategic and International Studies (CSIS), set. 2025. (CSIS Briefs).

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II**. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CANÊDO, Sílvia Helena Guilherme. **OTAN: evolução histórica**. Conjuntura Internacional, Belo Horizonte: PUC Minas, p. 1-7, 2006.

CHARQUES, R. D. **Pequena história da Rússia**. Trad. Carlos Chaves. São Paulo: Pioneira, 1964.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. São Paulo: Contexto, 1992.

COSTA, Wanderley Messias da. **O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a geopolítica da nova ordem mundial**. Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia, n. 25, p. [22], 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/confins.10551>. Acesso em: 29 nov. 2025.

D'ANIERI, Paul. **Ukraine and Russia: From Civilized Divorce to Uncivil War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. E-book

DABROWSKI, Marek. **The Russian war economy: macroeconomic performance**. [S.l.]: Bruegel, 20 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bruegel.org/analysis/russian-war-economy-macroeconomic-performance>. Acesso em: 29 nov. 2025.

FERNANDES, A. **Impactos geopolíticos e a nova Guerra Fria no contexto dos hidrocarbonetos**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 9, n. 9, p. 3156–3168, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i9.11427>. Acesso em: 29 nov. 2025.

FRANÇA, Alana Benini Luiz de. **Relações Ucrânia e Rússia Pós-URSS: identidade e energia**. 2014. 56 f. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GOZZI, Laura; BRAUN, Julia. **O que a cúpula do Alasca significa para Trump, Putin e Zelensky em 6 pontos**. BBC News Brasil, 16 ago. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c7v1m8983v2o>. Acesso em: 01 dez. 2025.

GUIMARÃES, Feliciano de Sá; KALOUT, Hussein. **A guerra na Ucrânia e suas implicações para as relações internacionais**. CEBRI – Revista, Ano 1, n. 3, p. 9-12, jul./set. 2022.

HLAMAZDA, Nazar. **28-point peace plan for Ukraine-Russia war, Europe's amendments, and Geneva negotiations**. Gwara Media, 25 nov. 2025. Disponível em: <https://gwaramedia.com/en/28-points-peace-plan-for-ukraine-trumps-proposal-europes-amendments-and-results-of-negotiations-in-geneva/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HODUNOVA, Kateryna; BASMAT, Dmytro; FENBERT, Abbey. **‘Nothing but terror and murder’ — Russia pounds Kyiv with record overnight drone, missile attack, 2 dead, 26 injured**. The Kyiv Independent, 3 jul. 2025. Disponível em: <https://kyivindependent.com/kyiv-under-attack-as-russia-launches-waves-of-drones-on-ukraine-06-2025/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

HUSSEIN, Mohammed; HADDAD, Mohammed. **Infographic: US military presence around the world**. Al Jazeera, [S.l.], 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/9/10/infographic-us-military-presence-around-the-world-interactive>. Acesso em: 29 nov. 2025.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF WAR. **Russian Offensive Campaign Assessment — November 30, 2025**. ISW, 30 nov. 2025. Disponível em:

<https://understandingwar.org/research/russia-ukraine/russian-offensive-campaign-assessment-november-30-2025/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

INSTITUTE FOR THE STUDY OF WAR. **Russian Offensive Campaign Assessment, September 7, 2025.** Washington, DC: ISW, 2025. Disponível em: <https://understandingwar.org/research/russia-ukraine/russian-offensive-campaign-assessment-september-7-2025/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

JONES, Seth G.; PALMER, Alexander; BERMUDEZ JUNIOR, Joseph S. **Ukraine's Offensive Operations: Shifting the Offense-Defense Balance.** Center for Strategic and International Studies, Washington, DC, 9 jun. 2023. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/ukraines-offensive-operations-shifting-offense-defense-balance>. Acesso em: 29 nov. 2025.

KASSAB, Hanna Samir. **A tese do Heartland de Mackinder e a iniciativa Cinturão e Rota: a crescente dependência da Rússia em relação à China após a Guerra da Ucrânia.** AUSTRAL – Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v. 13, n. 26, p. 10-33, jul./dez. 2024.

KIRBY, Paul. **Has Putin's war failed and what does Russia want from Ukraine?** BBC News, [S.l.], 24 fev. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-56720589>. Acesso em: 29 nov. 2025.

KOHUT, Andrzej; SIENICKI, Kacper; WILK, Andrzej. **America First: US halts arms deliveries to Ukraine.** OSW Centre for Eastern Studies, 04 jul. 2025. Disponível em: <https://www.osw.waw.pl/en/publikacje/analyses/2025-07-04/america-first-us-halts-arms-deliveries-to-ukraine>. Acesso em: 1 dez. 2025.

KOTTASOVÁ, Ivana; MEZZOFIORE, Gianluca. **Veja as principais teorias sobre a causa do rompimento da barragem na Ucrânia.** CNN Brasil, São Paulo, 10 jun. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/veja-as-principais-teorias-sobre-a-causa-do-rompimento-da-barragem-na-ucrania/>. Acesso em: 29 nov. 2025.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2024.

LOUGH, John. **Four scenarios for the end of the war in Ukraine:** Assessing the political and economic challenges ahead. Briefing Paper. London: Royal Institute of International Affairs, 2024. Disponível em: <https://www.chathamhouse.org/2024/10/four-scenarios-end-war-ukraine>. Acesso em: 29 nov. 2025.

LUKIV, Jaroslav. Avdiivka: **Ukraine troops leaving embattled eastern town**. BBC News, [S.l.], 17 fev. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-68323366>. Acesso em: 30 nov. 2025.

MACKINDER, Halford J. **O pivô geográfico da história**. Trad. Fabrício Vasselai. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 29, p. 87-100, 2011.

MACKINDER, Halford John, Sir. **Democratic ideals and reality: a study in the politics of reconstruction**. Washington, DC: National Defense University Press, 1996.

MAKUCH, A. **History of Ukraine**. Encyclopædia Britannica, [S.l.], [2025]. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/history-of-Ukraine>. Acesso em: 29 nov. 2025.

MENKISZAK, Marek; IWAŃSKI, Tadeusz. **Sham dialogue: the Istanbul talks between Ukraine and Russia**. OSW, 19 maio 2025. Disponível em: <https://www.osw.waw.pl/en/publikacje/analyses/2025-05-19/sham-dialogue-istanbul-talks-between-ukraine-and-russia>. Acesso em: 1 dez. 2025.

MONTANINI, Marcelo. **Os soldados norte-coreanos no front da guerra da Ucrânia**. Nexo Jornal, São Paulo, 16 jan. 2025. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2025/01/16/soldados-coreia-do-norte-guerra-ucrania>. Acesso em: 30 nov. 2025.

MUNHOZ, Sidnei J. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

MURPHY, Matt et al. **Ukraine front could 'collapse' as Russia gains accelerate, experts warn**. BBC News, [S.l.], 20 nov. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cn0dpx420lo>. Acesso em: 30 nov. 2025.

OSMOLOVSKA, Iuliia; HAVRYLOV, Volodymyr; MAKSAK, Hennadiy. **Five Security Scenarios on Russian War in Ukraine for 2024-2025: Implications and Policy Recommendations to Western Partners**. Bratislava: GLOBSEC “Ukraine and Eastern Europe” Program, 2023. 41 p. Disponível em: <https://www.globsec.org/what-we-do/publications/five-security-scenarios-russian-war-ukraine-2024-2025>. Acesso em: 1 dez. 2025.

PENNACCHI, Andrea M. T. **George F. Kennan e a política de “contenção” da Guerra Fria**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e Multidisciplinaridade: Territórios e Deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM.

POTY, Italo Barreto. **A crise da Ucrânia de 2014 e o antagonismo geopolítico entre Rússia e os Estados Unidos.** In: SENHORAS, E. M. (Org.). *Ucrânia sob fogo cruzado: a geohistória de uma guerra.* Boa Vista: Editora IOLE, 2022. p. 37-70.

PROKOPENKO, Alexandra. **Russia's Economic Gamble: The Hidden Costs of War-Driven Growth.** In: Carnegie Politika. Washington DC: Carnegie Endowment for International Peace, 20 dez. 2024. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/russia-eurasia/politika/2024/12/russia-economy-difficulties?lang=en> Acesso em: 29 nov. 2025.

PSAROPOULOS, John T. **Ukraine strikes back in Bakhmut, as Russia wrangles with Wagner.** Al Jazeera, 11 maio 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/5/11/ukraine-strikes-back-in-bakhmut-as-russia-wrangles-with-wagner>. Acesso em: 29 nov. 2025.

ROBINSON, Olga; MURPHY, Matt; KIRYUKHINA, Yaroslava. **Escassez e preços altos: como Ucrânia fez dos ataques às usinas petrolíferas russas uma de suas principais táticas de guerra.** BBC News Brasil, 10 out. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx2r8d8x8r2o>. Acesso em: 1 dez. 2025.

ROCHA, D. F.; ALBUQUERQUE, E. S. **Revisando o conceito de Heartland na Política de Contenção Ocidental do séc. XXI.** Revista de Geopolítica, Natal, v. 5, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2014.

ROSEIRA, Antonio Marcos. **O mundo tripolar: geopolítica russa no século XXI e a nova ordem internacional.** GEOgraphia, Niterói, v. 25, n. 54, 2023. DOI: 10.22409/GEOgraphia2023.v25i54.a61146. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/371134344\\_O\\_Mundo\\_Tripolar\\_-\\_Geopolitica\\_Russa\\_no\\_Seculo\\_XXI\\_e\\_a\\_Nova\\_Ordem\\_Internacional](https://www.researchgate.net/publication/371134344_O_Mundo_Tripolar_-_Geopolitica_Russa_no_Seculo_XXI_e_a_Nova_Ordem_Internacional). Acesso em: 29 nov. 2025.

SEGRILLO, Alexandre. **A guerra da Ucrânia: repercussões historiográficas no contexto da questão nacional.** Revista Brasileira de História, v. 43, n. 94, p. 305–326, 2023.

SNYDER, Timothy. **Bloodlands: Europe between Hitler and Stalin.** New York: Basic Books, 2010. E-book.

STATISTA. **European military aid to Ukraine by country.** Statista, [s.d.]. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1499459/european-military-aid-to-ukraine-by-country/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

TAYLOR, Jerome. **Qual motivo fez Grupo Wagner se voltar contra Rússia?** CNN Brasil, São Paulo, 24 jun. 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/qual-motivo-fez-grupo-wagner-se-voltar-contra-russia-entenda-as-chaves-da-rebeliao/>. Acesso em: 29 nov. 2025.

THE GUARDIAN. **Deadly missile and drone strikes batter Kyiv for second night.** The Guardian, 25 maio 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2025/may/25/deadly-missile-and-drone-strikes-batter-kyiv-for-second-night>. Acesso em: 1 dez. 2025.

TOBIN, James. **War in Ukraine: Update October 2024.** House of Lords Library, [Londres], 16 out. 2024. Disponível em: <https://lordslibrary.parliament.uk/war-in-ukraine-update-october-2024/#heading-9>. Acesso em: 30 nov. 2025.

VITTE, Antonio Carlos; MORAES, Bryan Marques de. **A Ucrânia e o pivô geográfico de Halford Mackinder: permanências e metamorfoses de um conceito a partir da geografia física.** In: SENHORAS, E. M. (Org.). *Ucrânia sob fogo cruzado: a geohistória de uma guerra*. Boa Vista: Editora IOLE, 2022. p. 13-36.

WALKER, Nigel. **Conflict in Ukraine: A timeline (current conflict, 2022-present).** Research Briefing CBP-9847. London: House of Commons Library, 28 nov. 2025. Disponível em: <[commonslibrary.parliament.uk](https://commonslibrary.parliament.uk)>. Acesso em: 29 nov. 2025.

WATERHOUSE, James; GOZZI, Laura. **State of emergency declared as Ukraine launches raid into Russia.** BBC News, [S.l.], 9 ago. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cm2n9y4nm3lo>. Acesso em: 30 nov. 2025.

WORLD BANK. **GDP (current US\$) — Russia.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=RU&start=2000>. Acesso em: 1 dez. 2025.